



# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO – PPG  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V  
SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA, MEMÓRIA E  
DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

**JERUZA JESUS DO ROSÁRIO**

**MARISQUEIRAS E PESCADORAS:**

**O Cotidiano na Reserva Extrativista Baía do Iguape - Bahia**

**Dissertação entregue junto ao Programa de Pós-Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional - UNEB, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, sob a orientação de Prof. Dr. Charles D’Almeida Santana.**

**SANTO ANTONIO DE JESUS-BAHIA**

**ABRIL - 2009**

R789 Rosário, Jeruza Jesus do.  
Marisqueiras e pescadoras: o cotidiano na reserva extrativista baía do Iguape-BA/ Jeruza Jesus do Rosário - 2008.  
127 f.: il

Orientador: Prof. Dr. Charles D'Almeida Santana.  
Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado da Bahia, Programa de pós-graduação em Cultura Memória e Desenvolvimento Regional, 2008.

1. Pescadoras. 2.Colônias de Pescadoras. 3. Trabalho I. Santana, Charles D'Almeida. II. Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional.

CDD: 639.2092

Elaboração: Biblioteca Campus V/ UNEB  
Bibliotecária: Juliana Braga – CRB-5/1396.



## DEDICATÓRIA

Às primeiras leituras de cunho feminista,  
ainda criança,  
motivadas pela minha mãe Tereza,  
que desde cedo me sensibilizaram,  
evidenciando que o caminhar de muitos grupos,  
os chamados excluídos,  
ainda se fazia longo  
na busca de melhores perspectivas de mundo.  
À Geografia,  
À crença no modo sustentado de vida.  
Ao Homem e à Mulher existentes em cada um.  
Às bravas e encantadoras mulheres trabalhadoras da maré!

## AGRADECIMENTOS

Ao cosmos infinito pela força...

Foram horas a fio na tentativa de levar as ideias ao papel, da melhor maneira possível, no objetivo de que o esmero valesse a pena, frutificando e servindo à sociedade, por apostar em perspectivas positivas...

À Família, aos amigos queridos de todas as horas: minha grande e divertida terapia nos momentos em que o cansaço insistia em bater!

Ao meu irmão Eduardo e à amiga Taíse pela ajuda valiosa...

À Tiane, Rute, Léo e Aline, colegas do mestrado que se tornaram amigos inesquecíveis...

Aos professores do Programa por dividirem seus conhecimentos e vivências.

À Patrícia Maria Prado, musico-terapeuta e professora de dança, pelo despertar das discussões e vivências acerca do feminino, que, sem dúvida, ajudaram a semear a feitura deste trabalho.

Muito obrigada às admiráveis pescadoras e seus familiares, pelos quais fui muito bem recebida sempre. Agradeço muito a atenção, o cuidado e a seriedade dispensados, o que os fizeram brilhantes em seus papéis de co-autores destas páginas.

À professora Ely Estrela pela introdução aos caminhos da História Oral, disciplina tão lembrada nas saídas à campo, e pelo auxílio de sempre.

Muito obrigada à força inspiradora da ciência geográfica, tendo como representantes os grandes amigos Catarina e Zulmiro, professores e geógrafos admiráveis, faróis importantíssimos na minha formação como Educadora, Professora de Geografia, sobretudo, por levarem às salas de aula e às suas vidas, as riquezas e singularidades todas que nos chegam na observação das relações entre o indivíduo e seu meio.

Muito obrigada ao professor Charles Santana, a quem terei sempre como modelo a lembrar, não somente pelo conhecimento partilhado ainda em sala, nem somente pela competência, mas também pela sensibilidade, respeito e liberdade a mim confiados na orientação deste trabalho.

Muito Obrigada por tudo!!!

*“Foi caminhando na lama e navegando no mar que tudo eu pude aprender, principalmente a me amar e a respeitar o meu próximo. Tudo o que eu quero é vencer, mas jamais deixar de ser pescadora, nem na eternidade, porque se lá tiver mar, lá eu também vou querer pescar.”*

Roquelina Almeida – Pescadora e Poetiza

## RESUMO

Este trabalho procura retratar o cotidiano de pescadoras da Reserva Extrativista (Resex) Marinha Baía do Iguape, localizada no Recôncavo Sul Baiano. Na busca pela sobrevivência, estas mulheres adaptaram-se às exigências e regras da lógica do capital, resultando na atual luta pela valorização de sua atividade pesqueira e pelas suas garantias trabalhistas. Observa-se que a inserção da mulher na atividade pesqueira acontece sem o devido reconhecimento de seu trabalho e da definição de seus direitos. Nesse espaço, elementos como solidariedade, laços culturais e memórias ajudam a construir a identidade dessa população feminina. Tem-se, desse modo, uma ideia da percepção global e holística do mundo e dos homens, que se dá a partir de trocas simbólicas e relações que se acumulam nas práticas cotidianas. O contato com a riqueza natural da região, assim como o interesse pelas vivências do mundo simbólico das pessoas ouvidas, direciona a pesquisa para os aspectos culturais marcantes dessa população. No levantamento das histórias narradas do cotidiano da mulher pescadora em seu espaço de vivências, evidencia-se a indissociabilidade entre espaço e tempo.

**Palavras – chave:** Cotidiano; Pescadoras; Trabalho; Vivências

## ABSTRACT

This work brings the daily lives of the fisherwomen in the Iguape Bay Marine Extrativist Reserve located in the South Recôncavo of Bahia. In the search for the survival, these women adapted themselves to the requirements and rules of the logic of the capital, and as a result we have the current fight for the value of their fishing activity and for their working guarantees. We observe that the insertion of women in the fishing activity, happens without the acknowledgment of their work and the definition of their rights. In this space, items such as solidarity, cultural ties and memories help to build the identity of the female population. So, an idea of comprehensive and holistic perception of the world and men that is from exchange and symbolic links that accumulate in daily lives. The contact with the wealth of the region, sharpened from the experiences of the symbolic world from other people, directs the research to the important cultural aspects of this population. In the survey of histories told from the daily lives of the fishing women in their space of experiences, what it evidences that we can not separate space and time.

**Key-words:** Daily Lives; Fisherwomen; Work; Experiences

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> - “Baía de Todos os Santos e Baía do Iguape” .....	22
<b>Figura 02</b> - “Reserva Extrativista Baía do Iguape” .....	23
<b>Figura 03</b> - “Mapa da Reserva Marinha Baía do Iguape” .....	25
<b>Figura 04</b> - “A pescadora e seus filhos: o cotidiano da mulher e mãe na pesca” .....	38
<b>Figura 05</b> - “Pescadora da Baía do Iguape: assim o trabalho é feito” .....	45
<b>Figura 06</b> - “Percebe e Vive: o olhar particular sobre seu lugar” .....	58
<b>Figura 07</b> - “Cuidadora, Educadora e Socializadora: a maré dá o tom” .....	66
<b>Figura 08</b> - “Vista do manguezal em Maragojipe” .....	68
<b>Figura 09</b> - “Zelo pelo manguezal: zelo pela própria vida” .....	86
<b>Figura 10</b> - “Vidas e saberes dão o tom do dia-a-dia” .....	89
<b>Figura 11</b> - “Esperanças de transformação de velhas formas de ser e viver” .....	108
<b>Figura 12</b> - “Alegrias e ofício: o prazer do “saber-fazer” ” .....	108

## **LISTA DE SIGLAS**

**APA** - Área de Proteção Ambiental

**ARIE** - Área de Relevante Interesse Ecológico

**BTS** – Baía de Todos os Santos

**CAR** – Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional

**CEB's** - Comunidades Eclesiais de Base

**CONAPE** - Conselho Nacional da Aquicultura e Pesca

**CPP** – Conselho Pastoral dos Pescadores

**CRA** – Centro de Recursos Ambientais

**ESEC** - Estação Ecológica

**FLONA** - Floresta Nacional

**GÉRMEN** – Grupo de Recomposição Ambiental da Bahia

**IBAMA** – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais

**IBDF** - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal

**IBENS** - Instituto Brasileiro de Educação e Negócios Sustentáveis

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**ICMBIO** – Instituto Chico Mendes e da Biodiversidade

**INCRA** - Instituto Nacional de Reforma Agrária

**MARENA** – Projeto de Pesquisa em Manejo da Biodiversidade na Reserva Extrativista  
Marinha Baía do Iguape, Bahia

**MDA** - Ministério do Desenvolvimento Agrário

**MN** - Monumento Natural

**PARNA** - Parque Nacional

**PNEA** - Política Nacional de Educação Ambiental

**RDS** - Reserva de Desenvolvimento Sustentável

**REBIO** - Reserva Biológica

**REFAU** - Reserva de Fauna

**RESEX** – Reserva Extrativista

**REVIS** - Refúgio de Vida Silvestre

**RPPN** - Reserva Particular do Patrimônio Natural

**SEAGRI** – Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária

**SEDES** - Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza

**SEI** – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais

**SEMA** - Secretaria Especial de Meio Ambiente

**SEPLANTEC** – Secretaria de Estado do Planejamento e da Ciência e Tecnologia

**SNUC** – Sistema Nacional de Unidades de Conservação

**SRH**- Secretaria de Recursos Hídricos

**UFBA** – Universidade Federal da Bahia

# SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>14</b>
<b>1. VIVÊNCIAS DE LUTA E TRABALHO.....</b>	<b>20</b>
1.1 A área de estudo.....	20
1.2 “Levo a vida na batalha”: Trabalho e direitos.....	33
1.3 O trabalho duro e difícil conscientiza a pescadora e a prepara para a vida.....	44
<b>2.VIVÊNCIAS NO ESPAÇO, PERCEPÇÕES DO ESPAÇO.....</b>	<b>54</b>
2.1 Espaço de memórias.....	54
2.2 Aprendizados, ensinamentos, a pesca: “Enlaçados que nem raíz de mangue” .....	63
2.3 Espaço apropriado simbolicamente .....	71
<b>3. CAMINHOS RUMO À SUSTENTABILIDADE.....</b>	<b>83</b>
3.1 Biodiversidade e saberes.....	83
3.2 A Resex.....	93
3.3 Interpretando o mundo na vida que se vive.....	102
3.4 Mulher e sustentabilidade.....	105
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>116</b>
<b>FONTES E REFERÊNCIAS.....</b>	<b>121</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nesta pesquisa, retrato o cotidiano das pescadoras em seu espaço, a percepção de si próprias nele e a relação delas com o meio ambiente. Através da observação do espaço vivido, e sob o prisma da ciência geográfica, procuro diagnosticar a representação desse ambiente como cenário de vida e de trabalho, assim como o papel dele como mediador na transmissão de conhecimentos.

O estudo desenvolve-se na Baía do Iguape, especificamente nas localidades de Maragogipe, Nagé e Coqueiros. Esta pesquisa se justifica pela necessidade de análise da evolução do papel da mulher na sociedade com enfoque na atividade pesqueira feminina dentro de uma reserva extrativista, a Resex Baía do Iguape. A Resex, conforme definição do IBAMA, “é uma Unidade de Conservação destinada à exploração auto-sustentável e conservação dos recursos naturais renováveis por populações nativas e extrativistas. Tem como propósito garantir a terra às famílias nativas e extrativistas, conservar os recursos naturais por meio de sua exploração sustentável, organizar, capacitar ou fortalecer o processo de organização dos moradores para a co-gestão com o IBAMA dos espaços e recursos naturais, e implementar alternativas de renda que propiciem a melhoria da qualidade de vida das famílias que habitam na área”.

Neste estudo, pretende-se apreender as pescadoras a partir de suas memórias, considerando-as como sujeitos delineadores de cultura, e agentes transformadores do seu espaço. Estudar as mulheres trabalhadoras da maré numa reserva extrativista evidencia meu interesse pela temática de meio ambiente, que ganhou impulso maior quando, na época da minha graduação no curso de Urbanismo pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, desenvolvi estudos acerca da gestão participativa em áreas ambientais protegidas no Parque Metropolitano de Pituáçu. Ainda em paralelo com meus estudos na graduação em Geografia, ingressei no Projeto de Pesquisa de Manejo de Recursos Naturais na Baía do Iguape — o Projeto Marena — coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Catherine Prost, do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, onde iniciei minhas observações sobre as pescadoras e seu cotidiano, em conjunto com a literatura sobre gênero, sobretudo, a mulher trabalhadora.

Pelas experiências nas duas instituições, verifico o quão importante é o papel da universidade em animar tanto técnica quanto cientificamente os processos relacionados à educação ambiental, conforme prescrito na forma da Lei 9.795/99. O Projeto Marena, em específico, haja visto os trabalhos realizados na Baía do Iguape, tem como objetivo analisar a

Resex e interagir com as comunidades no debate ao funcionamento da Resex Marinha Baía do Iguape, o que motiva o empenho e estudo de seus colaboradores nessa linha.

Vale registrar que, para este estudo, trago a utilização do termo pescadoras com referência às mulheres trabalhadoras na maré, devido à relevância do fato de que muitas delas realizam a pesca propriamente dita, além da mariscagem. Faz-se também necessária a consideração de que a atividade da pesca abrange desde os procedimentos iniciais, como a preparação dos apetrechos necessários à atividade da cata ou pesca, até ao beneficiamento do produto.

A percepção que a mulher pescadora tem de si e do desenvolvimento de seu trabalho, constitui um cotidiano de aprendizados e lições que se espraia pelo espaço em que vive. Neste ambiente, são mulheres, mães e trabalhadoras que fazem de suas vidas fontes de ensinamentos que se propagam infinitamente através das memórias e experiências vivenciadas na Baía do Iguape. Cada uma, ao seu jeito, vive, adapta-se e produz cultura, principalmente pelo seu trabalho na pesca, realizado com orgulho, e pela relação íntima com a natureza que ele implica.

A mulher pescadora na Baía do Iguape enfrenta dificuldades diversas advindas da realidade integradora de uma reserva extrativista. A população da Baía do Iguape traz em seu bojo os saberes constituídos pelos antepassados, os quais são perpetuados pela transmissão de tradições. Esses saberes contam com a importante participação da figura feminina, figura esta que estimula a ter um maior cuidado com o meio ambiente natural e humano e reforça os laços de afetividade que unem as pessoas ao meio ambiente.

A metodologia empregada para a realização da pesquisa, primordialmente na estruturação da pesquisa de campo, está baseada na realização de entrevistas semi-dirigidas junto às pescadoras e pessoas ligadas ao seu cotidiano, assim como levantamento cartográfico, fotográfico e documental nas localidades.

Utilizo como fontes desta pesquisa as pescadoras da Baía do Iguape, pessoas ligadas ao seu cotidiano (tanto homens como mulheres), fotografias de arquivos pessoais, exame de documentos da colônia de pescadores, observação de campo, registro por fotografia e informações coletadas em órgãos públicos como BAHIA PESCA, CAR, SEI, CRA, GERMEN, IBGE e SEAGRI. Embora não tenham sido abordadas neste trabalho, foi muito importante conhecer sobre os tipos de atividades que acontecem para além das fronteiras da Resex Baía do Iguape.

Nessas entrevistas, fiz uso da investigação das memórias das pescadoras, pois parto do princípio que a memória se alimenta de uma materialidade, uma espécie de coleção de

imagens presentes que a memória lembra e reconstitui em relação ao lugar, objeto ou sentimento. Como pesquisadora, verifiquei a importante arte do *escutar* e creio ter conseguido *enxergar* a mulher pescadora em seu universo à maneira como pode ser, pois creio ser essa a essência deste estudo. Com as pescadoras, procurei buscar o máximo de sensibilidade para poder perceber as falas, os gestos, o olhar, o modo como se faziam as divagações, a fim de apreender mais do que, simplesmente era dito.

O desenvolvimento desta pesquisa se fez a partir das vivências partilhadas por elas, pelo fato de que, somente a partir de suas histórias, é que se faz o norteamento de minhas reflexões e interpretações. As narrativas das pescadoras utilizadas para esta pesquisa têm servido de ponto de partida para a interpretação de fenômenos sociais e de acontecimentos históricos e para a compreensão do modo como se dá a produção dos espaços.

Para este estudo, foram utilizados valiosos depoimentos como o da pescadora e poetiza Roquelina Almeida, mulher que desde muito cedo aprendeu a arte da lida na pesca e na vida, vivenciando as dificuldades do “*ser pescadora*” e mãe de três filhos. Erivaldo Santos, pai de Roquelina, também colaborou grandemente com este trabalho ao partilhar suas vivências na pesca na Baía do Iguape. Conhecido como S. Miúdo, este velho pescador já aposentado testemunhou muitas das mudanças ocorridas na atividade pesqueira e na vida de pescadoras e pescadores, sobretudo, no que se refere às garantias trabalhistas.

Outra grande colaboradora desta pesquisa foi D. Benedita Oliveira, pescadora e ex-funcionária da Suerdiek, revelando as vantagens e desvantagens do trabalho fora da maré. Trazemos também as memórias de D. Edna Santos sobre os tempos difíceis da época na qual, sendo ela única mantenedora do sustento familiar, muitas vezes precisou contar com a solidariedade da vizinhança para alimentar seus filhos, tendo em vista a dependência total das condições naturais de seu meio, o manguezal.

Já com as pescadoras D. Eulina Souza e D. Regina Célia Santos, temos reafirmada a preocupação com a conservação de seu meio e o elo com seus lugares de origem e de vida, a consciência de seus fundamentais papéis como multiplicadoras de seus saberes ambientais, assim como a importância do “saber – fazer” na pesca.

O tripé teórico que utilizo neste trabalho corresponde basicamente às linhas de pensamento da Geografia Cultural, do Ecofeminismo e da Sustentabilidade.

Quanto à Geografia Cultural especialmente, utilizo-me das produções de Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl, ambos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Os estudos em cultura dentro da Geografia avançam ainda de maneira tímida, mas se fazem imprescindíveis para a demanda de análises sobre o espaço e a sociodiversidade que

nos avizinha na atualidade. Vejo a produção desses pesquisadores como um material de primeira ordem para que se possa fazer um estudo condizente com o tema desta dissertação e com a delicadeza necessária à análise do cotidiano das pescadoras. Também me utilizo do trabalho de Yi Fu Tuan que trata com propriedade da Topofilia, da Geografia Humanística e da riqueza da Fenomenologia.

No que tange ao Ecofeminismo, trago a física quântica Vandana Shiva, fomentando as discussões acerca do pensamento ecofeminista que tomam vigor nos anos de 1970, década divisora de águas nos assuntos relacionados ao pensamento ecológico. Esta linha teórica faz a relação da opressão e da exploração sofridas pelas mulheres de modo análogo ao sofrido pela natureza frente à sociedade, corroborando também com este pensamento autoras como Díaz Muñoz e Emma Silliprandi. Em paralelo, utilizo as contribuições de autoras que tratam da mulher na história, através do aprofundamento em memória social, a exemplo de Maria Odila Dias, Michelle Perrot, Mary del Priore e Simone Maldonado

Vale registrar aqui e congratular as possibilidades trazidas pela História Oral. Esta área do conhecimento se desenvolveu, foi retrabalhada e utilizada como tal a partir das décadas de 1970 e 1980, mas há muito sendo utilizada como mais um modo de se fazer História, tendo em vista que estamos impregnados das memórias do que vivemos e do que não vivemos. O embasamento teórico referente à História Oral está representado nesta pesquisa pelas riquíssimas considerações sobre o uso da memória de Ecléa Bosi. Desde os anos de 1970, faz-se clara a importância de busca do passado, tendo em vista que este serve como aporte para a compreensiva leitura da atualidade. Até por uma questão de contraponto à modernidade imposta, a reconstrução do passado se faz necessária tornando possível revitalizar o papel da memória que é o de ser um elo entre passado, presente e futuro. A história oral se vale de testemunhos rastreando a formação da memória coletiva a partir da infância, geralmente, referenciados na família.

O fato de que as localidades estudadas fazem parte da Reserva Extrativista Baía do Iguape – onde se dá o cotidiano das pescadoras – é fator determinante para a existência de conflitos entre a população tradicional, seus costumes e a realidade de necessidade de conservação ambiental. Temos, então, presentes questões relativas à sustentabilidade, ou seja, a continuidade dos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade humana, que prediz a participação comunitária na definição do manejo da área protegida e dos principais atores interessados. Ela implica a mudança de uma participação mais passiva/consultiva, para uma forma de participação mais interativa e mais distribuidora de poder. Para esta questão da sustentabilidade, trago as inovadoras contribuições de autores como Edgar

Morin (por sua abordagem sobre a Teoria da Complexidade), Di Ciommo (que discute as relações de gênero frente às questões ambientais) e Juan Bordenave (com seu trabalho acerca da participação popular). Uso também como pressupostos teóricos Henrique Leff e Antonio Diegues, em suas abordagens sobre as populações tradicionais em áreas protegidas.

Esta dissertação está organizada em três capítulos. No capítulo 1, trago a caracterização da área de estudo, bem como o modo como as mulheres desenvolvem seus trabalhos na maré, a busca crescente pela garantia de seus direitos trabalhistas e como o seu trabalho reverbera em seu cotidiano. Com o capítulo 2, tem-se o privilegiar das memórias das mulheres pescadoras que se espraiam pela Baía do Iguape e da forma como se dá a apropriação de seu espaço através de símbolos, de suas vivências e percepções.

Por fim, o capítulo 3 traz um detalhamento maior do que vem a ser uma reserva extrativista e suas bases legais frente às necessidades das populações que lá vivem. Essas populações têm uma consciência cada vez maior quanto aos seus direitos sobre o seu território.

Observa-se que boa parte do apoio a esses grupos faz-se oriundo do resultado da crença de que as comunidades tradicionais estão mais próximas da natureza e são motivadas por uma ética de conservação. Essa ética de conservação está, vejo eu, calcada nos paradigmas de imaginário, topofilia, relação sociedade *versus* natureza, visão holística, espiritualidade, afetividade, cultura e ecologia social, entre outros. Melhores perspectivas se delinearam nas últimas décadas, já que se desenvolveram bastante e positivamente as pesquisas sobre “povos tradicionais”, sobretudo sobre os desafios e conflitos em que estão inseridos, numa perspectiva interdisciplinar, construindo assim interfaces entre as ciências sociais e as ciências da natureza<sup>1</sup>. Mais recentemente, a partir dos anos 80, têm sido valorizados os saberes ambientais de grupos indígenas e populações tradicionais, mas com uma orientação bem nítida, proveniente do debate sobre preservação de ecossistemas e biodiversidade. Tornou-se extremamente importante, para intervir na crise ecológica, conhecer práticas e representações de diferentes grupos, visto que eles conseguiram, ao longo do tempo, elaborar um profundo conhecimento sobre os ecossistemas nos quais vivem e trabalham, conhecimento que lhes garantiu, principalmente, a reprodução de seu sistema social e cultural, seu modo de vida. Os sistemas tradicionais de manejo não são somente formas de exploração econômica dos recursos naturais, mas revelam a existência de um

---

<sup>1</sup> CASTRO, Edna. Faces do Trópico Úmido. Florence Pinto. 1997. p. 165.

complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, de mitos e símbolos que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais.

O tema desta pesquisa suscita a importante discussão sobre inserção da mulher na atividade pesqueira, que se realiza sem o devido reconhecimento de seu trabalho e de seus direitos. De modo geral, somente elas próprias reconhecem sua condição de pescadoras<sup>2</sup>, realidade esta que evidencia o grau de “invisibilidade” do trabalho destas. A partir de suas experiências na busca da sobrevivência, essa mulher pescadora assume as rédeas na construção de seu espaço de vivências e de trabalho e vem construindo o seu próprio caminho, em busca de vida melhor para as atuais e futuras gerações.

Procuro dirigir esta pesquisa rumo à compreensão do modo de desenvolvimento de culturas de localidades como a Baía do Iguape, tão enraizadas no mundo natural, encantadas por seus mitos, explicações mágicas e tradições seculares. Quiçá até mesmo motivar o repensar das relações entre Homem e meio natural, tendo a mulher como indivíduo de representação no processo do “despertar do mundo”. Esta reavaliação de conduta frente à vida, se dá no momento em que as atenções se voltam para a segurança planetária em suas dimensões geográficas, tendo em vista os problemas que se colocam em pauta face às questões referentes à sustentabilidade do planeta.

Nesta pesquisa, defendo a superação dos formatos e modos de análise do feminismo da igualdade. Sustento, portanto, a ideia de que as mulheres não são homens e, de acordo com as discussões que se fazem em prol do respeito à diversidade, não somos melhores nem piores: somos mulheres e homens em uma relação complementar. Alcançar-se-á, espero, a superação das correntes que pretenderam uma inversão da dominação, correntes estas fruto de discussões insuficientes sobre a construção dualística de mulher/natureza e cultura/natureza<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup>As mulheres trabalhadoras na maré na Baía do Iguape, consideram-se pescadoras mesmo que não “embarcadas”, o contrário do que acontece com os homens, que segundo elas próprias nas entrevistas, só consideram-se “pescadores” quando fazem uso de algum tipo de embarcação como a canoa, por exemplo.

<sup>3</sup> PLUMWOOD, Val. Feminism and Ecofeminism: Beyond the Dualistic Assumptions of Women, Men, and Nature. *Feminism and Ecology. Society and Nature*, Littleton: Agis, v.2, n.º1, 1993, p. 36-51 apud DI CIOMMO, Regina Célia. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. *Rev. Estud. Fem.*, jul./dez. 2003, vol.11, no.2, p.423-443.

## 1.0 VIVÊNCIAS DE LUTA E TRABALHO

### 1.1 A ÁREA DE ESTUDO

A Resex Baía do Iguape destina-se, principalmente, à proteção dos manguezais: possui a extensão de 8,8 mil hectares, 35% destes formados por manguezais (2,8 mil hectares) e o restante de águas mistas (doce e salgada) pertencentes aos os municípios de Maragogipe e Cachoeira. Localizada na região Oeste do Recôncavo Sul Baiano, a oeste da Baía de Todos os Santos (BTS). A Resex Baía do Iguape possui aproximadamente 42.000 habitantes<sup>4</sup> e sua economia local gira em torno da pesca artesanal, da agricultura do fumo e da agricultura familiar.

A Baía de Todos os Santos, por sua vez, é considerada como área núcleo da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica<sup>5</sup>, a maior Baía do Brasil com 1.100 km<sup>2</sup> de extensão. A BTS, na qual a Resex Baía do Iguape está localizada, caracteriza-se por exuberantes manguezais nos estuários dos rios Paraguaçu, Subaé, Jaguaripe, Cobre, dentre outros, em mais de sessenta por cento de seu perímetro. Apresenta uma riqueza de flora e fauna com paisagens de costões rochosos e praias arenosas, restingas e apicuns e agrega duas pequenas baías em seu interior: a Baía do Iguape e a de Aratu. Envolve as águas e o conjunto de ilhas da Baía de Todos os Santos, sendo suas 54 ilhas pertencentes aos municípios de Salvador, Madre de Deus, Candeias, Simões Filho, São Francisco do Conde, Santo Amaro, Cachoeira, Saubara, Itaparica, Vera Cruz, Jaguaripe, Maragogipe e Salinas da Margarida.

A BTS apresenta extensas áreas de manguezais ainda bem conservados, principalmente na região da contra-costa da Ilha de Itaparica, na Baía de Iguape, em Salinas da Margarida e Jaguaripe, remanescentes de Florestas Ombrófila (Mata Atlântica) em ilhas como Itaparica, Frades, Matarandiba, Fontes, Bimbarras e Monte Cristo, e recifes de corais na costa das ilhas de Itaparica, dos Frades, Maré e na Laje da Ipeba.

Conforme a Secretaria de Meio Ambiente do Estado da Bahia (SEMA)<sup>6</sup>, a BTS tem como principais conflitos ambientais a pesca com explosivos; lançamentos de efluentes domésticos e industriais, a ocupação desordenada do solo, o desmatamento, a disposição

---

<sup>4</sup> IBGE. Brasil - 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro. IBGE, 2000.

<sup>5</sup> GÉRMEN-Bahia. Grupo de Recomposição Ambiental. Baía de Todos os Santos. Disponível em: <http://www.seia.ba.gov.br/noticias.cfm?idnoticia=3491>. Acesso em: 15 abr. 2008

<sup>6</sup> BAHIA. Secretaria do Meio Ambiente. Disponível em:

<http://www.meioambiente.ba.gov.br/conteudo.aspx?s=APATODOS&p=APAAPA>. Acesso em 20 ago. 2008.

inadequada de resíduos sólidos, a caça predatória, o extrativismo descontrolado de crustáceos e moluscos e a ocupação de áreas de preservação permanente.

Figura 01: Baía de Todos os Santos e Baía do Iguape



Fonte: Grupo Gérmen/Bahia, 2005.

Figura 02

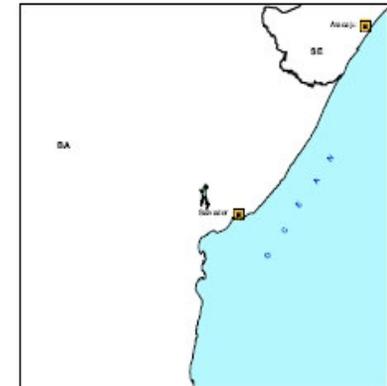
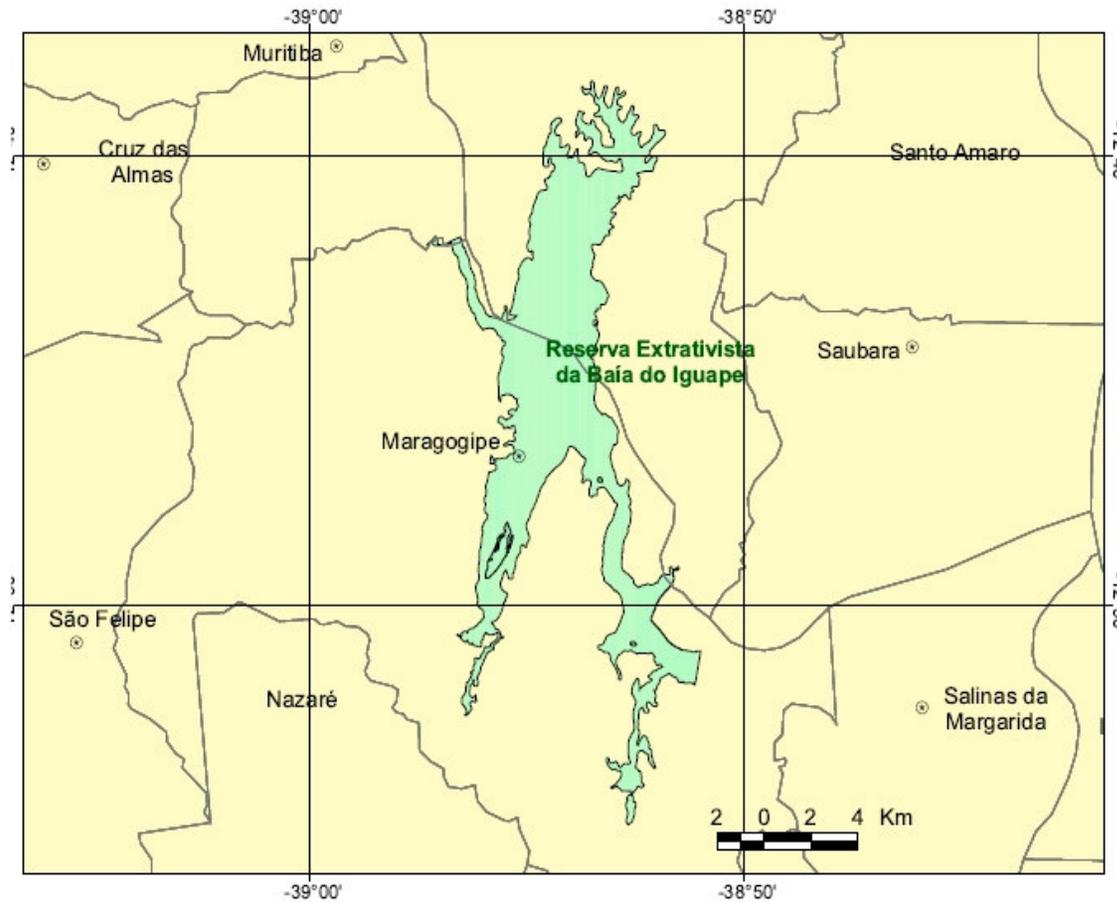
JNIDADES DE CONSERVAÇÃO  
FEDERAIS NO BRASIL

- Localização no Brasil -



MMA - MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE  
IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente  
e dos Recursos Naturais Renováveis  
CNPT - Centro Nacional de Populações  
Tradicionais e Desenvolvimento Sustentável

**Reserva Extrativista da Baía do Iguape**



A Baía do Iguape, por sua vez, é um grande lagamar bordado por manguezais extensos em bom estado de conservação, segundo informações da Gerência de Reservas Extrativistas Marinhas do IBAMA<sup>7</sup>. Está localizada na Folha SD\_24-X-A-IV publicada pelo Departamento de Cartografia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Situa-se no rio Paraguaçu, justamente onde deixa de correr margeado por montanhas, após passar pelas cidades de Cachoeira e São Félix antes de encontrar a sua foz na Baía de Todos-os-Santos.

Em torno da Baía do Iguape estão localizados 20 comunidades que compõem a população da Resex. Nesta pesquisa, utilizo como base de análise Maragojipe e os distritos de Coqueiros e Nagé ao norte da sede, conforme o mapa a seguir:

---

<sup>7</sup> BRASIL. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Reserva Extrativista Marinha da Baía de Iguape – BA. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/resex/iguape/iguape.htm>. Acesso em: 10 abr. 2008.



No período colonial, a Baía de Todos os Santos e os rios navegáveis do seu entorno foram elementos significativos na integração dessas cidades e de alguns povoados. Por ser o canal mais fácil de circulação das mercadorias, a BTS foi responsável pela localização de inúmeros engenhos, capelas, mirantes, fortes, etc.

No caminho do rio Paraguaçu, encontra-se o sítio de São Roque do Paraguaçu, onde se destaca o forte de Santa Cruz. Na fazenda Salamina existem ruínas do aqueduto, casa e cais do antigo Engenho Novo. Encontra-se o Convento de São Francisco que domina a paisagem formada por manguezais e por uma das últimas reservas da Mata Atlântica. Nessa reserva desfruta-se de riachos, cachoeiras e fauna e flora peculiares. Tem-se aí, a cidade de Maragojipe, uma das primeiras vilas do Recôncavo Baiano, que se destaca pela ambiência colonial e apresenta inúmeros monumentos – igrejas, casa de Câmara e Cadeia, sobrados, mirantes, etc. Suas casas mais antigas datam da época em que a província foi dividida em capitâncias hereditárias por volta de 1530.

Segundo o ICMBio, o rico acervo histórico-cultural dos municípios da região encontra-se em estado de degradação. O Convento de São Francisco e o Forte da Salamina, alguns dos primeiros construídos no Brasil e anteriores ao Forte de Salvador, são exemplos de obras em estado de preservação precário. Diante deste quadro, espera-se que a criação da Reserva possa desenvolver o turismo no local e estimular sua restauração arquitetônica<sup>8</sup>. Em contrapartida, o meio ambiente da Resex Baía do Iguape encontra-se em bom estado, incluindo ecossistemas aquáticos e florestais, dentre eles, destacando-se o ecossistema de manguezal nas margens da Baía do Iguape que sofre constante influência das marés.

O Recôncavo Baiano foi, desde seus primórdios, uma região de base agrícola, que durante muito tempo teve sua produção exportada para a capital pelas águas da Baía de Todos-os-Santos, com destaque para o açúcar durante o período colonial, e para o fumo, na virada do século XIX para o XX, sobretudo em Maragojipe. A produção do tabaco começou a declinar na década de 50 até a extinção total no início dos anos 90. Passada por uma grave crise econômica, a região busca novas alternativas para a revitalização de sua economia, vislumbrando como uma delas o turismo<sup>9</sup>.

Maragojipe, atualmente, não apresenta a mesma importância econômica de outrora. Possui, entretanto, áreas naturais de grande beleza cênica que, aliadas a uma expressiva arquitetura do período colonial e a um rico conjunto de manifestações culturais, propiciam o

---

<sup>8</sup> ISA, Valéria Macedo. Governo Cria Reserva Extrativista Marinha na Bahia. Disponível em: <http://www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=988>. Acesso em: 17 ago. 2001.

desenvolvimento do turismo como alternativa uma alternativa ao fomento de crescimento do município. O Censo do IBGE em 1988 mostrou a população de Maragojipe, principal cidade da área, de aproximadamente 41.000 pessoas; em 1991 havia 38.5000 e em 1996, 36.000, número que se repete em 2002.

No município de Maragojipe existem 22.888 pessoas alfabetizadas, sendo 70% a taxa de alfabetização. Dentre o total da população, 71,6% das pessoas possuem menos de 8 anos de estudo, e 39% delas são analfabetas adultas. Considere-se ainda que 63,7% estão na linha de pobreza. De 1991 a 2000, o IDH cresceu 16,54%, passando de 0,544 em 1991 para 0,634 em 2000. Conforme o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, a região de Maragojipe é de médio desenvolvimento humano. Ocupa uma situação ruim frente aos outros municípios do Brasil: ocupa a 4.034<sup>a</sup> posição, sendo que 4.033 (73,2%) estão em situação melhor e 1.473 (26,8%) em situação pior ou igual. Em relação a outros municípios do Estado, Maragojipe apresenta situação intermediária, ocupando a 163<sup>a</sup> posição, sendo que 162 municípios (39,0%) estão em situação melhor e 252 municípios (61,0%) estão piores ou iguais.

O declínio da atividade mercantil foi superado na virada do século XX pela instalação de filiais das fábricas de charutos Dannemann e Suerdieck, dando novo impulso à economia local e gerando um novo ciclo de desenvolvimento para o município. A indústria fumageira se transformou no alicerce da economia de Maragojipe, mas com o fechamento das fábricas, há alguns anos, grande parte da população que lhes servia como mão-de-obra ficou desempregada, dando início a um novo período de decadência econômica que prossegue até os dias de hoje.<sup>10</sup>

Atualmente, a base econômica de Maragojipe é essencialmente primária, agrícola, concentrada em poucas culturas de baixo valor agregado, com o amendoim, laranja, batata doce, feijão, banana, coco-da-baía, manga, dendê, tangerina, pimenta e limão, segundo dados da SEI/SEPLANTEC 2000. A pecuária é pouco desenvolvida no município. O rebanho mais numeroso é o bovino. O fechamento de sua única fábrica de charutos em 1991, a Suerdieck (que teria chegado a empregar 4.500 pessoas da região), aliado à falta de alternativas econômicas, resultou em duas situações distintas. Por um lado, estimulou o êxodo; por outro, provocou o aumento do esforço de pesca (horas de pesca por dia), agregando mais extrativistas a uma atividade já bastante sobrecarregada. Hoje, o número de pessoas na pesca é de cerca de 8.000, fechando o percentual de 19,04%.

---

<sup>9</sup> TAVARES, Luís Henrique Dias. 1987. História da Bahia, 8<sup>a</sup> ed. Editora Ática: São Paulo. p. 357.

<sup>10</sup> idem. p. 367.

A pesca é uma atividade tradicional, sendo a atividade pesqueira e a mariscagem atividades com alta importância social com características de subsistência no município. Parte da produção excedente é vendida para Salvador, sem, no entanto, se constituir um fluxo significativo de renda. Grande parte dos pescados é negociada por atravessadores que compram a preços baixos e revendem a preços muito mais altos.

A pesca local é feita de forma artesanal e coletiva – em pequenas embarcações ou canoas – com a utilização de instrumentos rústicos como rede, monzuá, camboa-de-pau, camboa-de-rede e gruzeira, todos confeccionados na própria região. Entre as espécies capturadas, destacam-se o robalo, a tainha, o xangó, o papa-terra, a arraia e o martelo. Além de Maragogipe, sede municipal, os distritos de Coqueiros e Nagé também apresentam um grande potencial marisqueiro com ostras, siris, caranguejos e mapés, os frutos do mar mais catados.

O distrito de Coqueiros conta com uma população de 4.130 habitantes, sendo 2.066 homens e 2.064 mulheres<sup>11</sup>. Além da pesca e da mariscagem, é exercido o artesanato de barro, com a fabricação de panelas, tigelas, pratos. Essa atividade que mobiliza mulheres de pescadores constitui um potencial que pode ser desenvolvido através da agregação de mais valor aos produtos, sendo, portanto, outro fator a contemplar no quadro do manejo dos recursos naturais. Esta diversificação na atividade surge como algum incremento da renda. Em Nagé, com seus 2.965 habitantes, sendo 1.518 homens e 1.447 mulheres exercendo principalmente a pesca de camarão e a mariscagem, a população mantém-se bastante atenta aos conflitos existentes na Resex.

A pesca e a mariscagem são favorecidas por serem praticadas em áreas de manguezal. Os manguezais são ecossistemas desenvolvidos nas áreas de transição entre os meios terrestre, fluvial e marítimo. São formações pioneiras que predominam em áreas pedologicamente instáveis em função do enriquecimento do solo ribeirinho por deposições aluviais e lacustres. Nos médio e baixo trechos da Bacia do Rio Paraguaçu, esse tipo de formação ocorre em áreas de influência fluviomarinha (manguezal arbóreo). Nas áreas de influência marinha, encontram-se espécies como o Mangue Branco (*Laguncularia racemosa*), predominante na região. Nas comunidades aluviais, a vegetação se constitui de espécies paludícolas<sup>12</sup> e psamófilas<sup>13</sup> e por palmeiras de áreas alagadiças<sup>14</sup>.

---

<sup>11</sup> BRASIL IBGE. Censo 2000. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indicadores\\_sociais\\_municipais/default.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indicadores_sociais_municipais/default.shtm). Acesso em: 14 ago. 2008.

<sup>12</sup> Espécies típicas de solo encharcado.

<sup>13</sup> Densamente ramificadas.

A diversidade de espécies vegetais desse tipo de ecossistema é pequena. As mesmas desenvolveram sistemas peculiares de adaptação para sua sobrevivência nesses meios tão particulares. A vegetação do manguezal, geralmente, constitui-se basicamente de três espécies. Uma delas é o Manguê Vermelho (*Rhizophora cerosa*), que se desenvolve em águas mais salgadas e possui uma profusão de raízes que apresentam pequenos orifícios (lenticelas) pelos quais as plantas respiram. Outra espécie é o Manguê Negro ou Saraíba (*Avicennia schaueriana*), que cresce onde a lama é mais firme e com menos oxigênio, fazendo com que suas raízes cresçam para fora em busca de ar. O terceiro constituinte é o Manguê Branco (*Laguncularia racemosa*) se localiza em terrenos mais arenosos, próximos à terra firme. Em alguns locais pode ocorrer também o Manguê de Botão (*Conocarpus* e *Acrostichum aureum*)<sup>15</sup>.

Os manguezais são hospedeiros de uma fauna rica, e povoados, principalmente, por moluscos e crustáceos. Esse ecossistema é de fundamental importância, tanto biológica quanto social, desempenhando papel vital para o equilíbrio ecológico da zona costeira, por ser rico em nutrientes. É lá que a vida marinha se alimenta e se reproduz e onde muitas espécies de aves encontram alimentos em abundância e refúgio natural para se reproduzirem<sup>16</sup>. Em consequência, tem-se neste equilíbrio ecológico a importância para a população.

Para manter os manguezais, várias iniciativas veem sendo postas em prática. Em consequência disto e pela sua importância, enumera-se, por exemplo, a criação do grupo Cantarolama, grupo musical que tem como fundador-integrante, Carlos Antonio Santos de Oliveira, conhecido como Carlinhos de Tote, morador de Maragojipe e atual coordenador da resex. Outro exemplo é a mobilização da população, também com liderança de Carlinhos de Tote, para fazer o replantio de pés de manguê em Maragojipe. Todas estas iniciativas em prol de preservação do manguezal no município. Maragojipe recebeu o título de “Capital Nacional de Educação em Áreas de Manguezal”, em 5 de maio de 2007, no encerramento do V Encontro Regional de Educação Ambiental em Áreas de Manguezal, realizado em abril do mesmo ano<sup>17</sup>. Maragojipe é pioneira na produção de espécies do manguê para recuperação de áreas degradadas, contando com organizações não governamentais que desenvolvem trabalhos de educação ambiental e preservação como Vovó do Manguê, Centromanguê,

---

<sup>14</sup> TOTE, Carlinhos de. Trajetória. Salvador: Ego BA, 1999. p. 101.

<sup>15</sup> Ab' SABER, Aziz Nacib. Ecossistemas do Brasil. São Paulo: Metalivros, 2008. P. 261.

<sup>16</sup> LEMOS, R. M. 2004. Degradação ambiental causada pela ocupação antrópica em área de manguezal no bairro São Domingos em Ilhéus, Ba. Disponível em:

<http://www.manguezais.vilabol.uol.com.br/literatura/monografia.html>. Acesso em: 22 ago. 2008.

<sup>17</sup> Nossa Cidade - Informativo da Prefeitura Municipal de Maragojipe. Ano 3, nº 1 - Mai. 2007.

Guigui, e sete associações de pescadores e marisqueiras que desenvolvem trabalhos de assistência social às famílias, criação de renda e atividades de conscientização ambiental.

Além dos manguezais, o rio Paraguaçu se destaca pela sua importância sobre a Baía do Iguape. Nome de origem indígena, “paraguaçu” significa “água grande”. Nascido na Serra do Sincorá, na Chapada Diamantina, é o maior e o mais volumoso rio que desemboca na Baía de Todos os Santos, sendo genuinamente baiano. Depois de um curso de 520 km, banha cidades como São Félix, Cachoeira, Maragogipe e as vilas de Santiago do Iguape, São Francisco do Paraguaçu, Nagé, Coqueiros, São Roque e Barra do Paraguaçu. O rio Paraguaçu possui 46 km navegáveis, da foz (Barra do Paraguaçu) até as cidades de Cachoeira e São Félix. Sempre foi um rio bastante piscoso, conforme informam pescadores e pescadoras da região. Suas águas oferecem uma ampla variedade de pescado, que alimenta a população ribeirinha. Peixes e mariscos sempre foram admirados pelos mais finos paladares: robalos, petitingas, curimãs, siris, camarões, pitus, etc.

Na região do Médio e Baixo Paraguaçu, a macrofauna aquática e terrestre é representada por peixes, crustáceos, moluscos, anfíbios, répteis, mamíferos e aves. A ictiofauna da região é constituída de acari, o apaiari, o curimatá, o jundiá, o pirocuca, a piranha, o robalo, a tainha, a tilápia, a traíra, o tucunaré-Açu e o tucunaré-Pinima<sup>18</sup>. Os robalos são peixes de água salgada que freqüentam as áreas de mangue para se alimentarem e efetuarem a desova. Eles podem ser encontrados desde as barras até o curso de água formador, vários quilômetros acima da foz. Já o tucunaré, a traíra, a tilápia, a piranha e o apaiari são todas espécies de água doce.

A carcinofauna dos rios é restrita, sendo a variedade de camarões abundante na região. Os principais são a aratanha, o camarão de água doce, o caranguejo e o pitu. Embora o camarão-canela seja uma espécie nativa do Amazonas, é a espécie de crustáceo mais abundante da região. Ocorre em várias localidades do Rio Paraguaçu, sendo capturado habitualmente com instrumentos artesanais como jequis, jererês, puças e até latas. São vendidos nas feiras livres locais<sup>19</sup>. Já a captura do caranguejo possui caráter de subsistência para um grande número de famílias que vivem nas áreas de mangue da região estuarina do Paraguaçu. A molacofauna<sup>20</sup> da região está representada pelos gastrópodes<sup>21</sup> (aquáticos e

---

<sup>18</sup> TOTE, Carlinhos de. Op. cit. p. 101.

<sup>19</sup> Idem. p. 107.

<sup>20</sup> Tipo de fauna representada pelos animais de corpo mole.

<sup>21</sup> Os gastrópodes aquáticos são moluscos que a maior parte das vezes são providos duma concha dorsal espiralada, e que vivem nos mares (búzio), na água doce ou nos lugares úmidos (caracol, lesma).

terrestres) e bivalves<sup>22</sup>. Os gastrópodes permanecem preferencialmente em locais de pequena correnteza, possibilitando sua fixação às rochas. Dentre as espécies comestíveis, estão a ostra, o mapé, o sururu, o sarnambi, o chumbinho, a lambreta e o mirim.

Com a instalação do Complexo da Barragem de Pedra do Cavalo, responsável pelo controle das cheias do Paraguaçu, o rio passou a ter mais uma utilidade, como a de responder pelo abastecimento de água todo o Recôncavo, Feira de Santana e a Grande Salvador. Entretanto, como toda intervenção, irremediavelmente houve impactos no meio ambiente, que até hoje não foram responsabilmente avaliados.

Por exemplo, desde a construção da barragem, cuja inauguração se deu em 1985, a atividade da pesca foi prejudicada pela redução de peixes na região. Com a implantação do complexo de Pedra do Cavalo, as águas do Baixo Paraguaçu foram salinizadas, uma vez que a cunha salina encontra menor resistência, fazendo desaparecer algumas espécies que outrora eram abundantes. Esta, inclusive, é uma queixa frequente entre a população que sobrevive da pesca. Acrescente-se a isso, o processo de assoreamento na cabeceira do rio, a inundação das margens assim como o desaparecimento de uma parte do mangue, segundo o Grupo Germen<sup>23</sup>. Todavia, do ponto de vista da salinidade da água, uma nova situação de estabilidade ecológica foi construída desde a construção da barragem. Em compensação, o funcionamento de uma central hidrelétrica, compromete novamente a atividade pesqueira alterando irregularmente a salinidade da água<sup>24</sup>.

Com o declínio econômico pelo qual passaram as relações comerciais que envolviam o Recôncavo Baiano, a produção da pesca ainda se mantém viva nessas localidades pois decrescem as alternativas de emprego na região. A pesca é desenvolvida de forma artesanal e realizada, fundamentalmente, com o emprego de embarcações de pequeno porte, movidas a vela ou a remo, utilizando uma tecnologia de pesca pouco desenvolvida, constando de linha e rede de espera<sup>25</sup>. Embora prevaleça essa situação (que revela condições da atividade regional), a pesca e a mariscagem assumem uma considerável importância em virtude do grande contingente de trabalhadores (homens e mulheres) envolvidos. Segundo levantamento da Bahia Pesca, realizado em 2002, na Baía do Iguape, estima-se um total de 6.646 pescadores e 2.226 marisqueiros que correspondem, respectivamente, a 26 e 21% do total do estado. A

---

<sup>22</sup> Os bivalves são organismos que caracterizam-se pela presença de uma concha carbonatada formada por duas valvas. Esta concha protege o corpo do molusco.

<sup>23</sup> GERMEN. Baía de Todos os Santos. Disponível em: <http://users.peacelink.it/zumbi/org/germen/tsantos.html>. Acesso em: 18 ago. 2008.

<sup>24</sup> PROST, C. Efeitos da barragem da Pedra do Cavalo sobre a pesca artesanal na baía do Iguape, 2007.

quantidade mensal estimada de pescado é de 328 t, equivalentes a 7,94% da produção baiana, seguida por 269 t de crustáceos e 35 t de moluscos, que representam, respectivamente, 19,21% e 15,58% do total do Estado<sup>26</sup>.

Em meio ao contexto apresentado anteriormente, está a Resex Baía do Iguape, na qual vivem as mulheres pescadoras, sujeitos de estudo desta pesquisa. As Reservas Extrativistas (Resex) possuem algumas peculiaridades quanto a sua criação e funcionamento. Cabe, por isso, algumas considerações quanto a sua organização.

A Resex tem respaldo legal do SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação), Lei nº 9.985 de 2000, e é definida como uma UC (Unidade de Conservação) de Uso Sustentável. Por tratar-se de uma área de domínio público, os terrenos particulares incluídos em seus limites devem ser desapropriados. No caso da Reserva Marinha da Baía de Iguape, porém, tal medida não foi necessária, já que a UC em estudo é composta exclusivamente por águas e manguezais, que são propriedade da União.

A Resex Baía do Iguape, criada pelo Decreto-Lei de 11 de agosto de 2000 com a finalidade de dar suporte à população na extração da fauna marinha de modo sustentado, é uma iniciativa do governo federal em parceria com o ICMBio sob demanda da população extrativista local. Conforme o decreto que a cria e a declara de interesse ecológico e social, a criação da Resex tem por objetivo garantir a exploração auto-sustentável e a conservação dos recursos naturais renováveis tradicionalmente utilizados pelos habitantes locais. O uso coletivo da área se dá mediante a regulamentação do uso dos recursos naturais e dos comportamentos a serem seguidos pelos extrativistas<sup>27</sup>. A gestão de cada resex é de responsabilidade de um Conselho Deliberativo, que deve atuar em cogestão pelo ICMBio e ser composto por representantes de outros órgãos públicos, organizações da sociedade civil e populações residentes no local.

A visitação pública na resex é permitida, desde que seja compatível com os interesses locais e acordada com o Plano de Manejo na área, aprovado pelo Conselho Deliberativo. A pesquisa científica também é permitida e incentivada, devendo, porém, ser autorizada pelo órgão administrativo da Unidade e sujeito às normas previstas em seu regulamento. Por fim, é proibida a exploração de recursos minerais e a caça.

---

<sup>25</sup> MMA/IBAMA/CPEPNE/BAHIA PESCA S.A. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Estado da Bahia – 1998. Tamandaré. 1999.

<sup>26</sup> BAHIA. Secretaria de Agricultura. Bahia Pesca. Boletim da Pesca Marítima e Estuarina - Estado da Bahia. Relatório Técnico. Tabelas. 2002.

<sup>27</sup> BRASIL. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Reserva Extrativista Marinha da Baía de Iguape – BA. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/resex/iguape/iguape.htm>. Disponível em 10 abr. 2008.

Não obstante existam normas legais que orientem o extrativismo na área, a pesca e a mariscagem na região estão sendo progressivamente ameaçadas pela ação predatória de diversos grupos sociais. Entre eles, destaca-se o desmatamento de encostas dos morros circundantes à baía para pastagens de grandes fazendas, o que contribui ao aumento da erosão das encostas e de conseqüente assoreamento da baía e demais rios. A ausência de saneamento básico dos municípios da bacia hidrográfica do rio Paraguaçu assim como a infiltração de elementos químicos derivados da agricultura nos lençóis freáticos da bacia representam os grandes fatores da poluição hídrica do rio Paraguaçu, principal curso d'água que deságua na Baía do Iguape. Entre os pescadores, observa-se também certas práticas predatórias como a pesca com malha muito fina e a pesca com bombas. Mas convém lembrar que os dois primeiros fatores, desmatamento e poluição hídrica, têm por origem atividades de lógica exógena à resex, sendo os impactos negativos considerados como “externalidades” para os agentes causadores. Elas, no entanto, têm afetado diretamente os recursos pesqueiros, alterando a cadeia alimentar da fauna e da flora locais. É neste ambiente que se dá o cotidiano das pescadoras da Baía do Iguape, o qual iremos analisar adiante.

## **1.2 “LEVO A VIDA NA BATALHA”: TRABALHO E DIREITOS**

Dados do ICMBio<sup>28</sup> e da Colônia de Pescadores de Maragogipe e de Santiago do Iguape nos mostram a existência de um universo de cerca de 8.000 trabalhadores na pesca em toda a Baía do Iguape. Em Maragogipe, são associados, aproximadamente, 3.500 pescadores entre homens e mulheres, sendo mais de 50% deste corpo de associados composto por mulheres. O número de pessoas associadas à Colônia vem crescendo, conforme as informações da presidente da Colônia, Roquelina Almeida, o que indica que cresce também o nível de organização e acesso a direitos entre estes trabalhadores. Em 1997, 21,04% dos pescadores encontravam-se associados contra 78,96% não associados. Porém, dados mais recentes apontam 43,75% de adesão, ou seja, um acréscimo de 22,71% de associados do ano 1997 a 2008. Em uma década, um crescimento de mais de 100%.

A inserção da mulher na atividade pesqueira se fez, entretanto, sem o devido reconhecimento de seu trabalho e de seus direitos. Historicamente, na busca pela

---

<sup>28</sup> Visitas de campo realizadas no período de 23 a 27 de setembro de 1997 por técnicos do CNPT/IBAMA para aplicação de questionário direcionado à população marisqueira e pescadora atuante na Baía do Iguape apud TOTE, Carlinhos de. op. cit. P. 93.

sobrevivência, as mulheres adaptaram-se às exigências e regras geradas pela competitividade comuns ao processo de *acumulação* e poder *dominante*. Isso resultou em todo um histórico de luta pela igualdade de direitos perante aos homens. Na história dessas pescadoras fica evidente a falta de interesse do poder público em criar condições mais justas de sobrevivência para elas.

É nessa busca pela equidade entre homens e mulheres que podemos perceber a grande participação das pescadoras nas mobilizações realizadas na Baía do Iguape, visando a valorização de sua atividade pesqueira e pelas suas garantias trabalhistas. O trabalho duro e a definição de estratégias de sobrevivência ainda emergem como temas recorrentes em suas trajetórias de vida.

É o que nos conta D. Regina Célia, 57 anos, nascida na cidade de Maragojipe, na comunidade de Baixinha, e que começou a vida de pescadora muito cedo. Em determinada época, mudou de Maragojipe para a cidade de Feira de Santana na tentativa de melhores condições de vida, mas acabou retornando cerca de 5 anos depois. Fala que a vida na pesca é muito dura, mas como é o meio de onde tira seu sustento, o faz com muito gosto: “se for roupa, uma camarada pode te emprestar, mas quem é que vai te emprestar barriga?... eu me considero uma pessoa que luta pelo que quer e levo a vida na batalha e me sinto realizada, feliz”.

Além disso, ela cita a necessidade de valorização do trabalhador na pesca: “o que mata o ser humano hoje é fome..., sem comer ninguém fica..., se as pessoas soubesse valorizar o pescador, dava mais valor ainda.” D. Regina, com seu jeito altivo, aliás, comum entre as pescadoras da Baía do Iguape, evidencia em seu tom a importância dos trabalhadores da maré. Na sua fala, percebe-se o alto valor que atribui ao fato de ser uma trabalhadora da pesca já que desse trabalho viria a garantia do “básico” da vida de todos nós, a garantia de “ter o que comer”. Sabemos que as mulheres assumem muitas atividades. De maneira geral, grande parte dessas atividades está ligada ao cuidar de outras pessoas, das crianças, de pessoas doentes ou idosas, da casa, da limpeza, da alimentação,

Em pesquisa da Fundação Perseu Abramo<sup>29</sup>, averiguou-se que as mulheres que têm parceiro e filhos trabalham mais que as que tem somente filhos. Isso nos dá indícios de que o cuidado das crianças parece não ser igualmente dividido com os homens, e que as mulheres passam boa parte de seu tempo cuidando também de seus parceiros. A sobrecarga de trabalho feminino se deve ao fato de que as mulheres ainda são responsáveis pelo trabalho chamado

---

<sup>29</sup> DI GIOVANNI, Júlia. Agricultura na Sociedade de Mercado – As mulheres dizem não ao livre comércio. Ed. SOF. São Paulo, 2006. p.52.

“doméstico”, composto de tarefas reconhecidas como “tarefas de mulher”. Essa expressão acaba naturalizando o fato de que homens não as executem<sup>30</sup>.

Com as pescadoras, o papel da mulher dentro da sociedade firma-se de modo muito mais abrangente, segundo uma rotina de trabalho matizada por um expressivo esforço físico e, portanto, desgastante por ser realizado em um substrato movediço, enfrentando as diversas condições meteorológicas. Apesar dessas condições difíceis, as relações trabalhistas ainda se apresentam como deficitárias em reparos no que se refere às condições de trabalho feminino na pesca, resultado do histórico das imposições sociais sutis sobre o que seria o dever de toda “boa mulher”. No entanto, as mulheres representam muitas vezes um auxiliar essencial no sustento das famílias.

D. Edna é um bom exemplo dentre tantos outros das que cuidam e sustentam famílias inteiras com o seu trabalho na pesca na Baía do Iguape. É conhecida como “Zinha” em Maragogipe, tem 53 anos, natural de São Roque do Paraguaçu e mãe de 12 filhos: “meus 12 anos eu já pescava, mas quando eu me afirmei mesmo mais pra pescar foi com meus 14 anos e nessa vida eu tô até hoje. Tive meus filhos, criei todos na maré e pra mim, eu não tenho diferencia”<sup>31</sup>. D. Zinha é outro exemplo de mulher que adentrou o mundo da pesca desde muito cedo e que arca com o ônus das dificuldades vivenciadas da pesca feminina.

O trabalho de mulheres como D. Zinha é, por vezes, tido como mera “ajuda”, um trabalho reprodutivo<sup>32</sup>, ou seja, um trabalho de manutenção da vida e reprodução das pessoas. Presenciando o cotidiano das pescadoras, percebe-se que estas realizam o seu trabalho ao mesmo tempo em que cuidam de suas famílias e de suas casas. Mas isto, decerto, não pode ser verificado por produtos, por horas, pois tem sua execução na relação entre as pessoas, onde um fator importante é a disponibilidade. Constitui-se, assim, um trabalho ligado à afetividade. Atualmente, é crescente o número de famílias sustentadas por mulheres. Estima-se que em escala planetária, elas produzem entre 60% e 80% dos alimentos<sup>33</sup> para a própria subsistência e a metade da produção mundial total de alimentos. O trabalho feminino fora de casa é encarado como não natural, posto que, quando se adota a perspectiva masculina, soa como se as mulheres conseguissem entrar num mundo exclusivamente dos homens. As mulheres ainda recebem salários menores no campo e na cidade, chegando ao ponto de que, em alguns casos,

---

<sup>30</sup> idem. p. 53.

<sup>31</sup> Entrevista com a pescadora Eulina Souza, em 05 jul. 2007.

<sup>32</sup> DI GIOVANNI, Júlia. op. cit. p.54.

<sup>33</sup> ibidem, p.55.

o trabalho rural do homem é pago em horas, sendo que o da mulher pago pela produtividade, demonstrando a maior precariedade da situação profissional da mulher<sup>34</sup>.

Esse quadro não se observa na Baía do Iguape. Ali a relação entre as pescadoras e os pescadores da Baía do Iguape ocorre de maneira específica. Elas vêm com muito respeito o trabalho dos colegas homens e a recíproca existe. Eles sempre fazem questão de falar muito enfaticamente sobre a admiração que têm pelo trabalho das colegas. Homem de muita experiência na vida e na pesca, Sr. Erivaldo dos Santos, conhecido com S. Miúdo, pescador de 72 anos de idade, presenciou o desenrolar de muitos processos da questão dos pescadores até hoje, tanto na Baía do Iguape, como em localidades próximas desde a década de 1960:

*ah, a marisqueira..., num dêxo de admirar... nem que eu num tivesse filha nenhuma na mariscagem,... as marisqueiras..., vou te contar..., são umas guerreiras....., primeiro pela coragem de embarcar, ...você não fica no mar se você num tivé costume, se num observar, se num tivé experiência...*

A disposição para o trabalho duro, verificada na luta dia após dia, é percebida e contemplada por S. Miúdo no momento em que ele reconhece que o trabalho na pesca é bem feito pelas mulheres, mesmo com o enfrentamento de todas as dificuldades encaradas como tal pelos próprios homens.

Este reconhecimento do trabalho feminino, exemplificado no relato de S. Miúdo, nem sempre encontra eco em nossa sociedade. A divisão sexual de trabalho traz à tona mais uma das dimensões da tirania do ganho do lucro<sup>35</sup>, abordada por Díaz Muñoz como uma das grandes injustiças em relação ao trabalho feminino em muitas atividades, no presente caso, a pesca. Podemos perceber em nossa volta que muitas mulheres ainda são subjugadas e até desvalorizadas em seu ambiente de trabalho. Muitas delas não encontram espaço para a expressão de seus anseios, tampouco conseguem levantar-se contra às condições que promovem injustiças sociais e econômicas.

Bem verdade é que a mulher, durante a sua vida em sociedade, acentua determinadas características que reconheceríamos como habilidades femininas<sup>36</sup>, mas é necessário muito critério para reconhecer determinadas habilidades e conhecimentos como naturais da mulher,

---

<sup>34</sup> ibidem, p. 60.

<sup>35</sup> DÍAZ MUÑOZ, M. A. e MOYA, J. M. op. cit. p. 95.

a exemplo das tarefas domésticas e do cuidado com o outro. Caso contrário, podemos incorrer no reforço da figura da mulher obrigatoriamente atrelada à ideia de esta ser a única responsável pelo bem-estar de outras pessoas.

De algum modo, as pescadoras da Baía do Iguape são exemplos, como será discutido mais adiante, de mulheres que vêm demonstrando como construir relações de maior solidariedade, mobilização coletiva e modos de resistências, em busca de melhores condições de vida para si e para os seus, através da negociação diária na defesa do ganho do seu sustento e de sua família. Embora as mulheres trabalhadoras da pesca só tenham tido o seu trabalho reconhecido em carteira de trabalho no início da década de 80, a Baía do Iguape mostra-se como uma localidade privilegiada, em que elas vêm tomando as rédeas rumo à conquista da garantia de seus direitos trabalhistas à medida em que se organizam.

Muitas destas mulheres se posicionam de forma engajada na execução de seu trabalho, como o exemplo de Roquelina Almeida, 43 anos, pescadora desde os 10, mãe de três filhos e atual presidente da colônia de pescadores. Ela mostra muita consciência sobre o valor da atividade na pesca e sobre o fato de a mulher ter que dar conta de todas as atividades de seu dia-a-dia: “passa por todo o processo da mariscagem e tem que cuidar de casa, lava roupa, cuida de filho e ainda tem que ter tempo pra ser mulher, pra ser amiga, pra ser mãe...”

Nesta fala, Roquelina tece considerações acerca de sua condição de mulher, trabalhadora e mãe igualmente registrada em imagens fotográficas de seu acervo particular. Essa fotos que, para Kossoy, seriam uma mostra do “próprio passado. Pelo menos aquelas frações do real visível de outrora que foram selecionadas para os devidos registros: os recortes da primeira realidade na dimensão da vida.”<sup>37</sup> Uma serena paisagem da rústica embarcação nas águas do Iguape emoldurando a sintonia da mãe com suas crianças.

---

<sup>36</sup> *ibidem* p. 69.

<sup>37</sup> KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São paulo, Ateliê, 2001. p. 152

### A pescadora e seus filhos: o cotidiano da mulher e mãe na pesca



Figura 04 - Foto: Arquivo pessoal da pescadora Roquelina Almeida.

Entretanto, as lutas das pescadoras não ocorreram apenas sobre as águas da Baía, no interior das canoas, tal como representado na fotografia, mas também nas reuniões da Colônia, nas quais é grande a participação das mulheres. Vejo isso como bastante benéfico já que contribui para a construção de relações de maior solidariedade, mobilização coletiva e modos de organizar resistências. Sempre percebemos uma forte mobilização destas mulheres, algo muito evidente desde o início das pesquisas, constatado, por exemplo, quando estive presente em reuniões para a eleição do conselho deliberativo da Baía do Iguape junto ao ICMBio, órgão co-gestor da Resex. A frequência feminina e o número de mulheres candidatas às vagas de delegados, sempre foram maiores aos dos homens. Elas prosseguem neste ritmo atuante, participativo, onde os benefícios para a sua causa se concretizam através do fato de que muito do que já se conseguiu melhorar deve-se à participação mais efetiva das mulheres na colônia de pescadores. É o que narra D. Benedita, pescadora de 52 anos, que trabalhou paralelamente na pesca e na Suerdieck:

*antes a vida era muito mais difícil. A gente, pra ter carteira assinada, tinha que trabalhar na Suerdieck..., tinha dia que a gente trabalhava de sete horas da*

*manhã e ia até dez horas da noite porque a gente tinha que fazer o mínimo pra recebê o dinheiro, mas Deus sempre me ajudou e eu conseguia*<sup>38</sup>

Segundo D. Benedita, o trabalho na Suerdiek era severamente vigiado, pois a produção tinha que ser alta e, por isso mesmo, o trabalho na empresa nunca foi prazeroso como o trabalho na maré, embora representasse a possibilidade de ter a carteira assinada.

O direito à carteira assinada, como outras conquistas da classe, faz da Colônia de Pescadores também uma organização importante nesta caminhada, pois começa a conquistar o papel de maior diálogo com pescadoras e pescadores, embora assumiu em suas origens postura autoritária. A Colônia de Maragojipe foi fundada em 26 de outubro de 1974 e, de lá para cá, muitas conquistas aconteceram. Uma das maiores conquistas foi o auxílio maternidade para pescadoras, há menos de 5 anos, avalia Roquelina: “com muita dificuldade a gente já conseguiu muita coisa..., eu pari e não recebi nada, mas as de hoje já recebem o auxílio maternidade”. A pescadora, desde que passou a não se submeter à ideia de que os homens é que deveriam estar à frente das lutas trabalhistas, vem fazendo valer suas reivindicações. A exemplo do auxílio maternidade, conforme Roquelina, este direito sempre esteve na pauta de reuniões para discussões sobre as condições de trabalho do povo da maré. Para a mulher trabalhadora na pesca, é importante a garantia de poder dar à luz e cuidar de seu filho nos primeiros meses, sem arcar com os prejuízos de não trabalhar neste período. Visando uma organização cada vez melhor e poder dar suporte à luta de pescadoras e pescadores, atualmente, a casa onde funciona a Colônia passa por melhorias físicas. Reformada e mais organizada, poderá melhor atender aos trabalhadores e trabalhadoras na pesca, segundo informa Roquelina, presidente desde 2004.

Na Colônia, pouca documentação é encontrada. Um maior controle dos documentos em geral vem sendo feito há pouco tempo. Porém, todos os associados possuem sua carteira de trabalhadores da pesca, o registro geral do pescador (RGP), reconhecida pela Secretaria da Pesca (SEAP), que passou a responder pelo Ministério da Pesca. O direito básico do trabalhador de ter sua carteira assinada não era garantido ao trabalhador da pesca. Até o início da década de 1980, a viúva de um pescador não tinha direito à pensão. Só a partir de 1982, as pescadoras passam a ter o direito de se aposentar reconhecidas como pescadoras.

Numa de nossas conversas, Roquelina e S. Miúdo, foram unânimes na ideia de que “falta é informação pra que o povo se organize e busque seus direitos”. A falta de informação

---

<sup>38</sup> Entrevista com a pescadora Edna da Conceição Santos, em 05 jul. 2007.

é um dos entraves apontados por quem trabalha na pesca. Embora que o número de pescadoras e pescadores associados à colônia tenha crescido bastante na última década, o caminho ainda é longo no sentido de que homens e mulheres da pesca se organizem melhor e garantam melhores condições de trabalho.

Há sinais muito animadores da ocorrência de mudanças, ao menos, na consciência e vontade de realização do poder público em prol de beneficiar os trabalhadores da pesca. Em matéria do Correio da Bahia de 17 de fevereiro de 2002<sup>39</sup>, é citado o programa Boapesca que realizou o I Encontro de Trabalho para discussão, avaliação e apresentação de estratégias para a expansão da iniciativa na Bahia, onde se reuniram parceiros do programa, organizações não-governamentais, instituições de fomento, universidades e outros órgãos envolvidos com atividades voltadas para os trabalhadores da pesca artesanal. O Boapesca é desenvolvido em parceria com a Bahia pesca e a ONG Fundipesca.

Outra iniciativa, também do Boapesca, foi o oferecimento de cursos, comemorados com 150 quilos de peixe, resultado da primeira pescaria com redes confeccionadas pelos próprios pescadores, noticiada em 24 de abril de 2003<sup>40</sup>. Esse apoio às pescadoras e pescadores estendeu-se a localidades como São Félix, Taperoá, Aratuípe, Salinas da Margarida, Saubara e Cairu, visando o fortalecimento da organização comunitária e das atividades produtivas, implantação de unidades de beneficiamento, compra de equipamentos, cursos, entre outras atividades.

Tempos atrás, o pescador era tido como um “parasita”, conta S. Miúdo: “foi uma luta tremenda pra colocar o pescador e a marisqueira nesse lugar de hoje...”. Os ganhos na luta por direitos, no caso específico das mulheres, só puderam se tornar reais a partir do momento em que as pescadoras conseguiram sair da condição de “invisibilidade”: “a pescadora luta é por uma vida decente...”, resume Roquelina. As pescadoras passaram a pleitear a garantia de serem vistas e ouvidas como cidadãs trabalhadoras e, sobretudo, reivindicadoras de seus direitos. Os encontros realizados pela Federação de Pescadores foram importantíssimos, avalia Roquelina. Nestes encontros, a participação efetiva das mulheres e de seus questionamentos acerca de seus direitos foram levados da teoria à prática num processo crescente que completa cerca de 20 anos.

Na Baía do Iguape temos números que contam sempre com mais de 50% de participação feminina nas reuniões onde decisões importantes são discutidas e votadas. Essas

---

<sup>39</sup> Programa beneficia marisqueiras e pescadores de seis municípios. Encontro discute expansão da iniciativa que atende 2,6 mil pessoas. Correio da Bahia, Salvador, 17 fev. 2002. Interior, p. 4.

reuniões materializam o desejo de terem seu trabalho reconhecido, assim como a conquista e garantia de direitos como trabalhadoras da maré ao se colocarem como atores sociais participativos, antenados com o que acontece à sua volta, o seu espaço.

Precisam estar atentas, marisqueiras e pescadoras, frente ao longo caminho a percorrer, mesmo em se tratando de direitos já respaldados por lei, a exemplo do seguro-defeso<sup>41</sup>. Em matéria do informativo eletrônico ADITAL - Notícias da América Latina e Caribe, há denúncias de muitos casos em que existe tratamento diferenciado com a mulher pescadora. Isto é confirmado pela Articulação Nacional das Pescadoras, que possui representação no Conselho Nacional da Aqüicultura e Pesca – CONAPE. Muitas vezes, o Ministério do Trabalho registra a mulher como marisqueira para não ter que pagar o seguro<sup>42</sup> posto que não existe defeso para o marisco. Essa questão constitui uma reivindicação recorrente entre as marisqueiras. A regulamentação do defeso implica uma pesquisa biológica acurada para determinar o período de reprodução de uma espécie. Os defesos existentes até hoje só envolvem espécies de alto valor comercial, como o caso do camarão na baía do Iguape, o que não ocorre entre os mariscos coletados. Além do mais, a mariscagem raramente se pratica de modo especializado – a não ser entre os homens, mais inclinados a serem caranguejeiros –; as marisqueiras coletam indivíduos de várias espécies, o que significa estudos biológicos preliminares mais integrados e complexos.

A participação das mulheres segue em perspectivas positivas onde quer que haja possibilidade de discussão de seus interesses, como exemplo, na oficina realizada no início do mês de julho/2007, na localidade de São Roque do Paraguaçu, realizada pelo projeto MARENA.<sup>43</sup> Com a participação de lideranças comunitárias, pescadoras e pescadores, foram repassados resultados da pesquisa do referido projeto à população local entre outras atividades. Nessa oficina, pudemos perceber o desequilíbrio na participação por gênero: 31 pessoas, sendo 27 pescadoras e 4 pescadores. A diferença confirma-se como habitual e sinaliza que as pescadoras se fazem muito mais atuantes, empolgadas e despertas para a busca de melhores condições de vida e trabalho.

Seguramente, oficinas como a realizada pelo projeto MARENA constituem-se como momentos onde podem ser originadas alternativas de ressignificação das relações sociais.

---

<sup>40</sup> Pescadores festejam produção com distribuição de peixes em São Félix. Iniciativa foi possível depois da aquisição de 15 canoas motorizadas. Correio da Bahia, Bahia, 24 abr. 2003. Interior, p. 7.

<sup>41</sup> Benefício dado aos trabalhadores da pesca quando as espécies marinhas estão em período de reprodução.

<sup>42</sup> ARAÚJO, Rogéria. Pescadoras exigem direitos. Disponível em:

<http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=24128>. Acesso em: 29 out. 2008.

<sup>43</sup> Projeto de pesquisa sobre manejo de recursos naturais na Resex Baía do Iguape coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Catherine Prost, IGEO/UFBA.

Milton Santos<sup>44</sup> aborda os atores sociais, definindo as configurações de determinado espaço: o espaço geográfico vai absorvendo as características do tipo de relações que nele são vivenciadas. As pescadoras constroem o seu espaço não apenas quando buscam o sustento, como também quando cuidam do seu meio, de seu lar e de sua família. O modo de realização de seu trabalho materializa propostas que nos levam a refletir numa perspectiva mais humanitária de progresso e de condições mais dignas. A mobilização das mulheres em oficinas, associações e na colônia de pescadores, assim como as formas das práticas sociais em torno da pesca representam importantes elementos na produção do espaço social local.

Não custa lembrar que nas ciências em geral, as temáticas envolvendo o cotidiano, o microssocial e os grupos sociais marginalizados do poder por muito tempo foram consideradas questões de menor importância, principalmente na análise do espaço geográfico<sup>45</sup>. Isto vem reafirmar a urgência de estudos crescentes, assim como da ação coletiva e organizada oportunamente endossada por James Scott, quando este defende que “numa desvantagem estrutural e sujeitos à repressão, tais formas de luta cotidianas podem ser a única opção disponível”<sup>46</sup>. A ciência se pôs de maneira cartesiana, muitas vezes negligenciando os pormenores dos fenômenos sociais, favorecendo a produção do conhecimento de maneira disjuntiva<sup>47</sup>. Mas, hoje já se apresenta muito mais receptiva e sensível que em outros momentos em relação a assuntos como a questão das mulheres pescadoras, dentre outros grupos.

A inserção da mulher no mercado de trabalho ocorreu no momento em que o cenário mercadológico exigiu isto, em condições mais desfavoráveis do que as do homem. Mas, em contrapartida, fez do próprio trabalho uma forma de alavanca que a ajudou de forma muito positiva neste duelo social entre homens e mulheres, pois, segundo Michelle Perrot<sup>48</sup>, esta passou a ser ouvida por contribuir de forma significativa com a renda familiar e ser reconhecida como trabalhadora pela sociedade. É muito importante o conhecimento anelado às vivências, às experiências humanas em seu espaço, favorecendo a construção de estruturas renovadas relacionadas ao saber, ao pensamento e à ação.

Nesse sentido, nota-se o papel relevante de questões relativas à cultura. Nas palavras das pescadoras, elas são determinantes para compreender como se colocam frente ao seu

---

<sup>44</sup> SANTOS, Milton. Pensando o espaço do homem. São Paulo: Hucitec, 1982. p. 28.

<sup>45</sup> MORAES, A. C. Robert. Geografia: pequena história crítica. 18.ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 93.

<sup>46</sup> SCOTT, James C. Formas cotidianas de resistência camponesa. Revista Raízes. Vol. 21, nº 01, jan.-jun./2002. p. 11.

<sup>47</sup> Ver MORIN, Edgar. O Desafio da Complexidade. Extraído do Livro Ciência com Consciência. Editora Bertrand Brasil, 1996.

mundo, às dificuldades cotidianas. Assim, a cultura estabelece “verdades”, através de valores, normas e tradições, fornecendo as bases das posturas de cada indivíduo no seu cotidiano e das negociações no espaço vivido das mulheres, enquanto catalisa o conjunto das práticas sociais, que funcionam como guias dos valores e sentimentos vividos por um grupo social. Como as mulheres participam ativamente da constituição das características típicas de um grupo social, a estrutura social em que elas vivem lhes confere papel, identidade, perspectiva, poder, privilégio e prestígio<sup>49</sup>. O embate travado pelas mulheres, mais eloqüente a partir do século XIX, trouxe grandes avanços no que diz respeito às transformações das relações entre homens e mulheres. Bandeiras das mais radicais tornaram-se parte integrante da sociedade e foram responsáveis por conquistas femininas como: frequentar universidade (ainda que em número aquém do ideal), escolher a profissão, receber salários iguais, candidatar-se a cargos políticos. Todas estas conquistas, um dia, fizeram parte de um sonho distante. Hoje, várias já fazem parte do nosso cotidiano.

Contudo, tem que estar atentos para o fato de que, em geral, quanto maior o grau de pobreza, mais explícita a necessidade da mulher na sociedade como uma administradora de condições de sobrevivência adversas, seja dentro de seu lar, seja atuando na esfera pública<sup>50</sup>. Muitas mulheres acabam assumindo sozinhas todas as responsabilidades dentro de suas casas, resultando em desequilíbrio no trabalho entre homem e mulher. Os cuidados com a casa e com os filhos são postos sob a patente feminina, sem que haja divisão das tarefas com o homem, uma vez que o trabalho doméstico não é considerado trabalho e sim afazeres naturalizados como de responsabilidade feminina.

Em oposição à desarmonia das relações entre homens e mulheres em geral, o cotidiano das pescadoras do Iguape sugere um abrandamento dos conflitos descritos acima depois que as pescadores passaram a adquirir carteiras de pescadores, oficializando legalmente seu ofício e sua fonte de sustento e renda. Na pesca, por exemplo, não importa ser homem ou ser mulher, conta S. Miúdo, com o que concorda Roquelina. Vale muito é o saber observar; a experiência é o que muitas vezes faz a diferença. Além disso, existe uma solidariedade entre extrativistas que ultrapassa a divisão de gênero. Roquelina recorda como isso se processa na prática: “ôh, fulano, tá bom aí? já encheu o balde?... tá não? então vem pra cá..., aqui ta milhó...vem pra cá, que aqui tá dando bem...”.

---

<sup>48</sup> PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. Ed. Contexto, 2007. p.153.

<sup>49</sup> SALDANHA, Iaskara R. R. Espaços, recursos e conhecimento tradicional dos pescadores de manjuba (*Anchoviella lepidentostole*) em Iguape – SP, 2005. p. 28.

<sup>50</sup> DI GIOVANNI, Júlia. Agricultura na Sociedade de Mercado – As mulheres dizem não ao livre comércio. Ed. SOF. São Paulo, 2006. p. 65.

Sempre estavam presentes os maridos, filhos, netos, vizinhos nas entrevistas. A liberdade com a qual falavam as mulheres dá pistas de estar diante de um grupo de pessoas no qual a possibilidade de estar em seu lugar de trabalho e vida peculiar é fator determinante para a atmosfera de cumplicidade existente e de códigos de convivência estabelecidos no dia-a-dia duro da labuta nas águas da Baía. Apesar do reconhecimento masculino do domínio do ofício de pesca pelas mulheres e de sua importância sócio-econômica, as mulheres ainda têm muito que conquistar para chegar a uma real situação de igualdade com os homens. Ainda subsiste um quadro de hegemonia masculina, anunciando que a problemática das mulheres se faz sentir em variados conflitos sociais.

### **1.3 O TRABALHO DURO E DIFÍCIL CONSCIENTIZA A PESCADORA E A PREPARA PARA A VIDA**

A pesca é uma atividade ainda reconhecida como masculina. Em contrapartida, é grande o número de mulheres, como as pescadoras da Baía do Iguape, que sustenta famílias inteiras.

Tradicionalmente, a mulher aparecia somente como ajudante no reparo das redes, no serviço da pesca em terra (retirada do pescado, beneficiamento, distribuição, etc.). O trabalho feminino fora de casa parecia ser invisível, tal como os serviços cuja posição social é de extrema subordinação<sup>51</sup>. Mas elas teriam que alimentar a si, seus filhos, suas famílias de alguma forma, superando limites enquanto criavam estratégias para sobreviver.

D. Benedita, 54 anos, pescadora e ex-funcionária da Suerdieck, tem bastante viva na memória as dificuldades de seu trabalho na maré. É um trabalho árduo que exige uma grande capacidade de resistência das mulheres e crianças, que muitas vezes acompanham suas mães. Sol forte, cortes nos pés e nas mãos, acidentes e lesões, geralmente na coluna, são comuns, já que a atividade necessita do manuseio constante com materiais pontiagudos, como facas, cortantes e muito peso nas costas nas longas caminhadas diariamente:

---

<sup>51</sup> Essa ideia de invisibilidade social tem sido investigada por alguns. Em certo aspecto a ideia de sub-cidadania explorada por Jessé de Souza, na construção social de sub-direitos a brasileiros cidadãos, não cidadãos de fato e

*uma vez, quase que a gente morre afogada..., a gente andava por debaixo do mangue com aqueles sacos de açúcar nas costa, aqueles sacos de pano nas costa e cada buraco que entrava, minha fia, era a lama vinha aqui (mostra a altura dos quadris)..., eu tenho as marca aqui..., e era de calça, de calça comprida, então, quando pegava aqueles sacos cheios, às vezes ela (a filha) pegava aquele saco cheio pra jogar na canoa pra poder vim pra casa..., aí afetou a coluna..., hoje ela tem desvio na coluna, bico de papagaio...<sup>52</sup>*

Elas saem quando ainda está escuro o dia, por volta das 3 ou 4 horas da madrugada. Levam consigo sacos vazios, mantimentos, baldes, panelas, utensílios em geral, necessários para a pesca e cata do marisco.

### **Pescadora da Baía do Iguape: assim o trabalho é feito**



Figura 05 - Foto: arquivo pessoal da pescadora Roquelina Almeida

---

de direito, produz o efeito da invisibilidade social. SOUZA, J. A construção social da subcidadania: para uma Sociologia Política da modernidade periférica. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

<sup>52</sup> Entrevista com a pescadora Benedita Silva, em 05 jul. 2007.

É de se supor que “as imagens oferecem evidência particularmente valiosa dos tipos de trabalho que se esperava que as mulheres realizassem, muitos deles na economia informal que escapa frequentemente à documentação oficial”, lembra Peter Burke.<sup>53</sup> Em canoas ou a pé, curvadas, de cócoras ou sentadas, vão realizando seu trabalho horas a fio no manguezal ou no rio:

*as marisqueiras do Angolá, você vai conhecê-las e vai vê que num é mentira o que eu to falando..., o pessoal caminha de 6 a 7 quilômetro pra mariscar, tem aquele tempo de mariscagem..., com fome, bota aquele saco na cabeça, depois caminha o mesmo tanto de caminho*<sup>54</sup>

As mulheres são capazes de realizar o trabalho duro que é a mariscagem e a pesca. Ao presenciar a labuta delas, pode-se ter noção do quão sacrificante é o desempenho de sua atividade, geralmente, debaixo de sol: “e tem aquele barro que dá trabalho, que gruda, poeira, muita quentura”<sup>55</sup>. Depois de toda essa jornada, ainda precisam estar firmes para dar prosseguimento ao trabalho de beneficiamento do produto.

Ações das prefeituras de Maragogipe e Cachoeira visam minorar o caráter penoso das atividades das pescadoras do Iguape. Em notícia no jornal A Tarde, “marisqueiras e pescadoras dos municípios de Maragogipe e Cachoeira serão beneficiadas com 160 kits, que vão possibilitar melhores condições para o desenvolvimento das suas atividades”<sup>56</sup>. Boa notícia para estas mulheres, tendo em vista as horas a fio de trabalho que vão da extração do pescado ao seu beneficiamento. Segundo o jornal, a ação foi viabilizada por meio de convênio assinado em 23 de outubro de 2008, entre representantes da Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza e do Instituto Brasileiro de Educação e Negócios Sustentáveis no distrito de Coqueiros, em Maragogipe. Vale salientar que o número de kits não é suficiente para atender ao montante de pescadores. A segunda parte do trabalho é o beneficiamento, que mesmo modesto, agrega valor ao seu pescado na hora da venda. Esta etapa leva a mais tempo

<sup>53</sup> BURKE, Peter. *Testemunha ocular: História e imagem*. Bauru, EDUSC, 2004. p. 135.

<sup>54</sup> Entrevista com a pescadora Roquelina Almeida, em 05 jul. 2007.

<sup>55</sup> Idem.

<sup>56</sup> Kits vão beneficiar marisqueiras de Maragogipe e Cachoeira. A Tarde On Line, Bahia, 22 out. 2008. Disponível em: <http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=990336>. Acesso em: 30 out. 2008.

de trabalho, chegando a fazer com que algumas mulheres, tal Roquelina, esqueçam de cuidar de si mesmas:

*vai cuidá do marisco, cuidá de casa, lavá roupa, cuidá de filho... agora a gente pára e pensa: e o tempo que ela tem de ser mulher, e o tempo que ela tem que ter pra ela, que muitas vezes a gente acaba não tendo, entendeu?... eu já cansei de mariscá e quando eu chagava do mangue, eu lembrava que eu não tinha tomado café<sup>57</sup>*

Nessa passagem da entrevista, a narrativa articula o tempo do trabalho com o tempo de ser mulher e com a natureza. É instigante observar o dia-a-dia dessas mulheres e como a natureza é percebida por elas em seu cotidiano. A fala de Roquelina é reveladora: “você já imaginou o que é uma mulher andar com a lama fria na coxa? ...eu acho que isso é um dos grandes desafios pra a mulher no mangue”. Aqui, torna-se possível utilizar como representativo o sentido de ideia, sensação e percepção<sup>58</sup>, tendo em vista o sentido e o valor da experiência vivida.

Ao relacionarmos pescadora, natureza e trabalho, é interessante observar que se estabelece com a natureza uma relação intermediada pelo esforço de seu trabalho. A conquista de uma determinada autonomia – percebida como a capacidade de adaptação frente às necessidades e o modo como as pescadoras respondem à realidade – pode ser compreendida como uma efetiva sintonia em relação ao vivido:

*eu luto muito e sou uma pessoa que consigo tudo porque eu luto. Já fiz muita maré de sair três horas da manhã pra a gente ir mariscá..., quantas vezes eu senti a barriga arder de fome, mas dali mermo a gente pega uma ostra e come..., muitas vezes a gente nem qué comer aquele marisco cru, mas..., não tem o que comer..., muitas vezes o lugar num dá pra a gente fazer um foguinho pra a gente escaldá.<sup>59</sup>*

---

<sup>57</sup> Entrevista citada.

<sup>58</sup> Ver MARIANO NETO, Belarmino, Ecologia e Imaginário. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.

<sup>59</sup> Pescadora Regina Célia dos Santos, entrevista em 05 jul. 2007.

Nas palavras de D. Regina, emerge uma representação do espaço de trabalho da mulher pescadora discriminadora das impressões que essa mulher tem do mundo.

Conforme Ribeiro<sup>60</sup>, podemos encarar essas passagens das entrevistas como o “testemunho do esforço de criação individual, dos condicionamentos sociais, das dimensões culturais, das condições econômicas, dos conflitos éticos e das contradições políticas, que configuram o espaço”. Neste sentido, D. Regina se posiciona de acordo com a responsabilidade assumida, o que ela precisa ser:

*se disser assim: - tenho um trabalho pra você ganhar 100.  
- deixa eu ganhar meus 10 ou 20, mas na maré..., porque eu me sinto mais satisfeita eu na maré de que eu em terra..., eu já tô acostumada...eu to doente, mas tô mais doente porquê?...porque eu tô dentro de casa.<sup>61</sup>*

O cotidiano das pescadoras é a maré, mesmo tendo o seu companheiro em casa dividindo com ela as responsabilidades de um lar. São o esteio da família, pois são elas que têm a responsabilidade diária, continuada, do cuidado e da educação dos filhos.

Além dos desafios da lida na pesca, as dificuldades econômicas também são inúmeras, e normalmente há solidariedade entre os pescadores. As redes de sociabilidade fazem parte das estratégias de sobrevivência diária. Nas entrevistas, a exemplo das palavras de D. Zinha a seguir, sempre há referência à solidariedade existente entre eles:

*pescadô sempre foi assim um com o ôto, num tem diferençia, não, nem cum home, nem cum mulé..., se chega aqui e diz:  
-Zinha, tem uma rede pra puxar ali.  
Eu vô, num tem diferençia cumigo..., ninguém vai se ousá, se alterá com a pessoa, o trabalho d’agente é assim..., um sempre ajuda o ôto., aqui é mermo que todo mundo irmão.<sup>62</sup>*

---

<sup>60</sup> RIBEIRO, Luis Felipe. Geometrias do Imaginário. Santiago de Compostela: Edicións Laidvento, 2000. p.1.

<sup>61</sup> Entrevista citada.

Evidenciando também essa particularidade da sociabilidade entre pescadoras e pescadores, temos D. Edna, 56 anos, desde os oito na profissão e ex-funcionária da Suerdieck. Ela é chamada de “máquina” pelas colegas de profissão na pesca por ser considerada uma pescadora muito ágil e rápida. D. Edna conta que muitas vezes, sem ter com o que alimentar sua família, teve que contar com a solidariedade dos vizinhos até que conseguisse vender o marisco. No dia-a-dia da pesca, as dificuldades sempre foram grandes, principalmente, na época em que seus filhos eram pequenos, mas mesmo assim, nunca se deixou tomar pela aflição e pela tristeza:

*quando vô maricar mais minhas filhas todas, o pessoal já diz... lá vem com as “máquinas” todas (risos)..., a gente canta, a gente dança, a gente conta caso, a gente samba, quando a gente tá mariscando e passa um terno, um bloco, até uma lata véia que tiver batendo a gente tá dançando e dando risada...<sup>63</sup>*

Assim, o ato de mariscar surge representado como a centralidade da vida. Nesse mesmo sentido, Roquelina afirma que “uma mulher pescadora é extremamente preparada para conduzir uma família”, por conta da labuta em administrar as dificuldades diárias e a vida do trabalho no manguezal. Trata-se de uma simbiose entre a vida dentro de casa e o manguezal, que se reflete no zelo com que trata o seu meio. É como se o manguezal e a família representassem fontes de vida que têm impossível dissociação entre si, sendo necessário muito “jogo-de-cintura” e pulso firme em ambas as situações.

É a mesma Roquelina quem declara que:

*foi caminhando na lama e navegando no mar que tudo eu pude aprender, principalmente a me amar e a respeitar o meu próximo. Tudo o que eu quero é vencer, mas jamais deixar de ser pescadora, nem na eternidade, porque se lá tiver mar, lá eu também vou querer pescar<sup>64</sup>*

---

<sup>62</sup> Entrevista com a pescadora Eulina Santos, em 06 jul. 2007.

<sup>63</sup> Entrevista com a pescadora Edna Santos, em 05 jul. 2007.

<sup>64</sup> Entrevista citada.

Ao que tudo indica, Roquelina corrobora com as reflexões de Milton Santos<sup>65</sup> quando considera que o lugar em que vivemos funciona como o teatro insubstituível das paixões humanas, que vai se firmando pelas manifestações espontâneas e criativas das pessoas. É na vida, no trabalho de todo dia, que as pescadoras constroem suas vidas e fundamentam a sua existência. A partir dos aprendizados coletados no prosseguir da vida, elas revelam o respeito por si próprias, pelas pessoas que dão vida ao seu cotidiano e pelo lugar em que vivem em consequência da ideia que fazem de si.

Atentando para os modos de ser, nas caminhadas pelo Iguape, tenho contato com os jeitos singulares dessas admiráveis mulheres em suas casas. Nos lares, é inegável o capricho percebido no enfeitar os cômodos com muitas plantas, flores e cortinas que denunciam a doçura e a feminilidade. Carismáticas, alegres e falantes, elas têm uma maneira especial de ser e de se comportar típica de quem vivencia os sacrifícios e as ternuras cotidianamente. Não deixam, contudo, de exercer o papel de cidadãs, participando ativamente de reuniões da colônia de pescadores e eventos outros ligados à reserva extrativista.

O trabalho feminino funciona como alavanque para a construção de resistência social, já que, cada vez mais, um contingente cada vez maior de mulheres constitui um grupo que cresce em busca de direitos que existam não só no papel, mas também na prática. Estas mulheres buscam promover uma vida mais justa, permeada por valores como cidadania e solidariedade.

As pescadoras têm consciência de seu valor enquanto mulheres, enquanto trabalhadoras e como construtoras de seu espaço. Reconhecem-se como batalhadoras em seu cotidiano, identificam problemas e potencialidades, o que possibilita uma análise da realidade natural, cultural e social referenciadas em suas práticas cotidianas.

D. Regina exhibe um jeito singular e cheio de propriedade na sua reflexão sobre a situação de miséria no mundo: “a gente vê muita coisa, a televisão..., se as pessoas soubessem a arte da pesca, tanta gente não tava passando fome no mundo”. Sobre esse modo de perceber o seu espaço, seu lugar, Lefebvre analisa: “A práxis se revela também como totalidade”<sup>66</sup> e, por isso, “a análise da vida cotidiana envolve concepções e apreciações na escala da

---

<sup>65</sup> SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo/razão e emoção*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.

<sup>66</sup> LEFEBVRE, H apud SANTOS, Milton. Ed. Hucitec, São Paulo, 1996. p. 28.

experiência social em geral”<sup>67</sup>, resultando em “uma apropriação profunda e uma compreensão imediata”<sup>68</sup>.

Isso enriquece a vida cotidiana na Baía do Iguape de novas dimensões e ajuda na verificação de que a produção do conhecimento acadêmico pode e deve se libertar de uma série de modelos e práticas tradicionais de pensar o complexo inter-relacional entre humanidade e meio-ambiente já citado. Faz-se necessário o entendimento sobre a riqueza dos ecossistemas ambientais e o modo como os seres humanos interferem, representam e se apropriam do ambiente natural do qual fazem parte e como absorvem isso para suas vidas.

Ainda com D. Regina, a pescadora busca um futuro sonhado de uma vida melhor, que envolve o suprimento de carências materiais, imateriais, políticas e de cidadania e para isso, elabora novas formas no intuito de burlar as dificuldades diárias face ao seu potencial:

*a vida é dura, mas a gente tá lutando pra ter..., ninguém pense que ter nada fácil é bom, não, porque não é bom..., me vejo uma mulher feliz e realizada também, ...às vezes tem problema, mas eu passo por cima e tô indo..., a pessoa que sabe pescar num passa fome*<sup>69</sup>

Nesta passagem da entrevista com D. Regina, ela sinaliza a importância da luta para a sua vida. Mesmo sendo o trabalho sacrificante, difícil, desgastante, é ele que a dignifica, que dá sentido ao resistir às dificuldades. O ofício lhe traz a segurança da sobrevivência apesar de tudo.

O estudo do cotidiano das pescadoras ratifica a linha de análise desta pesquisa, que procura discutir o entendimento do Homem e de sua condição. Este pensamento se faz possível tendo em vista as contribuições da Geografia Humanística<sup>70</sup>, já que esta se volta para a leitura dos significados e dos símbolos. Essa corrente da Geografia traz o espaço percebido como presente, diferente do espaço representativo da geometria e da ciência. Nas perspectivas mais tradicionalistas, o espaço é algo dimensional que se expressa através de uma representação, enquanto, pelo prisma da Fenomenologia<sup>71</sup>, o espaço é o contexto cuja compreensão envolve a consideração de aspectos do presente, do passado e do futuro. A maior preocupação da Geografia Humanística é a de valorizar a experiência do indivíduo ou

---

<sup>67</sup> idem, p. 28.

<sup>68</sup> SARTRE, Jean Paul. O Existencialismo é um Humanismo. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 207.

do grupo, visando compreender o comportamento e a maneira de sentir das pessoas. Aqui, em especial, podemos aprender muito com Roquelina:

*agora tem uma coisa: em contato com a lama, você sente uma coisa dentro de você, faz o teste da humildade..., (...)...eu sou feliz porque nunca vi a lama como uma coisa fedida, mas sim, como uma geração de vida que sustenta outras vidas e, inclusive, a minha vida<sup>72</sup>*

A relação que Roquelina faz entre lama e humildade faz o sutil, mas eficaz gancho para a possibilidade de atentarmos para valores que se sedimentam e animam nas pessoas o pensar que ultrapassa o senso comum e desperta para enxergar além, a busca de conquistas maiores. Essas mulheres estão buscando construir seus próprios rumos e saídas para garantir uma vida melhor para as atuais e futuras gerações. O comportamento que expressa a valorização de si próprias e a afetividade pelo espaço em que vivem traz os modos de viver e de existir destas mulheres em consonância com o meio ambiente e sua complexidade. A luta pela sobrevivência, os desafios todos enfrentados como, por exemplo, o reconhecimento profissional e a luta pelos direitos trabalhistas, as dificuldades em exercer a sua função de mulher como indivíduo ativo dentro de uma sociedade, as preparam.

Do século XIX até aqui, podemos constatar a fragilização e, em muitos casos, a eliminação de muitas das regras oriundas da dominação masculina. Esse avanço deve-se ao empenho de mulheres que se inquietaram, quiseram e conseguiram sair das clausuras domésticas e, gradativamente, se fizeram escutar, com o apoio paralelo e anônimo de tantas outras até os dias atuais. Assim, a significativa participação das mulheres da Baía do Iguape nas reuniões da colônia de pescadores, nas reuniões de formação do conselho deliberativo quando da implantação da Resex, nos traz “o momento de consciência que aparece quando os indivíduos e os grupos se desfazem de um sistema de costumes, reconhecendo-os como um jogo ou limitação”<sup>73</sup>. Nas palavras de Milton Santos, vê-se o quanto se faz frutífera a libertação das mulheres de costumes seguidos anos a fio. Estes costumes somente levavam à

---

<sup>69</sup> Entrevista citada.

<sup>70</sup> CARVALHO, Wilson Sérgio de Carvalho. Raízes da Ecologia Social: o percurso de uma ciência em construção. Rio de Janeiro. EICOS/IP/UFRJ, 2005. p. 204.

<sup>71</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 350.

<sup>72</sup> Entrevista citada.

<sup>73</sup> SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. São Paulo: Nobel, 1987. p. 64.

reafirmação cotidiana da dominação masculina. As pescadoras despertam para a necessidade de se posicionarem de modo politicamente mais atento com vistas à busca de melhorias para si, para os seus e para os lugares onde vivem, primordialmente.

A aquisição de novos modos de pensar e interagir no mundo deve ocorrer sem medo de romper com paradigmas e dogmatismos há muito consolidados, tendo em vista o quão importante é a formulação de novos modos de produção de conhecimento que prestigiem a reflexão e a análise de forma crítica. Esta aquisição se faz urgente visto a complexa relação entre seres humanos e seu ambiente, necessitando a contribuição de diferentes áreas de conhecimento<sup>74</sup>.

Entre as pescadoras, seu viver materializa a vontade de enfrentar o futuro e suas intempéries sem romper com o lugar e, dali, extrair a continuidade da vida.

---

<sup>74</sup>Ver CARVALHO, Wilson Sérgio de Carvalho. Raízes da Ecologia Social: o percurso de uma ciência em construção. Rio de Janeiro. EICOS/IP/UFRJ, 2005.

## 2.0 VIVÊNCIAS NO ESPAÇO, PERCEPÇÕES DO ESPAÇO

### 2.1 ESPAÇOS DAS MEMÓRIAS

Na busca por informações na Colônia de Pescadores, observei que ela funciona como uma organização, seguindo padrões atuais para documentos como atas de reuniões e fichas de pescadoras e pescadores associados. Existe também um arquivo de fotografias que começa agora a ser feito, nascido do desejo de melhor documentar a vida da Colônia. Cogitei a possibilidade de que a não documentação fosse uma estratégia de resistência da cultura oral em relação a um outro tipo de cultura não plenamente dominado. Tal forma de organização funcionaria como um meio de controle coletivo que os aglutinaria ainda mais nos elos feitos pela memória. Todos no Iguape se conhecem, a identificação ainda se dá pela memória coletiva, como nos diz Havelock<sup>75</sup>, uma comunicação entre as pessoas do tipo “pessoal, econômica, sem pressa e até certo ponto reflexiva”. Não se nega contudo que a documentação de maneira mais sistematizada ganha valor no mundo da pesca pelo fato de que seus profissionais, atualmente, já sentem vantagens até para uma melhor organização da própria categoria profissional. As lembranças ocorrem como uma composição da memória a partir do coletivo, da família, do contato com o outro. É nesse contexto que se desenvolve a minha investigação sobre o cotidiano das pescadoras<sup>76</sup>. Nas memórias gravadas, não são poucas as mudanças que vêm ocorrendo. Conforme S. Miúdo, as mesmas não são apenas relativas a questões de formato da organização da colônia, dos pescadores enquanto categoria, mas sobretudo, ao meio ambiente:

*me sinto feliz em ter filho e filhas pescador, mas a coisa tá mudando por mar e por terra..., o produto tá acabando..., do que eu já extraí aqui, da lama do mangue pra economia da família...,vô te contá..., se fosse hoje, todos morria de fome.*

---

<sup>75</sup>HAVELOCK apud Olson, D. e Torce, N. Cultura escrita e oralidade. São Paulo: Ática, 1995. p.20

<sup>76</sup> Ver FERREIRA, M de Moraes e Armando J. (org.). História Oral Usos e Abusos. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora. 1996.

É muito interessante observar que, ao tempo em que S. Miúdo se diz feliz por ter filhos e filhas na pesca, com alívio, pondera sobre o fato de que, se hoje, houvesse a necessidade de sobreviver da pesca, os filhos teriam passado fome.

De cima de seus 72 anos, sabe bem o que fala quando se refere ao quanto a Baía do Iguape já se modificou em termos de produção na pesca:

*lugar que era fonte, hoje só tem água se chover e empoçar..., onde era seco, tá encharcado, onde era brejo, tá seco..., eu não sei porque, mas tá tudo se modificando...um monte de espécies que hoje já não panho mais..., uns diz que foi a Vottorantim, ôtros diz que foi o asfalto...,...o que é certo é que ficam jogando culpa por cima de culpa..., eu não sei se tô certo, mas, pra mim, é o produto, o agrotóxico que estão colocando na lavoura e a água da chuva quando vem, leva tudo de bom e de ruim pra maré.*

Nessa passagem do depoimento, podemos apreender um dos ângulos da riqueza de se trabalhar com memórias, que se dá por conta de serem elas relativas por sofrerem interpretações variadas. Ratificando este pensamento, Alistair Thomson<sup>77</sup> afirma que “alguns historiadores às vezes não levavam em conta as várias camadas da memória individual e a pluralidade das versões sobre o passado fornecidas por diferentes narradores.” Existem, realmente, muitas versões, interpretações diversas sobre diferentes aspectos das vidas das pessoas. “As lembranças do grupo persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada”<sup>78</sup>, argumenta Ecléa Bosi. As pessoas estão extremamente envolvidas em suas vidas, em suas memórias e tudo é um emaranhado muito complexo de muitas histórias e de muitos modos de perceber o que acontece a sua volta.

O ser humano deseja e reage afetivamente aos acontecimentos do meio. A vontade como desejo, ação e criatividade, intenção de procura, de percepção, ou sentir sensorial e emocional. Pode, sim, permitir uma comunhão entre natureza e sujeito, onde a afetividade possibilita um reagir aos acontecimentos.

<sup>77</sup> THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. Ética e História Oral. Projeto História nº 15, Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História – PUC/SP. São Paulo, Abril de 1997. p. 52.

<sup>78</sup> BOSI, Ecléa. Memória e sociedade - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. p. 423.

Segundo S. Miúdo, “é fácil pro pescadô e pescadora conservá o meio. Ele nasce e cresce sabendo que a natureza é sagrada”, sobretudo as mulheres. Isto sugere a ideia de que para as pessoas do mundo da pesca, a vida se constrói num contato muito direto com o meio natural. Afinal, tudo indica que o “ objetivo do conhecimento não é descobrir os segredos do mundo, mas dialogar com seus mistérios”<sup>79</sup> , sendo que os homens e mulheres que vivem da pesca representam bem essa realidade pois têm muito conhecimento pela observação da natureza.

O clima de mistérios, de algo enigmático e holístico, de algo que se reserva à atmosfera singular que paira sobre o mundo da pesca, compõe a tônica das histórias que ouvi na Baía do Iguape. Podemos ter exemplo disto no modo de ser das pessoas, na maneira como D.Regina se refere ao seu lugar de viver. É nas imagens da natureza, nos fragmentos da lembrança em busca de um sentido, na compreensão das imagens mentais, que se estabelece a ideia de natureza. A terra, a vida e o ser humano formam esse complexo físico, biológico e antropológico<sup>80</sup>.

*se acabá os marisco, a gente sabe que vai fazê falta...mermo antes de se falá de meio ambiente, eu mesmo já fiz muito isso, vinha os siri miudinho, eu soltava pra voltá pra maré..., meu marido mermo dizia pra soltá...os miudinho a gente nunca pegava...a gente dexa lá pra pudê crescê e voltá pra mim...<sup>81</sup>*

O posicionamento de D. Regina quanto ao seu meio ambiente nos convida a verificar a importância da recuperação da experiência de comunhão com a natureza e de reconstrução de uma nova cultura baseada na afirmação de que somos uma teia interligada de vida<sup>82</sup>.

Em seu estudo também sobre as mulheres da maré, a antropóloga Cláudia Cristina<sup>83</sup> confirma essa observação sobre os modos dessas trabalhadoras, que se referem sempre muito

<sup>79</sup> MORIN, Edgar & KERN, Anne Brigitte. Terra-Pátria. Porto Alegre. RS: Editora Sulina, 1995. p. 13.

<sup>80</sup> MORIN, Edgar & KERN, Anne Brigitte. op. cit. p. 55.

<sup>81</sup> Entrevista citada.

<sup>82</sup> DEVAL, Bill e SESSIONS, George apud RUETHER, Rosemary Radford. Ecofeminismo: Mulheres do primeiro e terceiro mundo. Disponível em: [http://editora.metodista.br/textos\\_disponiveis/mandra6cap1.pdf](http://editora.metodista.br/textos_disponiveis/mandra6cap1.pdf). Acesso em: 02 jan. 2006.

<sup>83</sup> SOUZA, Cláudia Cristina. Mulheres da maré: um estudo sobre as marisqueiras de Maragojipe – Bahia. 1991. Monografia (especialização). UFBA, Salvador, 1991.

preenchidas de intimidade com o seu lugar, com o manguezal, suas casas. Nesta perspectiva, percebe-se o quanto Homem e natureza se integram.

O viver em um determinado lugar influencia, ainda que intuitivamente, no modo de vida adotado, resultado das influências de onde se vive, das lições diárias da natureza e de tantas outras pessoas.

Conforme Roquelina, para se aprender a arte da pesca, é necessária muita observação. Precisa-se de muita experiência, de muita vivência:

*na verdade, não se aprende a pescá..., o que se aprende é você observá a natureza igual a si próprio...eu não aprendi a pescá sozinha, mas o que eu sei mesmo foi com muita observação...*

É grande a boa vontade e a quantidade de histórias que essas pessoas têm para contar. Há um fluir contínuo de possibilidades de investigações ricas sobre quem são e como levam suas vidas. Todavia, o importante aqui não é a tomada de uma temporalidade linear, pois as ideias de passado, presente e futuro se misturam muito como em uma “roda de fumaça”<sup>84</sup> dos que vivem nesses ambientes de acordo com os tempos da natureza.

Daí, temos a visão, percepção e simbolização da “natureza-mãe”<sup>85</sup> desse lugar, que, quer queira, quer não, já se encontra permeado dos ritmos acelerados de modernização. O uso da memória nos remete a perceber o mundo não como um só, como ditam as regras do imediatismo e efemeridade do mundo atual.

Acredito que a percepção do ambiente das pescadoras possibilita uma melhor compreensão do modo de viver das mesmas, levando em conta as vivências que experimentaram e continuam experimentando, seja na rotina da pesca, seja na apropriação e na transformação do meio ambiente aos seus modos. As pescadoras se mostram como mediadoras da natureza e a apropriação dela é expressa no processo do conhecimento e do trabalho. Nesse sentido, “se a gente pega um siri que tá miudinho, magrinho, tem que soltá..., tem que soltá tudo se for miúdo, a gente tem que sê cuidadoso...”<sup>86</sup>, afirma a categórica Taís Aparecida de Jesus Santos.

---

<sup>84</sup> ATLAN, Henri. Entre o Cristal e Fumaça. Rio de Janeiro. Jorge Zhar editor, 1992. p. 9.

<sup>85</sup> BOFF, Leonardo. Ecologia Mundialização Espiritualidade. São Paulo: Ática, 1993. p. 39.

<sup>86</sup> Entrevista citada.

Esta modo de apropriação da natureza nos traz novos ares na forma de pensar, esteio encontrado na teoria da complexidade de Edgar Morin.<sup>87</sup> Ele traz um sistema de pensamento aberto, abrangente e flexível. Segundo ele, o termo “complexidade” não se apresenta como receita ou solução para lidar com o estudo do real, mas como desafio e motivação para pensar sobre o mesmo. Tampouco esse termo pode ser entendido como sinônimo de compreensão completa ou de complicação absoluta, mas sim como uma tentativa de compreensão dos desafios que temos de enfrentar, no momento da ação, devido ao conhecimento incompleto que temos da realidade. Trata-se, portanto, de uma forma de enxergar a realidade a partir das relações que foram separadas no projeto da modernidade como o objeto e o sujeito, a razão e o sentimento, a matéria e o espírito e o homem e a natureza.<sup>88</sup>

É bom lembrar que a importância das vivências e dos saberes, são acometidas, também, pela velocidade dos acontecimentos, dos modos ditados pela forma moderna de viver. Simone Maldonado<sup>89</sup>, em seu estudo sobre os indivíduos na pesca, afirma que este trabalhador aprende a pesca e aprende junto com essa arte o respeito profundo para com a natureza e, em consequência, o respeito para com o seu próximo, característica predominante na cosmovisão desse grupo. Vão se desenrolando os jeitos, assim como D. Regina, os modos particulares de como a pescadora percebe a natureza ao seu redor:

*quando pega o siri, se ele tivé miúdo demais, tem que soltá..., a gente hoje solta ele pequeno, daqui a três maré ele já tá maió..., a merma coisa é com o peixe: se agente pegá ele miúdo hoje, cum três, quatro maré ele já maiozinho..., maió pá a gente panhá de novo..., se o sururu eu tiro ele hoje pequeno, amanhã vai me fazê falta, então eu tenho que tirá o grande e deixá o pequeno, qualquer marisco, se a gente tira ele novinho, faz falta a gente..., a gente tem que cuidá pra que ele possa valer a gente.<sup>90</sup>*

Seu retorno ao meio ambiente pode ser estético, prazeroso, tátil, no sentido de sentir a água, a lama, o ar, a terra. Essas sensações vão enraizando os humanos ao lugar, tornando-os parte integral do meio, já sugerido por Calvino quando considera que “nenhum livro pode

<sup>87</sup>Ver MORIN, Edgar & KERN, Anne Brigitte. Terra-Pátria. Porto Alegre. RS: Editora Sulina, 1995.

<sup>88</sup> Ver SANTOS, Milton. A natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e Emoção. 4ª ed. São Paulo: Editora. da Universidade de São Paulo, 2004.

<sup>89</sup> MALDONADO, Simone. op. cit. 1986.

ensinar aquilo que só se pode aprender na infância ao se prestar ouvidos e olhos atentos ao canto e ao vôo dos pássaros e se houver ali alguém que saiba o nome deles.”<sup>91</sup>

O olhar dos que vivem nessa região pesquisada se torna complexo por estar imerso na totalidade do seu meio ambiente. Como D. Véter, na imagem, ouvidos e olhos atentos proporcionam que a pescadora sinta, perceba, se integre ao meio.

### Percebe e Vive: o olhar particular sobre seu lugar



Figura 6 - Fotografia de Trabalho de Campo em 05/07/2007.

A foto de trabalho de campo anuncia uma curiosa dimensão espaço/tempo enquanto sintonia da mulher pescadora com o ambiente natural e o ritmo das marés.<sup>92</sup> Assim, D. Edna e tantas outras pescadoras ainda conseguem dominar a temporalidade das águas na Baía do Iguape cantando durante as horas de trabalho: “*mariscá é meio de sobrevivência, mariscá é muito bom e mariscá cantando é melhor ainda*”. Nesse ritmo, as pescadoras seguem suas

---

<sup>90</sup> Entrevista citada.

<sup>91</sup> CALVINO, Ítalo. Palomar. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Cia das Letras, 1994. p. 25.

vidas passíveis de incorporarem experiências distintas do Iguape na qualidade de um elemento comparativo em relação à vida na pesca. D. Benedita conta sobre a época em que trabalhou na Suerdick, a fábrica de charutos, nos anos de 1970. Em tom de queixa sobre o trabalho na empresa, explica o quanto é diferente do ambiente de trabalho em clima de amizade e comunhão que desfruta na pesca. No mangue, mesmo que o trabalho seja feito de forma individual, as horas são partilhadas com outras pessoas, outras pescadoras, e isto sempre fez muita diferença:

*mesmo quando eu trabalhava na Suerdieck, eu fugia pra ir pro mangue, trabalhava pra dá comida pros meus filhos, entendeu?...e depois eu me fichei, comecei a trabalhar direito, de carteira assinada, mas depois eles me demitiram, aí eu vim m'imbora pescá de novo..., (...) ...mas eu continuava a ir pro mangue, eu e minhas filhas... no mangue é mais alegre, minhas filha vão cumigo desde pequena, vai todo mundo junto e tem também o pessoal daqui de junto ...e lá sempre dá pra trazê alguma coisa, um aratu de braço<sup>93</sup>*

O trabalho em contato constante com a natureza favorece a proximidade entre as pessoas. As pescadoras são embaladas nesse ritmo ao ponto de que seu conhecimento sobre o seu meio natural ecoa em suas práticas sociais. Não existe a ideia de distanciamento da natureza e sim, se veem como partes interligadas, o que facilita maior integração entre elas.

Na Baía do Iguape, lugar exuberantemente natural, percebe-se que as construções humanas transformam-se em imagens, caminhos e representações do grupo, e em conjunto com outros elementos (como os rios, montes e a Mata Atlântica), só reforçam essa ligação homem – natureza. Cabe recorrer a Halbwachs sobre a força da memória coletiva, “das funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo”<sup>94</sup>. É bem essa valorização do estar em grupo, da ideia de um indivíduo comungar com o outro, expressa por D. Benedita quando diz: “vai todo mundo junto”.

---

<sup>92</sup> Susan Sontag compreende que “a fotografia é uma porção pequena do espaço, bem como do tempo”. Ver da autora, *Ensaio sobre fotografia*. Rio de Janeiro, Arbor, 1981. p. 22

<sup>93</sup> Entrevista citada.

<sup>94</sup> HALBWACHS, Maurice apud POLLAK, Michael. op. cit. p. 3.

A proximidade entre as pessoas é uma constante no cotidiano dessas mulheres. A experiência comunicacional<sup>95</sup> intervém nos processos de interlocução e de interação que criam, alimentam e restabelecem os laços sociais. O reconhecimento, a identificação de um indivíduo no outro é facilitada por conta da sociabilidade que partilham: dividem os mesmo quadros de experiência e identificam-se com as mesmas ressonâncias históricas de um passado comum feitas pela memória. Memórias como a de D. Edna, histórias da vida. Memória e oralidade que permitem que lembranças nos sejam trazidas e os reencontros com momentos vividos: horas de alegrias, horas ruins.

*tinha dia que as minina num queria ir pescá..., as minina reclamavam porque num tinha uma merenda, aí eu dizia: - meu filho, a gente vai, destá que São Francisco vai mostrá uma pessoa que vai dá uma merenda e vocês num ficam cum fome...,e aí quando a gente passava por lá na casa de Maria Preta, ela falava:*

*-Mulata, num vai encostá hoje não?...eu dizia:*

*-Não, que eu num tenho nada pra dá aos minino...*

*Aí quando a gente voltava, ela já tava cum aquela farofinha...e dizia:*

*-Sente aí os minino...*

*-Pra que é D. Maria?...*

*-Eu arranjei uma merendinha pros minino.*

Nas memórias, temos a possibilidade de obter e desenvolver conhecimentos, novas conclusões, análises em novas e inéditas fontes, criando espaço de contato e influência sobre pessoas, interpretações da vida e a experiência dos que convivem com a natureza no manguezal<sup>96</sup>. Interagindo umas com as outras, as pescadoras se expressam, expõem sentimentos e atitudes frente ao mundo. Rememorando experiências vividas – fragmentos de memórias recheados de alegria ou dor – elas criam um ambiente de cumplicidade onde uma vive e a outra revive; no reviver, recria-se a história de cada uma. As interações das vivências das pescadoras ganham concretude no estabelecimento de relações calcadas na solidariedade iniciado no momento em que estas se sentem membros responsáveis pelas condições de vida

<sup>95</sup> HALBWACHS, Maurice apud POLLAK, Michael. op. cit. p. 3.

<sup>96</sup> Ver MARIANO NETO, Belarmino. Ecologia e Imaginário. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.

em equilíbrio. Conforme o pensamento de Boff<sup>97</sup>, este processo se dá pelo equilíbrio energético dos solos e dos ares, passando pelos microorganismos até chegar aos grupos e a cada indivíduo, possibilitando a convivência em harmonia e paz num espaço próprio onde suas vidas se constituem.

Pude testemunhar na Baía do Iguape tais relações de interdependência entre as pescadoras. Inspirando-me nas palavras de Roquelina, entendo que, na visão de mundo das pescadoras, as mulheres da pesca surgem não como uma peça igualmente fundamental, mas apenas mais uma peça na teia da vida<sup>98</sup>:

*um dia Deus me inspirou o final de uma oração... o final da oração é assim...: eu vi um pássaro piscar o olho para mim. Alguém me disse:*

*- Mas Roquelina, um pequeno pássaro piscou o olho pra você?*

*Eu virei pra a pessoa e disse:*

*- Eu pude ver o pássaro piscando o olho pra mim porque eu fui capaz de olhar para o pássaro..., porque às vezes a gente não olha para as pequenas coisas<sup>99</sup>*

A cultura constitui a percepção predisposta a enxergar a tudo que faz como parte do meio. Logo, os conceitos de cultura e meio ambiente serão articulados aos de homem e natureza. Tem-se, então, uma apreensão de como determinados grupos têm a possibilidade de explicar a si próprios, construindo e transmitindo as tradições de fé, de cuidado com o outro e, por isso, a necessidade de estar atento aos modos de pensar local.

Esta pesquisa somente se concretizou porque as pescadoras se dispuseram a relatar suas práticas de vida, suas impressões de mundo, suas crenças, recordações, esquecimentos e sonhos. As narrativas delas deram rumo às minhas reflexões, funcionando como uma espécie de ponte entre a teoria e a prática, estando mergulhadas em histórias despertadas pela

---

<sup>97</sup> BOFF, Leonardo. Ecologia, Mundialização, Espiritualidade. São Paulo: Ática, 1993. p. 31.

<sup>98</sup> Ver CAPRA, Fritjof. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

<sup>99</sup> Entrevista citada.

memória<sup>100</sup>. Nessas memórias, cria-se a possibilidade de tornar perenes as vivências todas dessas mulheres, as experiências de trabalho e de vida que se animam dia após dia.

## **2.2 APRENDIZADOS, ENSINAMENTOS, A PESCA: “ENLAÇADOS QUE NEM RAÍZ DE MANGUE”**

O conhecimento das práticas sociais, adquirido com maestria pelas mulheres trabalhadoras na pesca, se dá pela observação do meio natural quando da aprendizagem da pesca com os pais. Acredito que tal situação pode ser analisada conforme a abordagem de Michael Pollak: “um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada”<sup>101</sup>.

Segundo Roquelina, o importante é a vivência, a experiência que se adquire com o tempo. Saber, por exemplo, os tipos de artifícios, os horários da maré ou os tipos de maré é como pesquisar.

Para a arte da pesca é necessária muita observação e vemos bem isso com D. Regina: “a vida de pescadora é muito dura, ela anda com a maré..., tem que tá atenta porque se a maré for cinco da manhã, tem que tá de pé cinco da manhã, porque se for seis, num trás cumida pra casa”<sup>102</sup>.

Abaixo, ainda neste pensamento, tem-se fala de Roquelina acompanhada da reflexão de S. Miúdo quando ele afirma que a pesca é uma atividade que necessita de tempo para ser dominada:

*precisa aprendê a arte da pesca antes de usar..., a profissão da pesca é arte, é experiência..., tem gente aí que sai pra pescá, mas é mermo que nada...você vai e volta e num trás nada..., sabe porquê? Porque as coisas num se dão na pressa...né como a gente qué, não*

---

<sup>100</sup> FERREIRA, M de Moraes e Armando J. (org.). História Oral Usos e Abusos. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora. 1996. p. 31-33.

<sup>101</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Estudos Históricas, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p. 200-212. p. 201.

<sup>102</sup> Entrevista citada.

Para ser pescador ou pescadora, o aprendiz, entorno dos 12 anos, acompanha o mestre no barco por alguns anos. Sobre esta experiência, D. Regina exprime o modo como as lições vão se incorporando na convivência diária:

*a gente nasce nesse tom e é naquele tom que eu mesmo me criei; eu trabalhei doméstica, mas nunca foi de carteira assinada...,então quando eu me entendi como gente, foi a vida que meu pai me levou. Ele saía pra pescar, me botava na frente...a partir de 14 anos*

Somente após atender a dois requisitos básicos – demonstração de *adaptação* ao trabalho e *coragem* – o aprendiz pode ser considerado apto à atividade. Sua inserção no mundo da pesca, produção e reprodução social advém da sabedoria no manguezal ou no mar. É a bagagem contida nas ações realizadas pelos seus avós, pais, companheiros e companheiras, percebidos nas palavras de S. Miúdo, que compõe a formação do trabalhador na pesca já que, geralmente, não utilizam mecanismos de pesca industrial como sonar, GPS, por exemplo:

*pra pescá tem que se observar muito..., conhecê os locais de pesca, onde dá peixe, onde não., sabê onde tem sumidô..., você sabe o que é sumidô?..., é mermo que areia movediça..., um dia quase que sumo num desse, mas minha valência foi meu sapato...e olhe que tenho é tempo de pesca*

Nessa realidade, se estabelece uma relação entre o ser humano e a natureza tendo suas bases fundamentadas em práticas culturais, nas quais a natureza se apresenta de forma intensa. O ritmo de trabalho é determinado pela cumplicidade do homem com a natureza, assim como a compreensão da pescaria boa, a quantidade de espécies de pescados, tudo isto encarado como um presente da “gentil mãe natureza”.

Muitas são as lembranças que expressam as histórias sobre o conhecimento que possuem da pesca no manguezal, repassado de geração em geração. Com Roquelina, por exemplo, podemos apreender o modo como se dá o processo no qual aprendeu a arte da pesca

com seus pais, os quais aprenderam com avós dela. Tudo flui numa dinâmica marcada pelo profundo respeito à tradição da profissão:

*meu pai era pescador, pai de doze filhos, eu e meus dois irmãos somos pescadores e eu acabei, assim, tendo meus três filhos de um pescador, é... tenho a honra de meu filho ser um pescador desde seis anos de idade, já vai fazer dezoito, a minha filha caçula que eu pensava que num entendia nada do mar, sabe cavá mapé..., sabe fazer alguma coisa no mar, a minha filha mais velha também sabe alguma coisa*

Roquelina diz ser motivo de muito orgulho a profissão aprendida com seu pai, o que lhe deu a possibilidade de poder ter criado seus três filhos. Afirma ser muito importante o ofício de ser pescadora em sua vida: “sou apaixonada, extremamente apaixonada pela minha profissão de pescadora!”.

Ser uma pescadora artesanal é, primordialmente, tornar-se portadora de um conhecimento que somente o cotidiano da pesca lhe confere, o que permite conduzir suas atividades, ampara suas atitudes numa ampla e complexa cadeia de inter-relações ambientais. Aliás, como já afirmara Diegues em seu estudo sobre camponeses e trabalhadores do mar, “o importante não é conhecer um ou outro aspecto, mas saber relacionar os fenômenos naturais e tomar as decisões relativas às capturas.”<sup>103</sup>. A pescadora se habitua aos ritmos naturais, se integra e aprende com o meio natural, transformando-se num elo-mestre dessa cadeia de aprendizados e ensinamentos.

Posto isto, deve-se registrar que o papel feminino é de extrema importância no que se refere à manutenção da tradição, já que é ela a educadora e socializadora maior nas sociedades pesqueiras. São as mulheres que parem, cuidam, passam a maior parte do tempo com suas crianças, numa partilha contínua de ensinamentos e aprendizados em casa, no manguezal ou na canoa, como se pode ver registrado abaixo na imagem fotográfica cuidadosamente guardada por Roquelina, integrante de um álbum de família organizado de maneira não convencional.<sup>104</sup>

<sup>103</sup> DIEGUES, A. C. S. Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar. Ed. Ática, 1983. p. 199.

<sup>104</sup> Sobre esse tema, ver o importante estudo de LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia* histórica. São Paulo, EDUSP, 2001. particularmente entre as páginas 141 e 166.

### **Cuidadora, Educadora, Socializadora: a maré dá o tom!**



Figura 07 - Fotografia: arquivo pessoal da pescadora Roquelina Almeida

A foto adquire sentido quando observada no conjunto daquelas arquivadas por Roquelina, ao lado das apresentadas páginas atrás (ver as figuras 04 e 05): memórias familiares carinhosamente registradas pela pescadora e mãe. Ao ler essas imagens de maneira qualitativa ou centrando simetrias e assimetrias entre elas, podemos ligar o “universo ao destino humano e à ordem social”.<sup>105</sup> A mulher mãe e pescadora, responsável pela memória familiar, assume igualmente o papel de transmissora das tradições que permitem a exploração das potencialidades da conquista da sobrevivência, nas águas da Baía do Iguape, ao tempo em que a maré dá o tom.

Assim, as mulheres que aprenderam e continuam ensinando, dão continuidade a jeitos singulares de ser, colaborando com a preservação de uma cultura local. Uma cultura que prediz um desenvolvimento íntimo de negociação e produção com o mundo a partir da realidade produzida pelas pessoas. D. Edna, ao lembrar de períodos difíceis de sua vida, nos fornece indícios de como constituiu a si, assim como a seus filhos, na maneira de viver, amar, escrever, festejar, enfim, registrar (conscientemente ou não) a sua existência no mundo. É o que parece definir a base de construção de vida que constitui o dia-a-dia da mulher pescadora:

---

<sup>105</sup> Idem, p. 160.

*saía daqui 4 hora da manhã e ia daqui pra Ponta de Soiza a pé..., mariscá..., todo mundo, todo os oito..., e eu ensinando todo mundo mariscá..., meio dia em pino a gente voltava..., às vezes chegava em casa e num tinha o que cumê, ai eu pegava um bebe-fumo e escaldava pra eles*

Conforme Emma Siliprandi<sup>106</sup>, as mulheres são as cuidadoras das relações entre as pessoas, nas famílias, entre vizinhos e comunidades e criam e recriam vidas dentro de um estilo peculiar de ver o mundo, que têm como base elementos relacionados com suas práticas cotidianas.

O amadurecimento adquirido em seu cotidiano se mostra como um dos pilares mais importantes dessa cultura. Assim, Roquelina exprime a maturidade com que encara seu mundo:

*eu vou dizer a você que já não sofri discriminação? Mas a gente vai vendo assim..., eu nunca me escondi de alguém por estar suja de lama..., um dia, eu me lembro, que chegou um pessoal lá e eu me lembro que eu tava fumegando peixe, eu estava assim..., totalmente, o cheiro era peixe, mas eu não deixei de falar com o povo, não, sabe por quê? Porque eu podia tá suja de peixe, mas eu sou uma cidadã, que estava lutando pela minha sobrevivência. Tive a oportunidade de ter três filhos, de ser pai e mãe de três filhos e ainda tive a oportunidade de ir buscar a parteira pra meu filho pescador nascer. Andei numa estrada de chão aqui em Maragojipe em cima de uma carroceria, bati na porta da parteira e disse: vim te buscar!<sup>107</sup>*

São referências de valores e sentimentos. As memórias do exemplo de dignidade que ela própria representa para si são repassadas aos seus e trazidas com força suficiente a ponto de situações como a relatada acima tragam em si o desejo de fazer valer a sua condição de pescadora, mesmo sabendo que passar o dia todo na maré e estar “fumegando a peixe” não

---

<sup>106</sup> SILIPRANDI, Emma. Contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v. 1, n° 1, jan./mar. 2000. p. 65.

<sup>107</sup> Entrevista citada.

fosse a forma mais agradável de apresentar-se às pessoas. Isso nos remete a pensar sobre o fato de que o espaço-tempo-vivido<sup>108</sup> nos leva aos laços criados que vão além do convívio interpessoal, mas também pelo enfrentamento de situações cotidianas.

Nota-se que as populações tradicionais ainda conseguem reter a força da comunicação predominantemente oral, o que é feito pelas mães, os relatos dos pais, dos vizinhos, nas quais explicações cosmológicas refletem-se no formato do que são e pensam essas pessoas.

### **Vista do Manguezal em Maragojipe**



Figura 08 - Fotografia de Trabalho de Campo em 05/07/2007.

O espaço em que as pescadoras realizam seu trabalho é o mesmo em que vivem, onde aprendem, onde concretizam o sentido dos lugares. Isto nos fornece pistas valiosas no sentido de podermos verificar como se modelam as experiências e como isso influencia sobre a sua ação e percepção. A imagem comunica uma sensação de liberdade no privilegiado lugar onde se dá a aprendizagem do trabalho da pescadora. Nele, natureza e cultura estão colocadas, tendo por referência os processos naturais nos quais os seres humanos se inserem, dos quais

---

<sup>108</sup> Ver TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

retiram o seu conhecimento e sua vida: as construções culturais humanas derivadas do conhecimento e do saber se apóiam na realidade natural.

Com os estudos de Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl,<sup>109</sup> envolvendo o conceito de espaço articulado ao de cultura, que abre um campo fértil para a Geografia Cultural, faz-se uma oportunidade para abordar as relações entre as pescadoras e suas territorialidades, território e identidade: como elas se tornam donas de seu espaço sem, no entanto, se preencherem do senso de propriedade, mas sim de apropriação. Nesta apropriação, elas desenvolvem o sentimento de pertencimento a determinados lugares na medida em que ali constroem suas vidas. E é nessa realidade de produção e reprodução de vidas que se constituem, também, ambientes onde os indivíduos são ativos desses processos naturais. Os aprendizados na pesca, a convivência com familiares, com os vizinhos, o relacionamento íntimo indivíduo *versus* natureza, o trabalho na busca do sustento: todos esses são elementos formadores do jeito de ser pescadora.

Nos depoimentos gravados, as pescadoras da Baía do Iguape têm clareza de sua condição de pilares de suas famílias, de mantenedoras, assumindo e se pondo como o esteio do lar, pois é a “mulher pescadora extremamente preparada para conduzir um lar”, afirma Roquelina. Em vista da labuta diária em administrar as dificuldades do dia-a-dia da vida no manguezal, a mãe-pescadora se percebe como agente multiplicador de suas vivências, de seus saberes. Essas vivências e saberes transcorridos no meio ambiente natural, pautados pela tradição, povoam o cotidiano de quem vive na pesca.

Um das lendas mais famosas da Baía do Iguape é a da Vovó do Mangue , sobre a qual, D. Edna disserta, sob os olhos atentos e amedrontados dos netos pequenos:

*a Vovó do Mangue é mermo que saci-pererê..., um pulo que ela dá, numa distância como daqui prá ali, um pulo que ela dá ela de junto de você..., eu já ouvi daqui os gritos dos menino com medo da Vovozinha do Mangue..., é ela que tá atrás dos meninos..., aí eu tive que ir buscar eles lá no porto.*

Na lenda de uma mulher e mãe estão implícitos os saberes e o ensino da arte da pesca para os filhos de maneira zelosa:

---

<sup>109</sup> Ver CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

*eu chamei e disse: ela tá te perseguindo, né?...você pega um pedacinho de fumo de corda ou de charuto, bota no galho do mangue, você bota, deixa lá, diga que é dela e vá continuá o que você tem pra fazer..., aí ele deu pra fazer isso..., ela anda direto aqui nesse mangue daí da frente*

São saberes passados de geração a geração a partir de um retorno contínuo aos elementos que estão na memória coletiva, uma vez que “uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também com um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, a tradição oral.”<sup>110</sup> Indo ao encontro a essa tese, D. Edna reflete sobre a Vovó do Mangue, constatando que a produção de conhecimento científico é possível porque ela mesma advém do saber popular conjugado à afinidade com a natureza e com a grandeza de seus processos naturais.

*a gente tá ocupando a área dela, aquilo ali, a gente vai e acha, então, custa nada, a gente levar um cachimbo, um pedacinho de fumo de corda..., quando a gente tem uma vózinha, o que é que a gente faz? Se a gente vê que ela gosta, a gente leva até uma pingazinha pra pudê agradá a vó (risos)*

Trata-se da edificação do saber desvelado na relação natureza/sociedade<sup>111</sup>, ao tempo em que transforma a experiência vivida em objeto de conhecimento através do sentimento e da imaginação. No mito, revela-se a organização da experiência vivida pelas pescadoras do Iguape. Através do mito, podemos filtrar o que está por trás da aparência exterior do manguezal, sabendo-se que, para pensar e aprender a pescar, faz-se necessário o desligar-se do tempo do relógio. É preciso deixar-se ao tempo sugerido pela própria natureza; é necessário integrar-se a um ritmo natural, em um “tempo natural” num “espaço que se faz natural” e assim seguir ritmos como os das marés e de reprodução das espécies, ritmos que

---

<sup>110</sup> VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. KI-ZERBO, J. (org.) História Geral da África. Metodologia e pré-história. Vol. I, São Paulo: Ática/Unesco, 1982. p. 157.

<sup>111</sup> Ver MARIANO NETO, Belarmino, Ecologia e Imaginário. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.

revelam uma teia complexa de interrelações entre diversos elementos e fenômenos naturais e humanos.

As particularidades da pesca artesanal nos revelam a todo o momento diferentes hábitos tradicionais repletos de significados peculiares passíveis de serem percebidos andando, observando e conversando com as pescadoras. A identificação com as pessoas de seu convívio e com o seu lugar de viver anima valores, a exemplo de solidariedade e respeito mútuo, produtos da experiência.

Esses valores vão preenchendo o espaço onde habitam as pescadoras na forma dos saberes; os lugares funcionam como a casa, o lar, lugar de tranqüilidade e segurança onde pescadoras, pescadores, seus habitantes, sentem-se protegidos a ponto de que se instrumentalizam para a criação de imagens que se perpetuam e se entrelaçam tal qual raízes de mangue.

O que se passa na prática da pesca, transforma-se em teorias que se instituem pela tradição que fundamentam a pesca artesanal, cotidianamente justificadas pela perpetuação. Essa ideia também trazida por Eduardo Nunes<sup>112</sup> sobre os pescadores de Najé. O conhecimento pesqueiro é um patrimônio cultural, ancestral e renasce a cada nova geração em segredos que embalam o ofício na maré e a vida de pescadora.

### **2.3 ESPAÇO APROPRIADO SIMBOLICAMENTE**

O espaço transformado e vivenciado pelas pescadoras se caracteriza por conter simbolismos imersos em valores culturais que ali se acham enraizados e que existem na medida em que são usados. Daí surge a territorialidade afetiva, de acordo com valores que são indispensáveis à sobrevivência das sociedades, pois constituem a liga que garante a permanência e a elaboração do futuro<sup>113</sup>.

Quando D. Regina fala da sua tentativa de buscar trabalho na cidade de Feira de Santana em busca de uma vida melhor e de seu retorno à Maragojipe em pouco tempo, ganha corpo uma dimensão das relações do espaço com as tradições. O laço com o lugar de origem

---

<sup>112</sup> NUNES, Eduardo José Fernandes. Pescadores de Nagé. Um estudo sobre relações sociais e impacto-ambiental. UFBA, 1988.

<sup>113</sup> SANTOS, Milton. Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal. Record, São Paulo, 2000. p. 170.

ocupa grande espaço nas memórias que vão construindo identidades balizadas por tradições existentes como a pesca.

Sendo a pesca uma atividade de contato contínuo com o meio natural, nada mais oportuno que relacionar natureza e cultura, tomando como sabe os processos naturais nos quais os pescadores se inserem e retiram o seu conhecimento. As construções culturais humanas derivadas do conhecimento e do saber se apoiam na realidade natural<sup>114</sup>.

Utilizei-me do diálogo prolongado com as pescadoras, promovendo um ritmo em que as conversas se dessem de modo vagaroso, descompromissado, para que houvesse tempo em que pudessem ser percebidas as práticas culturais, identificar a relação sociedade/natureza, os símbolos da paisagem que surgem nas mentes, nas lembranças e que respondem emocionalmente aos aspectos do lugar.<sup>115</sup> Em uma breve passagem de um depoimento, D. Regina ratifica a necessidade de cada indivíduo cuidar de seu lugar: “precisa zelá do meio ambiente como zela de sua casa, seu corpo, sua família”

Percebe-se que, para as pescadoras, o ambiente tem fortes raízes culturais, o que possibilita uma melhor compreensão do tempo-espaço<sup>116</sup>, levando em conta as vidas que experimentaram/experimentam na rotina na pesca e fazendo florescer uma filosofia de conservação, expressa por um profundo respeito para com a natureza. Com Harvey, tem-se pontuado o encarar o espaço como “atributo objetivo das coisas que pode ser medido e, portanto, apreendido”<sup>117</sup>. Esta filosofia de conservação, entretanto, não é partilhada por todos os grupos que habitam a Baía do Iguape. Por isso, pescadoras e pescadores vivenciam diariamente a condição de vítimas de um contexto de agressões ambientais, sentindo em suas vidas as interferências diretas de todos os danos ao ambiente que ocorrem em seu espaço.

Assim, acredito que o acompanhamento da trajetória espacial da porção onde se descortina o cotidiano da mulher pescadora precisa focar o espaço como fruto das realidades experimentadas e descobrir a forma como a mulher pensa o seu espaço, já que este é fruto do que se vive. Nas pescadoras, é percebido um sentimento de proximidade e reconhecimento em relação ao meio ambiente, talvez por isso seja tão recorrente entre elas privilegiar o equilíbrio dele, pois existe a consciência de que é dali que se tira o sustento. Essa ideia é muito presente na vida dessas pessoas. Parece que estas mulheres trazem mesmo em si o verdadeiro sentido de ecologia, pois preenchem seu viver do que julgam melhor para seus lugares, e

---

<sup>114</sup> Ver CARVALHO, Wilson Sérgio de Carvalho. op. cit.

<sup>115</sup> GAY, Peter. O estilo da História Oral. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 38.

<sup>116</sup> Ver CABRAL, M. S. A. op. cit.

<sup>117</sup> HARVEY, David. Condição Pós-moderna. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1993. p. 188.

consequentemente, para todos os componentes deles. Para a abordagem cultural na visão da Geografia, é necessário focar o espaço e suas representações. tanto física quanto memorialmente, agregando o social e o cultural através do espaço vivido.

Quando se opta por analisar o espaço vivido por vários ângulos, temos uma visão totalizadora. A leitura do espaço ganha importância a partir da infinita quantidade de possibilidades que se apresentam. Interpretar os fenômenos da vida social é compreender a “experiência” através da qual o indivíduo constrói a sua vida interior e se capacita a interpretar a de outros na descoberta dos significados, na interpretação do sentido interno e subjetivo das vivências. O olhar sobre o espaço deve ser treinado para que se consiga perceber a riqueza de seus detalhes, deixando de lado a contemplação da pura objetividade. Caso contrário, podemos cair no engodo de desconsiderar as relações mais profundas nesse espaço.

Na análise das entrevistas procurei aplicar a teoria sobre o estudo do lugar. Parti, então, do princípio de que o espaço se transforma em lugar à medida que é preenchido de significados, sejam eles simbólicos ou materiais, afetivos ou míticos, e que a afetividade e o pertencimento podem ser considerados formas de valor agregado, assim como o conhecimento e a práxis cotidiana. Tuan traz que “o espaço é mais abstrato do que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”<sup>118</sup>. É também assim que se dá a constituição do sentimento de lugar, conferindo concretude ao espaço, seja terrestre ou aquático. O trabalho na pesca cria e incorpora lugares, situando as pescadoras a partir da organização do espaço, enquanto desdobramento de uma territorialidade cujas bases são permeadas pelos sentimento de afetividade e de respeito.

De acordo com Yi-Fu Tuan, em seus escritos sobre topofilia,<sup>119</sup> o sentido do respeito pelo lugar se evidencia nos laços afetivos. Tal situação observei no cotidiano dessas mulheres. É esta linha de pensamento que norteia a construção desta pesquisa. Pela leitura e interpretação de seus trabalhos na pesca, desejou-se aprofundar o estudo das ideias e valores do espaço das pescadoras da Baía do Iguape em relação a aspectos como cultura, natureza do homem e meio ambiente. Nas entrevistas das mesmas, é perceptível o quanto ainda guardam o “jeito de ser do lugar”, tendo em vista a vivência em um período onde se torna difícil manter a riqueza e a profundidade das tradições, das lendas, do artesanal, enfim, dos saberes de um

---

<sup>118</sup> TUAN, Yi Fu, Topofilia – Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do meio Ambiente apud SALDANHA, Iaskara R. R. op. cit. p.45.

<sup>119</sup> Ver TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

povo tradiocional frente a um mundo que se globaliza, onde a tradição oral já não tem tanto peso.

Nas andanças pelo Iguape, do início até a conclusão das pesquisas, houve o contato com o modo como os moradores, em especial os homens e mulheres trabalhadores do mar, se relacionam e fazem de seu lugar a representação de seus mundos de modos próprios, singulares. As pessoas se permitem passar horas olhando, observando e ouvindo a natureza, como se entrassem em outra dimensão. Mesmo no momento das entrevistas, presenciei estes momentos de contemplação. Essas pessoas extraem de seus lugares o que não é ensinado formalmente. A partir daí, vão constituindo seus conhecimentos, sua identidade e as representações do espaço em que vivem. Para Furlan<sup>120</sup>, o espaço é um produto das ações e relações humanas, uma construção histórica do homem, à medida que se organiza cultural e socialmente. Isso nos remete à ideia de que o lugar de morar/trabalhar, funciona como um eixo onde tudo acontece, onde tudo se mistura, englobando as noções e as realidades de espaço e de tempo<sup>121</sup>.

D. Edna, mais uma vez sobre os tempos difíceis com seus filhos ainda pequenos, expõe a angústia frente à dificuldade da busca do sustento, devido à inconstância da vida na pesca:

*trabalhá na pesca, tem dia que você tem o que cumê, tem dia que você não tem o que cumê...*

Por essa passagem do depoimento, vale lembrar que a topofilia traz o pensamento sobre “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”<sup>122</sup>, onde a memória cultural e a inteligência emocional se fundem na construção do conviver com o manguezal. Viver do manguezal é partilhar das delícias e intempéries que a natureza promove. A vida vai se desenrolando em meio de época boas, outras nem tanto, e nesse tom a vida prossegue. Completando o seu pensamento, tem-se novamente D. Edna:

---

<sup>120</sup> FURLAN, Sueli. A. Lugar e Cidadania: implicações socioambientais das políticas de conservação ambiental (situação do Parque estadual na Ilha de São Sebastião – SP) apud SALDANHA, Iaskara R. R. op. cit. p. 45.

<sup>121</sup> Ver TUAN, Yi-Fu. op. cit, 1980.

<sup>122</sup> TUAN, Yi Fu. Topofilia – Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente apud MARIANO NETO, Belarmino, Ecologia e Imaginário. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.

*quando a Suerdieck fechou eu disse: o que é que eu tenho que fazê?...eu tenho que botá esses minino tudo prá mariscá, ai eu levava todo mundo pro mangue*

Nestas palavras da pescadora, considerando que a estreita relação com o meio ocorre, sobretudo, porque dele se extrai a sobrevivência. Tuan afirma que “a topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo”<sup>123</sup>.

Na oralidade dessas mulheres, nas ideias de natureza, histórias da vida e do imaginário, são privilegiadas a percepção e a topofilia ao longo do tempo pela Baía do Iguape. Os conflitos dentro de uma reserva extrativista decorrentes da busca da sobrevivência são evidenciados pela afetividade construída pelo lugar que vai se construindo, encarado como herança, um legado a ser preservado, algo enraizado pelos sentimentos e a memória que se reflete nas relações das pessoas, criando um amálgama entre os indivíduos e o lugar. Nesse campo, as ligações afetivas, assim com a identidade entre um grupo social e espaço são fundamentais para a manutenção desse território. Sendo assim, o território comporta as dimensões material, cultural e social de um dado grupo.

Na Baía do Iguape, preferem ir a pé ou, no máximo, em carrocerias quando de suas idas a locais mais distantes para a pesca, ou canoas. Dessa forma, elas se tornam conhecedoras dos caminhos, dos pontos do manguezal. Sabem, por exemplo, onde o caminhar e a cata do marisco se tornam mais ou menos dificultosos, dos horários das marés, do cheiro de chuva e da redução da salinidade da água (que, muitas vezes, acaba espantando peixes ou até mesmo matando mariscos). Todas estas mudanças dependem de um longo tempo de observação dos processos de observação da natureza. Como exemplo, Roquelina contou sobre determinado dia em que conversava com seu filho sobre o tempo, analisando se iria chover ou não, baseada no conhecimento adquirido com a pesca:

*Outro dia meu filho queria que eu pegasse a roupa da corda e eu disse a ele que não ia pegá, não, porque eu sabia que não ia chover..... Ele disse:*

- *É, minha mãe ainda tá pescadora mermo!!!...*

*E eu disse prá ele:*

- *E você ainda tem muito prá conhecê.*

As pescadoras, assim como geralmente acontece com moradores de áreas rurais, têm ao seu favor a amplidão de referências visuais propiciadas pelas belezas naturais, o que facilita o “enraizamento”<sup>124</sup> espacial e sociológico. As localidades rurais contam com a inexistência de prédios altos, por exemplo, que dificultam a visualização ampla das pessoas sobre seus lugares de vida. Para pescadoras e pescadores, seu meio é tema preponderante nas representações de mundo deste grupo, demonstrando o quanto é culturalmente contextualizado e valorizado em função da própria história de contato contínuo e, por isso, torna-se algo extremamente observado cotidianamente.

Essa observação contínua do que é vivido pertence à subjetividade, pois é preenchida de sentimentos e ideias de um grupo sobre o espaço por conta das experiências vividas, o que traz pistas de como entender os motivos da relação com o lugar: uma geografia do lugar<sup>125</sup>. Nesse clima de subjetividade, observa-se que quanto mais uma pessoa é conhecedora de seu lugar, mais respeitosa se dá o comportamento dela. A intimidade adquirida com o seu meio, podemos ver a seguir com D. Eulina, pescadora de 48 anos, também conhecida como Zinha, ao contar as histórias da Vovó do Mangue. Histórias como esta ganham sentido à medida que as referências culturais determinam as ações da sociedade sobre a natureza:

*na Vovó do Mangue?...ah, eu acredito..., nunca tomei carrêra da Vovó do Mangue porque eu respeito, num levo fumo, mas quando eu vô pro mangue, primeiro eu peço licença a ela..., a obrigação da gente, nós vai precisar de uma coisa que nós num botô lá; a obrigação da gente é pedi..., pediu, ela dá o direito da gente ir e panhá..., a gente vai panhá e ela não faz diferença..., agora, se vai corrê a mão em coisa que num botô lá, ela vai dá carrêra..., é sim, ela dá carrera<sup>126</sup>*

<sup>123</sup> TUAN, Yi Fu. op. cit. 1980. p. 107.

<sup>124</sup> CLAVAL, Paul. A Geografia cultural. 2ª ed.: UFSC, Florianópolis: 2001. p. 190.

<sup>125</sup> TUAN. Yi Fu, op. cit. apud MARIANO NETO, Belarmino. Ecologia e Imaginário. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.

<sup>126</sup> Entrevista citada.

Nisto, podemos verificar o que faz a pescadora jamais sair para buscar o seu marisco sem oferecer um charuto ou um pouco de fumo para a Vovó do Mangue, lenda famosa sobre a senhora que, segundo a história contada, tomaria conta do mangue e o protegeria. A vida real e as referências simbólicas parecem se amalgamar de forma que já não há muita distinção entre o que seja uma e outra. Interessante recordar, aqui, a oficina realizada pela equipe do projeto MARENA, citada anteriormente, onde uma das atividades executadas foi a realização de uma dinâmica para que pudéssemos perceber a representação da natureza para pescadores e pescadoras. O resultado pontuou a representação da natureza não como mera reserva de recursos naturais, mas sim, como o sustento de suas vidas, “um tesouro que nosso Criador nos deu como herança”, sendo essa reverência destacada pelo viés das crenças cristãs ou afro-brasileiras.

Vejo como uma tarefa, no mínimo difícil de ser executada, conseguir exprimir em palavras o sentimento que essas mulheres têm pelos seus lugares de vida, tendo em vista que esses lugares estão repletos de simbologias como a lenda da Vovó do Mangue e do Caipora, um pequeno índio que protege os animais e a mata e que, também, povoa os contos na Baía do Iguape. No caso da Vovó do Mangue, a lenda funciona como um instrumento de defesa do próprio manguezal e de sua sobrevivência, levando em conta o senso de preservação e da natureza como a própria vida. Assim, as lendas se constituem também em tradições que se manifestam na religiosidade, na música e que se desvendam como fontes de pesquisa singulares. Partindo disto, creio importante considerar que o imaginário se constitui em método que permite às pessoas da Baía do Iguape relacionar a complexidade ecológica e social ao não racional, ao emocional, ao impreciso e a todas as suas contradições<sup>127</sup>. Por outro lado, importa registrar que compreendemos que:

*O imaginário, pode ser tido como fonte atuante da ideia e da representação mental da imagem”<sup>128</sup>, ou seja, informações que se compõem individual e coletivamente, materializando-se em ações informadas por imagens e símbolos, “mediação essencial entre o mundo*

---

<sup>127</sup> Ver MARIANO NETO, Belarmino. op. cit. 2001.

<sup>128</sup> MARIANO NETO, Belarmino. idem. p. 8.

*interior e exterior, entre o real e o imaginário, supondo-se utilização de símbolos, signos e alegorias*<sup>129</sup>.

Nesta pesquisa, considera-se que a natureza pode influenciar profundamente os seres no momento em que oferece um foco emocional para a vida de uma pessoa, família ou habitantes de uma localidade. A Geografia, tratada como ciência social somente a partir dos anos 50 do século XX, durante muito tempo foi produzida de maneira acentuadamente economicista, negligenciando a valorização da relação simbólica entre homem e seu espaço em geral<sup>130</sup>. Contudo, o desenvolvimento humano correlacionado à natureza e ao imaginário prediz um consenso que promove os novos paradigmas científicos.

A incorporação do simbólico e do imaginário como instrumentos importantes na busca do conhecimento atrelados à natureza e à construção humana nos abre horizontes com vistas à leitura de fenômenos naturais e humanos. Então, faz-se prioridade analisar as peculiaridades, ou seja, não enxergar somente em único plano, pois novos olhares são necessários frente à diversidade do mundo<sup>131</sup>. A geografia do mundo está mudando continuamente e a moderna Geografia Cultural inclui elementos da geografia do passado, bem como elementos das forças de mudança que criaram o mundo atual<sup>132</sup>.

Os valores acabaram concebidos como generalizações de comportamentos atuais antes das derivações dos processos de simbolismo e significação que deveriam estar na raiz desses mesmos comportamentos e assim serem analisados<sup>133</sup>. Pelos valores da atualidade, a modernidade impõe o que presenciamos a cada dia, as novas tecnologias introduzidas, tal como o GPS<sup>134</sup>. Mas com o povo da Baía do Iguape, conforme a fala de S. Miúdo, vemos que o antigo processo cognitivo ainda se mantém vivo e forte. O trabalho é feito pelo uso do conhecimento passado através de gerações: “ter filho pescadô é dom e, quem veio meu, me acompanhou..., eu ensinei e teve que pesquisá também..., eu sou do tempo que eu não sabia nem o que era uma garrafa térmica”

Parece que muita coisa ainda se conserva de alguma forma intocada. Até porque, diante dessa perspectiva, a apropriação do espaço e dos recursos implica no conhecimento

<sup>129</sup> Ver CASTORIADIS, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. São Paulo, Paz e Terra, 1991.

<sup>130</sup> MORAES, A.C. Geografia: pequena história crítica. 18.ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 94.

<sup>131</sup> SANTOS, Milton. op. cit. 2000. p.173.

<sup>132</sup> CORREA, Roberto Lobato. Geografia: Temas Sobre Cultura e Espaço. p. 175.

<sup>133</sup> MORAES, Antonio Carlos Robert. Ideologias geográficas. Espaço, cultura e política no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 27.

profundo sobre o meio natural e na tradição da atividade da pesca, concretizando-se como uma atividade ideológica e identitária<sup>135</sup>. Nesse sentido, durante o trabalho de campo, as pescadoras me fizeram perceber como o sentimento de respeito é relevante no processo que envolve a regulação dos espaços e dos recursos de uso comum. Respeito que anima e dignifica pescadoras e pescadores, proporcionando o desenvolvimento da consciência do uso compartilhado dos recursos e do amor pelo seu lugar.

Em contato com essas mulheres, verifiquei como são “achegadas” e a sutileza com que fazem alguém conhecido há pouco, sentir-se “à vontade”, autorizado a voltar às suas casas quantas vezes fossem necessárias, demonstrando o respeito que já dedicavam ao trabalho que estava sendo feito, o que acredito sinalizar o quão estão sempre atentas a tudo ao seu redor. A relação de harmonia respeitosa com o espaço de pesca revela a cumplicidade estabelecida entre a pescadora e o seu recurso de pesca. Seus saberes de pesca no manguezal funcionam como o “GPS” mais eficiente que poderia ser utilizado, ou seja, seus saberes são a bússola no manguezal.

A exuberância da beleza do lugar representada pelas extensas áreas de manguezal, os ares de história e rica cultura que impregnam essas localidades fazem de seus moradores indivíduos privilegiados. Afinal, o lugar vivido participa ativamente do processo intelectual das pessoas que com ele comungam. Novamente, trazendo a contribuição repleta de sensibilidade de Milton Santos, não podemos esquecer que “as interpretações geográficas, partem do princípio de que cada indivíduo tem uma maneira específica de apreender o espaço, assim como de avaliá-lo.”<sup>136</sup>.

Na condução da vida social, as pessoas fazem não somente suas histórias, mas também geografias, tendo em vista que os referenciais espaço-temporais nos acompanham a todo instante na condução da vida social. Parece que S. Miúdo sabe disso: que os indivíduos se comportam de acordo com o que determinada localidade geográfica delinea dentro de um sistema de interações: “é fácil pro pescadô e pescadora conservá o meio. Ele nasce e cresce sabendo que a natureza é sagrada”.

O que consigo apreender sobre as impressões de mundo das pescadoras da Baía do Iguape nos leva a dispensar atenção especial às incrustações sobre indivíduo e sociedade que se materializam em formas sociais, nas configurações espaciais e paisagens. A percepção

---

<sup>134</sup> Instrumento que alguns barcos possuem e que, ligados a um satélite, fornecem a exata localização geográfica do barco.

<sup>135</sup> Ver MALDONADO, Simone Carneiro. op. cit. 1993.

<sup>136</sup> SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.(org.). A construção do espaço. São Paulo: Nobel, 1986. p. 28.

espacial, neste caso, é delineada pelos referenciais sócio-culturais e pelos laços afetivos com seu espaço de trabalho. Ao se reproduzir em um dado espaço, criam-se e recriam-se particularidades nas relações, sejam estas estabelecidas entre os próprios indivíduos ou entre os indivíduos e o espaço onde desenvolvem suas atividades: espaço dinâmico expressado por Milton Santos, quando são agregados os conhecimentos, as práticas e as crenças<sup>137</sup>. Na dimensão cultural, podemos perceber a maneira como o indivíduo e o grupo se comunicam com o mundo, o que se perfaz como uma herança e o evidenciar das relações profundas entre o Homem e seu meio. Forma-se aí um quinteto do universo emocional e material do humano. As pescadoras, a partir das sensações recebidas e percebidas, com a contribuição de suas socializações, promovem um campo fértil de comunicação e de construção das imagens que permitem todos os comportamentos que identificam o ser humano no meio ambiente. Ao ocorrer a aproximação entre homem e meio ambiente, abre-se as portas a uma nova percepção sobre quão importante é o equilíbrio do planeta, assim como para uma alternativa à estrutura civilizatória que temos vivenciado.

Mais que uma mudança de mentalidade, esta alternativa é apresentada como uma mudança de paradigma, levando em consideração a importância do equilíbrio do planeta enquanto “uma maneira organizada, sistemática e corrente de nos relacionarmos com nós mesmos e com todo o resto à nossa volta”<sup>138</sup>.

Esta mudança de paradigma é, muitas vezes, alimentada pela imaginação que funciona como mediadora entre o vivido e o pensado, entre a presença bruta do objeto e a representação. Assim, “a imaginação alarga o campo do real percebido, preenchendo-o de outros sentidos”<sup>139</sup> e a “verdade não é dada através de nenhuma consideração objetiva de evidência. A verdade é subjetivamente admitida como parte da experiência global da pessoa”<sup>140</sup>. Podemos, então, perceber como a força dos símbolos, das imagens e do imaginário vem explicar as representações humanas sobre o meio ambiente nas palavras de Roquelina:

*Deus me deu assim..., eu num sei falá nada sem Deus porque tudo é dele, né?  
...eu acho que eu te falei de minha oração que toda manhã eu rezo assim..., e  
ontem eu fui vê o Santíssimo e aí eu rezei pra ele a minha oração de*

<sup>137</sup> Ver SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. São Paulo: Nobel, 1987.

<sup>138</sup> BOFF, Leonardo. Dignitas Terrae-Ecologia: grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Editora Ática, 2000. p. 27.

<sup>139</sup> ARANHA, M. L. A. & MARTINS, M. H. P. Filosofando – Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 1992. p. 387.

<sup>140</sup> TUAN, Yi Fu. op. cit, 1980. p. 108.

*pescadora...todo dia de manhã eu digo assim: bom dia, Deus, bom dia, terra, bom dia, céu, bom dia, mar, bom dia mãe - natureza*<sup>141</sup>

A terra aparece então como registro simbólico e fonte de sobrevivência e de práticas codificadas e ritualizadas no imaginário estabelecido nas relações homem-natureza<sup>142</sup>. Esses elementos adquirem uma existência mental que se configura entre a pessoa e o ambiente. A consciência-memória e os padrões de imagem se formam ininterruptamente, acumulados na memória, projetados num futuro por definição imaginado. Quando a pescadora conta sobre Deus, a Vovó do Mangue ou o Caipora, torna-se um desafio falar dos fios invisíveis que formam essa grande teia que permite o existir das coisas da vida. Essas lendas são motivo para horas e horas de histórias contadas pelos mais velhos sob olhares de dúvida, mas, sem dúvida, sob olhares também preenchidos de um lirismo que toca mesmo os mais céticos.

Calvino afirma o seguinte: “o que se faz presente não são só as forças que sustentam a matéria, mas também aquelas que dão sentido a existir.”<sup>143</sup> Elaboraões a partir do visível e do invisível permitem construir fragmentos da realidade, a inventar o oculto recheado de símbolos invisivelmente imaginados, instaurando, do ponto de vista do espaço vivido, que:

*o território envolve sempre, ao mesmo tempo (...), uma dimensão simbólica, cultural, por meio de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de controle simbólico sobre o lugar onde vive(sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos*<sup>144</sup>.

São reflexões acerca das imbricações do espaço com a tradição, que nos autoriza a pensar que a visão sacralizada da natureza propicia a ideia do homem como parte dela. Este, em troca, trata-a com respeito e cordialidade, como o carinho de um filho para com a sua mãe.

---

<sup>141</sup> Entrevista citada.

<sup>142</sup> ATLAN, Henri. Entre o Cristal e Fumaça. Rio de Janeiro. Jorge Zahar editor, 1992. op. cit. p. 176.

<sup>143</sup> Ver CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>144</sup> SALDANHA, Iaskara R. R. op. cit. p. 121.

É essa a lição que se aprende com as pescadoras e pescadores do Iguape em poucos minutos de observação da realização de seu trabalho. Enquanto os observo, busco o ser humano nas relações espaciais simbólicas, construídas através dos valores, sentimentos e ações, assim como as representações e simbolismos espaciais. Devemos, enfim, afinar o olhar geográfico na percepção das representações construídas pelas pescadoras nos seus modos de vida e suas representações, sua identidade, buscando lastro no mundo imaginário, no simbólico, nos territórios e lugares de tempo lento e cíclico, o mundo vivido.

### 3.0 CAMINHOS RUMO À SUSTENTABILIDADE

#### 3.1 BIODIVERSIDADE E SABERES

Já não se aceita que os grupos sociais tradicionais sejam tratados como objeto de estudo ou como riqueza folclórica, mas sim como sujeitos participantes e principais interessados nas questões que envolvem a gestão. O conhecimento sobre os lugares de vida deve ser valorizado na gestão das áreas protegidas brasileiras e no seu funcionamento, atribuindo ao uso e a apropriação dos recursos naturais valores como solidariedade, cumplicidade, coletividade e respeito. A contemplação das populações tradicionais na elaboração de regras de uso significa reconhecer que práticas sociais culturalmente construídas ao longo de muitas gerações comprovam um uso social com melhor proteção ambiental. Como afirma Jansen<sup>145</sup>, a organização social e os valores culturais são os principais fatores responsáveis pela degradação do ambiente e não simplesmente a tecnologia. Para alguns campos da ciência, como, por exemplo, a ecologia preservacionista, torna-se um desafio aceitar que práticas humanas sejam vistas não só como impactos antrópicos negativos. A maior parte das atividades da sociedade atual provoca impactos negativos de toda ordem; contudo vários estudos apontam que ações humanas, quando planejadas e postas em execução segundo regras de manejo sustentável, podem, sim, trazer contribuições positivas à proteção ambiental. Mostram o quão é inegável o fato de que, geralmente, as populações tradicionais vivem em um sensível grau de harmonia com seus ambientes naturais e por isso são as melhores guardiãs da biodiversidade. Esse é um argumento que muitos povos tradicionais utilizam para reforçar sua demanda para o reconhecimento de seus direitos sobre a terra. Na verdade, boa parte do apoio que essas sociedades foram capazes de atrair no mundo industrializado é resultado da crença de que as comunidades tradicionais estão mais próximas da natureza e são motivadas por uma ética de conservação.<sup>146</sup>

“É daqui que a gente véve, é daqui que eu tiro o sustento pra criá minhas filha e tudo isso de acordo com a maré. Aí a gente tira da maré o que ela pode me dá, quando ela dá...”, explica Ataís, embalada pela emoção ao falar sobre a sua vida, seu trabalho no manguezal. O carinho com que essa jovem fala do manguezal nos instiga a pensar que sua postura expressa a importância do manguezal para as várias vidas que nele se entrelaçam. Ataís aprendeu a

---

<sup>145</sup> CASTELLS, M. O poder da identidade. Paz. e Terra, 1999.

<sup>146</sup> COLCHESTER, Marcus. 2000 apud DIEGUES, Antonio Carlos. 2000. op. cit. p. 239.

pescar com seus pais ainda na adolescência, aos 15 anos. De lá para cá, não mais parou. Cresceu, casou, deu à luz suas duas filhas, que cria com o alimento que vem da riqueza extraída do manguezal, como sururu, mapé e ostra, graças a uma técnica, repassadas de pais para filhos há gerações.

Em geral, as populações tradicionais desenvolveram formas de vida marcadamente sintonizadas com seu ambiente local, chamam atenção Pimbert e Pretty.<sup>147</sup> Muitos habitats ocupados por essas populações são menos modificados e degradados que as áreas adjacentes, uma vez que os habitantes são frequentemente orientados para a auto-suficiência e, de maneira secundária, para a geração de excedente comerciável. Suas economias e tecnologias tradicionais são, em geral, ambientalmente apropriadas. Por exemplo, os ritmos da maré impostos regulam os ritmos de vida das pescadoras. Quando Ataís afirma o compromisso da pescadora com a maré, verifica-se o respeito aos tempos da natureza, o que pude verificar em uma das últimas entrevistas. Pela obediência ao tempo natural, a ida ao manguezal teve de ser antecipada ao horário por mim programado, caso contrário, perderíamos o bom da maré ainda baixa para a cata do sururu. Mais que depressa, arrumamos os apetrechos necessários e seguimos manguezal adentro. Tem-se então a ideia de que uma sociedade sustentável vem do reconhecimento desses limites como uma proposta de sociedade para que se garanta da mesma forma o florescimento da vida<sup>148</sup>. O ritmo de trabalho é determinado pela cumplicidade do homem com a natureza, assim como a compreensão do que seria a pescaria boa e com abundância nos recursos marinhos. Tudo isto é sentido como um presente da mãe natureza e esta harmonia pode ser alterada pelos interesses em se alcançar melhores resultados de produção. De maneira crucial, muitos povos tradicionais veem claramente que sua sobrevivência, no longo prazo, depende do cuidado que tiverem pela terra, daí o carinho com que a tratam.

Esta conjunção entre a busca pela sobrevivência com o amor pelo trabalho se reflete na fala de Ataís. Ela diz que com o trabalho duro, as pernas e a coluna doem bastante depois de um dia de mariscagem, mas que gosta e não vive sem seu trabalho: “A vida é de muito trabalho. Acordo todo dia às seis horas da manhã e saio. Muitas vez, as minina qué ir cumigo, mas nem sempre eu deixo. Priscila, a mais velha, chora quando não deixo ela vim junto por causa do sereno”. Priscila, assim como Natália, a outra filha de Ataís, nos acompanhou na entrevista e na ida ao mangue. Pude perceber a empolgação da mais velha enquanto estava no manguezal. Ágil e contente, embrenhava-se pelo mangue e lá se ia ela, descobrindo uma ostra

---

<sup>147</sup> PIMBERT, M. P. e PRETTY, J. N. op. cit. p. 239.

<sup>148</sup> DI GIOVANNI, Júlia. op. cit. p. 39

ali, um sururu aqui, num estado de contentamento, realmente contagiante, cena bastante curiosa e alegre de se ver.

Alguns autores refletem em seus trabalhos a estreita ligação entre natureza e cultura. Partindo da cultura como uma espécie de negociação, temos aí uma dupla poderosa no que se refere à visão de mundo dessas pessoas. Referências recorrentes ao trabalho na pesca, que permeiam esta pesquisa, levam-nos a considerar que a arte de sobreviver da maré, encontra-se muito arraigada na vida de populações como essa, algo já anunciado quando S. Miúdo, exibindo muita satisfação e um certo saudosismo, afirmou: “mesmo eu velho, ainda tenho muita vontade de pescá, de está lá na maré, é uma vida gostosa, difíci, mas é boa” .

Pons<sup>149</sup> aborda esse traço ao considerá-lo como condição básica para o relacionamento harmônico entre o homem e a natureza, a imbricação dessa última com a cultura. “A gente se cria nisso, pescar, plantar, é muito de que se aprende na vida...”, complementa S. Miúdo, ainda num semblante saudoso, corroborando com aquele autor, na ideia de que a relação de respeito e mesmo de conservação só é expressa quando essa está integrada de forma total à cultura. Se isso não acontece, o homem permanece um turista ou um exilado, indiferente ao ambiente que o cerca.<sup>150</sup>

Trata-se de uma dimensão também anunciada em imagens fotográficas capturadas durante o trabalho de campo. Em algumas delas, a exemplo da apresentada a seguir, é importante prestarmos atenção àquilo não está presente na imagem, os silêncios da iconografia.<sup>151</sup> Bastam a marisqueira e sua filhas em maio ao universo do manguezal, solitárias. Não há ferramentas, motores ou multidão de pessoas. A sintonia com o ambiente natural dá-se muito mais por aquilo não anunciado explicitamente, uma vez que “o significado mais profundo da imagem...é imaterial; jamais foi ou virá a ser um assunto visível passível de ser retratado fotograficamente”.<sup>152</sup>

---

<sup>149</sup> PONS. apud SALDANHA, Iaskara R. R. op. cit. p. 30.

<sup>150</sup> idem. p. 30.

<sup>151</sup> Kossoy fala de “elos da cadeia de fatos ausentes da imagem”. Ver KOSSOY, Op. Cit., p. 118.

### Zelo pelo manguezal: zelo pela própria vida



Figura 9 - Foto de Trabalho de Campo em 01/11/2008.

Na fotografia, pretendi capturar um pouco dessa harmonia entre o homem e a natureza. Parece então que esse vínculo com o meio pode estar profundamente codificado na bagagem tradicional – transmitida e refinada de geração em geração – de modo que a justificativa prática de certos hábitos pode não ser aparente, de imediato, para os pesquisadores ou para os próprios nativos.<sup>152</sup> A combinação de histórica associação com seus habitats e um compromisso de aí permanecer no futuro, leva essas populações tradicionais a desenvolver, antes de tudo, a pré-disposição para um manejo prudente. No entanto, as sociedades tradicionais, em quase todos os lugares, estão sofrendo rápidas mudanças e não está claro se o equilíbrio com o meio ambiente, que em geral elas apresentam, poderá permanecer nessas circunstâncias em transformação. Na Baía do Iguape, vale salientar, há concentração de vários agentes sociais e de vários fatores como, por exemplo, o avanço da pecuária e da monocultura e o fechamento da fábrica de charutos, a Suerdiek. Muitas populações nativas perderam os territórios ancestrais para pessoas de fora e isso levou muita gente a se concentrar em pouca terra, desorganizando padrões tradicionais de propriedade da

---

<sup>152</sup> Idem, p. 117.

<sup>153</sup> idem, p. 239

terra, uso e manejo. S. Miúdo associa umas das causas para a diminuição dos recursos na Baía do Iguape ao aumento do esforço de pesca ao longo do tempo: “Tá tudo se mudificando...”, diz ele apreensivo em relação à atual realidade da pesca. Muita gente sem alternativa de trabalho passa a pescar e tudo se torna mais difícil. “Tem gente que qué virá pescadô do dia pra nôte e assim num dá...”. O crescimento das populações nativas tem aumentado a necessidade de um retorno financeiro por parte do trabalho no manguezal e, conseqüentemente, aumentado a pressão sobre o meio ambiente. Demandas internas e externas pressionam essas comunidades e o meio ambiente para incrementar o excedente comerciável. Na Baía do Iguape, existem, por exemplo, atravessadores que compram o pescado por preços irrisórios para mais à frente, revenderem a preços exorbitantes a restaurantes, mercados, etc.

Os conhecimentos produzidos como saberes práticos, alimentam, em processo contínuo, suas necessidades cotidianas. “A gente aprende a se virá, passa da hora de cumê, de bebê água, num sei como num tive problema nos rins, mas isso tudo a gente só tira de letra na vivência de todo dia, a gente aprende a se cuidá...”, explica S Miúdo como as intempéries do dia-a-dia, da vida de trabalho “ao tempo” são equacionadas. Uma infinidade de saberes que vão sendo adquiridos, por sinal, identificados por vários autores já há várias décadas, na perspectiva da etnociência, da ecologia cultural ou da ecociência,<sup>154</sup> e, como Ataís não nos deixa esquecer, saberes e formas de manejo a eles pertinentes como fundamentais na preservação da biodiversidade, no Iguape: “O Conselho precisa da ajuda de quem usa o mangue. A gente ajuda a fiscalizar, a orientar, só precisa organizar.”

Os saberes da natureza das populações locais ou indígenas para gerir recursos naturais surpreendem o Ocidente industrializado. Depois de ter renegado o evolucionismo ingênuo, as ciências e as técnicas ocidentais, atualmente, curvam-se ao fato de que o que realmente sempre garantiu a sobrevivência e a rica cultura alimentar nas regiões do chamado “terceiro mundo” foi a diversidade de técnicas, espécies de plantas e de saberes.<sup>155</sup>

Indaguemo-nos sobre como pessoas como S. Miúdo conseguem, em situações muitas vezes difíceis, a exemplo de estar numa embarcação no meio da maré, retirar a sobrevivência da natureza com uma técnica aparentemente tão simples. São seus saberes que o valem no momento da urgência de um medicamento longe de casa sem socorro por perto, por exemplo. São elementos que nos levam a crer que a integração dos princípios e valores que animam a

<sup>154</sup> CASTRO, Edna. op. cit. p. 169.

<sup>155</sup> DÍAZ MUÑOZ, M. A. e MOYA, J. M. op. cit. p. 35.

ética ecologista, as sabedorias e práticas tradicionais de manejo dos recursos naturais e as ciências, todas as técnicas, é que servem de suporte às estratégias de sustentabilidade.

A gestão local parte do saber ambiental das populações, em que se funde a consciência de seu meio – o saber sobre as propriedades de seus recursos e as formas de manejo sustentável destes – com suas formações simbólicas e o sentido de suas práticas sociais. Práticas estas nas quais se integram diversos processos no intercâmbio de saberes sobre o ambiente. O intercâmbio desses saberes se explica pela íntima relação do homem com seu meio, sua dependência maior em relação ao mundo natural, se comparada ao do homem urbano-industrial e faz com que os ciclos da natureza sejam associados a explicações míticas ou religiosas como a figura da Vovó do Mangue. A adaptação a um meio ecológico de alta complexidade se realiza graças aos saberes acumulados sobre o território e às diferentes formas pelo qual o trabalho é realizado. Nada existe de simples em suas técnicas; suas atividades apresentam-se complexas, pois constituem formas múltiplas de relacionamento com os recursos. Lembremos aqui, a forma como Roquelina põe-se diante à natureza: “foi caminhando na lama e navegando no mar que tudo eu pude aprender, principalmente a me amar e a respeitar o meu próximo”. São modos de perceber e apreender que evidenciam respeito e comunhão. São justamente esses modos, essas variedades de práticas que asseguram a reprodução do grupo, que possibilitam também uma construção da cultura integrada à natureza, segundo formas apropriadas de manejo.

Paul Claval, geógrafo cultural, lembra que a “apreensão do mundo e da sociedade é feita através dos sentidos”<sup>156</sup> e são os sentidos que nos trazem o sentido dos lugares. Os lugares vão sendo delineados de acordo com o contexto, a exemplo do advento da globalização. Deixe-se claro aqui, que a referência é feita não à globalização cruel, que submete um povo ao outro, mas sim, conforme Morin, à que nega a “visão mecanicista que isolava cada elemento em seu lugar e torna-se a marca principal da mudança de paradigma”<sup>157</sup>, a visão que nos evidencia de que tudo se faz interligado e interconectado, formando uma cadeia interdependente.

Na foto a seguir, temos um texto a ser lido. Na perspectiva de Susan Sontag, uma gramática e uma ética do ver que nos dá a sensação de uma antologia das imagens.<sup>158</sup> O enquadramento das águas, da embarcação e das mãos protegendo os mariscos constitui uma

---

<sup>156</sup> CLAVAL, Paul. A Geografia cultural. 2ª ed.: UFSC, Florianópolis: 2001. p. 81.

<sup>157</sup> MORIN, Edgar. O problema epistemológico da complexidade. Lisboa: Publicações Europa-América, 1983.

<sup>158</sup> SONTAG, Susan. Op, cit, p. 3.

importante escritura que retrata uma sutil interação dos componentes imersos no campo visual.

### **Vidas e saberes dão o tom do dia - a - dia**



Figura 10 - Foto de Trabalho de Campo em 01/11/2008.

A figura 10 anuncia tal interdependência. Marcações humanas, que são o resultado de um complexo processo de interação homem-natureza. Estabelecem relações que vão muito além das modificações físicas do espaço, incorporando outras dimensões sócio-culturais e político-econômicas. As paisagens se modificam, fruto da vida que flui, que anima e que contribui decisivamente para o entendimento do espaço enquanto uma totalidade na qual se passam todas as relações cotidianas e se estabelecem diferentes redes em âmbito micro e macrossocial. Trata-se de um olhar integralizador sobre a paisagem, identificando os diferentes aspectos do meio ambiente holístico<sup>159</sup>. O novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holística, pois concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas.

---

<sup>159</sup> MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

Em oposição, o saber técnico-científico procura desqualificar e desvalorizar todos os outros saberes e práticas<sup>160</sup>. Felizmente, a emergência do saber ambiental, no momento em que se deu conta de que era preciso rever métodos, abriu novas frentes para o desenvolvimento das disciplinas sociais: a relação entre cultura e natureza; a complementaridade entre geografia e ecologia; a influência do meio na consciência e no comportamento social; as bases ecológicas de uma economia sustentável e, por fim, a análise da dinâmica de sistemas sócio-ambientais complexos.

Sendo assim, vemos que o saber ambiental se constitui através de processos políticos, culturais e sociais. Pensar o ambiente como um espaço de articulação de processos de diferentes ordens de materialidade e racionalidade capazes de gerar um potencial ambiental contribui para transformar as relações sociedade-natureza. Dessa forma espaços de articulação podem ser pensados e levados à prática, como visto na notícia em que pescadoras e pescadores do município de Maragogipe, em 26 de setembro de 2008, receberam o novo mercado do peixe do município reformado e ampliado. A obra – fruto de um convênio de cooperação técnica e financeira entre a Bahia Pesca, o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e a prefeitura – teve como objetivo melhorar as condições higiênico-sanitárias dos produtos da pesca na região, além de absorver a produção da atividade pesqueira no entorno do município e desenvolver práticas de beneficiamento e comercialização de pescado<sup>161</sup>.

Felizmente, há fatos como esse que animam alternativas de pensar o ambiente como cenário de possibilidades de um maior equilíbrio entre homem e natureza, que muitas vezes, esbarra na expansão de economias de mercado baseadas em alta produtividade e consumo. Essas economias se desenvolveram (com maior ou menor intensidade) em todas as regiões da Terra com efeitos negativos e altamente devastadores sobre as populações humanas que mais dependiam e habitavam ecossistemas frágeis (florestas tropicais, savanas, manguezais), causando ao mesmo tempo empobrecimento social e degradação ambiental. Em muitos casos, sistemas tradicionais de manejo, intensamente adaptados a ecossistemas específicos caíram em desuso, seja pela introdução da economia de mercado, seja pela desorganização ecocultural, ou mesmo pela substituição por outros sistemas chamados “modernos”, impostos às populações.<sup>162</sup>

---

<sup>160</sup> Idem. p. 171.

<sup>161</sup> Novo mercado e peixe é inaugurado em Maragogipe. *Jornal A Tarde*, Salvador. Disponível em: <http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=970124>. Acesso em: 26 set. 2008.

<sup>162</sup> CASTELLS, M. op. cit. p. 97.

Pensar e fazer Ecologia é uma tarefa difícil de ser realizada quando desconsideramos o papel determinante do ser humano sobre o seu meio e vice-versa, influenciando, entre outros fatores, sua cultura e sua identidade. Da fala de Ataís, “A gente pra tá bem, precisa de tê trabalho e no mangue a gente tem”, sobre o que a faz se sentir bem, pode ser extraída a idéia de autonomia estabelecida no exercício de seu trabalho. Esta idéia de autonomia conferida à pescadora está contida no pensamento de Marcelo Lopes de Souza<sup>163</sup> no momento que este autor defende que a auto-instituição da sociedade se dá por caminhos que levam a uma maior liberdade e menor desigualdade. Quando a pescadora é detentora do saber necessário à realização de seu ofício, ela preserva o poder que o meio de produção lhe confere. Este poder, segundo Raffestin<sup>164</sup>, é uma abordagem conveniente no momento em que é estabelecido um espaço de ação, de exercício de poder e gestão – ou um (micro) território – onde os atores locais assumem relativo protagonismo no desencadeamento de ações que visam reestruturar e desenvolver seu território. Deve-se levar em conta o fato de que a pescadora, quando executa com dedicação o seu trabalho na maré (a que se adapta e vive), nos disponibiliza a renovação de esperanças de que a relação entre sociedade e natureza possa ser repensada e reestruturada em bases mais justas e ecologicamente sustentáveis. As mudanças positivas nas relações entre sociedade e natureza, são possíveis pela compreensão de que nem tudo pode ser entendido a partir de definições universais, conclusivas, restritas, mas as análises devem ser feitas balizadas nos embates entre humanidade e espaço, entre os mundos naturais e culturais. Ainda com Ataís, “o compromisso da pescadora, do pescadô, é com a maré”. Almeja-se que compromissos recíprocos realmente existam para com a natureza, para com o próximo antes de mais nada.

De acordo com estas implicações entre humanidade e espaço de populações como a do Iguape, somos levados a observar as duas faces que se apresentam à estas populações frente ao seu meio. Esforços de conservação devem identificar e promover os processos sociais que permitam às populações locais a conservar e aumentar a biodiversidade como parte de seu modo de vida. Mas, em seu livro “Biologia da Conservação”, Primack<sup>165</sup> critica o autoritarismo existente no processo de criação das Unidades de Conservação, por ele denominado “ecocolonialismo”, em que são ignorados os direitos tradicionais e as práticas da população local. À guisa de ilustração, a fala de S. Miúdo: “É proibido cortar o mangue, mas

---

<sup>163</sup> SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.77-116.

<sup>164</sup> RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993.

o mangue não pode ficar sem ser cortado”, referindo-se ao fato de que para o mangue se renovar, é necessário o seu corte. Isto implica na ideia de que o que se proíbe, o que se impõe às populações, pode ser extremamente prejudicial ao causar danos ambientais. Imposições como essa são feitas sem o conhecimento prévio necessário, do qual a população que subsiste do manguezal é detentora.

Tendo em vista esse tipo de conflito e a existência de diversas formas históricas de uso dos recursos naturais e da própria natureza (sobretudo nos países do terceiro mundo) evidencia a exigência de uma análise mais detalhada das relações dessas diversas sociedades com a natureza. O que marca os países subdesenvolvidos é a existência de sociedades tradicionais indígenas, camponesas, extrativistas morando em florestas tropicais e outros ecossistemas ainda não destruídos pela invasão mercantil, embora mais ou menos articuladas com a sociedade urbano-industrial. Muitas delas ainda não foram totalmente incorporadas à lógica do lucro e do mercado, organizando parcela considerável de sua produção em torno da subsistência<sup>166</sup>. Os homens reproduzem sua sociedade, a sua cultura por meio de suas atividades econômicas e do uso dos recursos naturais. Os primeiros, no entanto, pertencem a um sistema econômico extremamente voltado para o lucro monetário, no qual a solidariedade familiar tradicional desapareceu e que, portanto, depredam os recursos naturais. Os segundos ainda pertencem a uma sociedade que privilegia a reprodução dessa solidariedade e não somente a acumulação de bens e lucro, preservando os recursos naturais dos quais dependem para sobreviver<sup>167</sup>.

A dicotomia dos saberes, entre o científico e o vivenciado, leva a caminhos conflituosos. Muitas vezes, as instituições co-gestoras, ao planejar formas de uso sustentáveis não dão a devida importância ao “saber-fazer” das comunidades. “A gente aprende muita coisa de como se tira o sustento da natureza porque ela ensina a intimidade, a fúria, a calma, o respeito, o vento, o temporal, a gente aprende a escutá, a senti”<sup>168</sup>. Segundo Vieira<sup>169</sup>, essas populações são responsáveis por nos oferecer lições sobre o funcionamento de sistemas viáveis de apropriação, uso e gestão de recursos renováveis, que podem ser utilizados como referenciais importantes. É de extrema prioridade a atenção que deve ser dispensada aos saberes dessas pessoas. São elas que ali estão no constante lidar, na cumplicidade com o seu meio, atentas aos detalhes mais sutis. A relação com a natureza, em muitos casos, é de

---

<sup>165</sup> PRIMACK, Richard. B & RODRIGUES, Efraim. *Biologia da Conservação*. Londrina: E. Rodrigues, 2001. apud SALDANHA, Iaskara R. R. op. cit.

<sup>166</sup> CASTELLS, M. op. cit. p. 82.

<sup>167</sup> idem. p. 79.

<sup>168</sup> S. Miúdo. Entrevista citada.

verdadeira simbiose e o uso dos recursos naturais só pode ser entendido dentro de uma lógica mais ampla de reprodução social e cultural, distinta da existente na sociedade do lucro.

### 3.2 A RESEX

O sentido de preservação e conservação adotado nesta pesquisa faz-se condizente com a Lei 9.985, o SNUC. Esta lei, que estabelece normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação – UC's, distingue dois tipos de áreas de proteção: as UC's de Preservação Permanente e as de Uso Sustentável. A busca pela preservação e/ou conservação da natureza está presente na instituição das Unidades de Conservação, na premissa de considerar todo o patrimônio natural e cultural envolvido neste processo sob definições próprias.

Nas políticas de conservação, deverá ser prioridade a atenção dispensada aos saberes e costumes tradicionais, visto que se constituem como elementos do plano de manejo das UC's. Por todo o mundo, políticas de preservação têm sido baseadas na visão predominante de que as populações rurais não são boas gestoras dos recursos naturais. Isso é um grande perigo da ideologia da preservação<sup>170</sup>. Como analisado no capítulo anterior, os saberes tradicionais são construídos numa relação de troca com a natureza, permitindo um profundo conhecimento dos pescadores sobre o ambiente que os cerca. Não participando do circuito do grande capital, as populações tradicionais agroextrativistas não criam grandes excedentes em seus processos de produção de bens e utensílios de trabalho e/ou de extração de recursos naturais. Com esse modo mais sustentável de produção, as populações locais desenvolvem um manejo mais propício à reprodução das espécies animais e vegetais<sup>171</sup>. São populações que praticam atividades de subsistência de baixo impacto ambiental em áreas rurais e urbanas, baseadas na reciprocidade. Esta se expressa nos laços de solidariedade, interação e cooperação comunitárias e em relações econômicas e sociais mais coletivizadas. A título de esclarecimento, cabe aqui tecer considerações acerca das diferenças entre esses dois tipos de Unidades de Conservação.

---

<sup>169</sup> VIEIRA, R. S. ARRUDA. A luta por Japuira. 1995 apud SALDANHA, Iaskara R. R. op. cit. p. 125.

<sup>170</sup> PIMBERT, M. P. e PRETTY, J. N. op. cit. p. 208.

<sup>171</sup> SANTOS, Mário Alberto dos. Unidades de Conservação, Planejamento comunitário e educação: uma análise da realidade da reserva extrativista marinha Baía do Iguape-BA. Dissertação de Mestrado. 2007. Instituto de Geociências, UFBA, Salvador, 2007.

As UC's de preservação permanente são aquelas que têm como objetivo básico preservar a natureza, livrando-a, o quanto possível, da interferência humana; nelas, como regra, só se admite o uso indireto dos recursos naturais, isto é, aquele que não envolve consumo, coleta, dano ou destruição, com exceção dos casos previstos na Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Compreendem as seguintes categorias: Estação Ecológica (ESEC), Reserva Biológica (REBIO), Parque Nacional (PARNA), Monumento Natural (MN) e Refúgio de Vida Silvestre (REVIS)<sup>172</sup>.

Já as UC's de uso sustentável são aquelas cujo objetivo básico é compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela de seus recursos naturais. Elas visam a conciliar a exploração do ambiente com a garantia de perenidade dos recursos naturais renováveis considerando os processos ecológicos de forma socialmente justa e economicamente viável. Constituem este grupo as seguintes categorias: Área de Proteção Ambiental (APA), Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE), Floresta Nacional (FLONA), Reserva Extrativista (RESEX), Reserva de Fauna (REFAU), Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) e Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN)<sup>173</sup>.

Além destes dois tipos de unidade de conservação, deve-se atentar ainda para a existência das terras indígenas e quilombolas, também populações tradicionais, que também protegem o meio ambiente em razão do caráter tradicional das respectivas populações. Ao todo são 170 Unidades de Conservação de Uso Sustentável e 130 Unidades de Conservação de Preservação Permanente, perfazendo um total de 300 UC's. Conforme o ICMBio, o Brasil ainda tem uma pequena porção do território ocupado por UC's, porém esses números aumentam a todo ano. Isso evidencia uma tendência nacional em contemplar o uso social da natureza.

As resex foram criadas por avanço na legislação em escala nacional e internacional, sob pressão da sociedade civil e organizada e dos movimentos sociais de base. Cabe aqui traçar um breve histórico da legislação ambiental brasileira, analisando sua evolução e a crescente ampliação da preocupação para com o patrimônio natural e social do Brasil.

Com a realização da primeira Conferência Nacional para a Proteção da Natureza, em 1934, o poder público nacional ainda não sinalizava interesse na criação de leis específicas para a questão ambiental. Em 1937, com a Constituição que trazia uma continuidade ideológica à de 1934 (sem reivindicações ou movimentos sociais que animassem mudanças na

---

<sup>172</sup> BRASIL. Instituto Chico Mendes e da Biodiversidade. Unidades de Conservação. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/>. Acesso em 11 abr. 2009.

<sup>173</sup> Idem.

legislação), os poderes legislativo e executivo brasileiros, tanto quanto a realidade mundial, conservaram-se sem novas perspectivas para com a questão ambiental. Neste momento, o Brasil passava pelo início de sua industrialização, contando com pouca articulação e incompleta integração nacional, reflexos de uma República ainda bastante elitista.

Depois da realização dessa conferência, o governo de Castelo Branco instituiu em 1965 o novo Código Florestal Brasileiro – Lei 4.771 – em um período de grande movimentação de políticas desenvolvimentistas e ideologias com vista ao crescimento econômico no Brasil. Em 1967, foi criado o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), no intuito de administrar as áreas protegidas no país. Em 1973, com a criação da Secretaria Especial de Meio Ambiente (SEMA), as funções foram divididas entre os dois órgãos.

Com tudo, ao final dos anos 60, ações e encontros pelo mundo ganharam força no sentido em que demandavam outras atitudes em relação impactos sociais e ambientais. Novas questões e posturas passaram a ser discutidas e praticadas quando, em 1972, aconteceu em Estocolmo a primeira reunião mundial para tratar de questões ambientais. O evento símbolo, divisor de águas na história das questões ambientais, pôs-se como marco da frutífera e crescente preocupação da humanidade com os revezes criados por ela própria.<sup>174</sup> Porém até a década de 1980 as populações tradicionais do Brasil ficaram de fora da legislação ambiental, caracterizando o total descaso do poder público para com a diversidade cultural do país. Lembra-se que o país volta a ter um presidente civil em 1985, após 21 anos de regime militar findados por uma transição muito controlada pela cúpula do exército. Há uma década, o país enxergava sinais de esperança por mudança democrática com a candidatura de Ulysses Guimarães à presidência da república, mas também pelo ressurgimento da construção social de base, em grande parte incentivada por organizações ligadas à Igreja como as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's). A maior abertura política e o aumento dos debates em várias escalas, da local à global, representou um contexto explorado por movimentos sociais diversos, entre os quais destacamos o dos seringueiros na região Norte, que se mobilizaram enquanto extrativistas. Estes passaram a se apresentar como “povos da floresta”, lutando por justiça social e direitos ambientais coletivos. Isto pôde acontecer devido à união de diversos movimentos de povos tradicionais: os seringueiros e os indígenas.

Pela necessidade de organização em prol da preservação de seus modos de vida, exigiu-se de poder público criar uma nova categoria de área protegida que garantisse o

---

<sup>174</sup> SANTOS, Mário Alberto dos. op. cit. p. 23.

trabalho e a sobrevivência de populações que estabelecem uma relação de extrativismo com manejo dos recursos naturais. Após anos de lutas, mortes como a do seringueiro Chico Mendes em 1988 e o crescente apoio da sociedade civil organizada, foi criado pelo Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA) um projeto de assentamento extrativista, também em 1988<sup>175</sup>. Após alguns anos e várias tentativas de criar um estatuto novo<sup>176</sup>, na década seguinte as reservas extrativistas foram criadas. Após as resex florestais, foram criadas as resex marinhas, em reconhecimento da diversidade de populações tradicionais. As Resex marinhas vêm ganhando expressão na Bahia. Duas unidades foram criadas, a Baía do Iguape (universo desta pesquisa) e Ponta do Corumbau e mais duas estão em processo de criação: Canavieiras e Baía de Camamu.<sup>177</sup>

Graças à crescente participação da sociedade civil organizada em defesa das questões ambientais, do respeito aos saberes e populações, as leis ambientais passam, logo, a ser mais coerentes com princípios e valores calcados na sustentabilidade, a base para o desenvolvimento social e econômico do Brasil. Esta lógica transparece em vários aspectos da política ambiental federal. A Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) de 1999 por exemplo, considera de que a educação, formal e não-formal, é essencial para a conservação e preservação do patrimônio natural brasileiro. A aceitação da educação conhecida como não-formal traz a consideração das práticas cotidianas ditas tradicionais de manejo ambiental, pois, os saberes tradicionais, na maioria das vezes, convivem com técnicas auto-sustentáveis de extração de recursos naturais renováveis. Vale lembrar que esses saberes tradicionais construídos pela população da resex devem dar lastro e direcionar o processo de construção do plano de uso dos recursos naturais da unidade.

É importante enfatizar que os objetivos da resex estão contidos nos propósitos das UC's. Visando a conservação da natureza, elas são geridas em co-gestão entre a população e o Instituto Chico Mendes e da Biodiversidade - ICMBio. Conforme o art.2 do decreto de criação da Resex Marinha Baía do Iguape, o principal norteamento de seu funcionamento reside na auto-sustentabilidade do extrativismo tradicionalmente realizado pela população local<sup>178</sup>. Para a concretude deste objetivo, faz-se necessário o compartilhamento deste pensamento entre a população local e o poder público. Ao ICMBio, que por sua vez representa efetivamente o poder público, cabe o acompanhamento em co-gestão neste

---

<sup>175</sup> idem. p. 25

<sup>176</sup> PROST, C. Impactos territoriais e ambientais: Efeitos da barragem da Pedra do Cavalo sobre a pesca artesanal na baía do Iguape, 2008.

<sup>177</sup> SANTOS, Mário Alberto dos. op. cit. p. 23.

<sup>178</sup> SANTOS, Mário Alberto dos. op. cit. p. 35

processo. Também compete a este órgão a capacitação técnica da população para o planejamento e a gestão da unidade com o apoio da sociedade civil organizada e da comunidade acadêmica. Conforme relato das pescadoras e pescadores, parece que um dos entraves ao pleno funcionamento da Resex não tenha se concretizado por “falta de organização das pessoa do Conselho, falta de união pra fazê que as coisa aconteça”, afirmou Ataís, 30 anos, nascida na cidade de São Félix, mãe de duas filhas, referindo-se ao Conselho Deliberativo escolhido em agosto de 2005. A própria constituição do Conselho foi laboriosa, levando cerca de 5 anos com a reivindicação da população do Iguape frente ao ICMBio. Até hoje, este Conselho ainda não se encontra funcionando plenamente. Tudo leva a crer que falta à população do Iguape o diálogo, a organização de propostas através da união da população, impulso que viria a trazer para a vida dessas pessoas os benefícios das premissas de conservação da natureza estabelecidas pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). “O Conselho mermo, tem que existir em busca de defendê o pescadô, mas na hora que junta gente..., eu gosto muito de labutá com o povo, mas o bicho pega quando o negócio não tá sadio”. Nesta fala de S. Miúdo, podemos perceber o quão dificultosa é a organização, a cumplicidade entre as pessoas, que são as principais interessadas nesse processo de colocar a Resex em funcionamento.

Os resultados tendem a ser otimizados, apesar de dificuldades como essas, quando há a participação das populações humanas nesse processo, o respeito à sócio-diversidade e uma relação de troca e de reciprocidades para com a biodiversidade, abrindo assim novas possibilidades de tratar a proteção da natureza. Segundo Primbert e Pretty, a espécie humana não deve sempre ser considerada sempre vilã nesse processo: experiências espalhadas pelo Brasil demonstram que muitas vezes o modo de vida de populações tradicionais mais contribui do que atrapalha a conservação de ecossistemas e biomas<sup>179</sup>. D. Edite, 67 anos, pescadora desde os 15 em Maragojipe, e S. Miúdo concordam com a ideia de que as pessoas que vivem da pesca podem ajudar bastante com conhecimentos que só existem hoje fruto do processo longo de vivência em cumplicidade com o meio desde muito jovens. “Ôto dia, a bióloga de uma reunião lá em Salvador, veio dizê que pescadô não estudô..., eu num tive estudo, mas eu sei de muita coisa que ela nem sonha”. O semblante de muita chateação de S. Miúdo denuncia o acinte no descaso com que muitas vezes são ainda tratadas as populações. Felizmente, as ciências se abrem à perspectiva da aprendizagem mútua entre diversas matrizes

---

<sup>179</sup> PIMBERT, M. P. e PRETTY, J. N. op. cit. p. 195.

de racionalidades. Assim, Enrique Leff<sup>180</sup> chama a atenção para a necessidade de articulação das ciências e para o diálogo de saberes, ou seja, o chamado saber tradicional deve ser levado em consideração no momento de elaboração e prática do manejo em áreas protegidas.

O SNUC traz a definição do plano de manejo, o qual serve como documento orientador e balizador na gestão da Resex, subsidiando o seu órgão gestor (ICMBio), as associações representativas das populações tradicionais, as demais instituições que compõem o Conselho Deliberativo da Unidade e a própria comunidade residente, no desenvolvimento de ações e programas que visem garantir a qualidade de vida, a valorização da cultura de sua população e o uso sustentável dos recursos naturais disponíveis na área. O plano de manejo constitui um documento técnico que estabelece o seu zoneamento e as normas de manejo dos recursos em base nos saberes ambientais das populações tradicionais. Desta forma, estas populações são os maiores interessados neste processo que, sem sua participação, não ocorre.

Neste sentido, conservar a biodiversidade requer uma apreciação muito mais sutil das influências humanas e naturais. O próprio S. Miúdo critica a separação entre homem e natureza: “antes de se falar em Ecologia, eu pensava que Natureza era a gente mermo, mas eu sei hoje que Natureza é o mundo em si”. Esta fala de S. Miúdo é confortavelmente respaldada pela ideia de *Segunda Natureza* de Milton Santos. A Segunda Natureza dá-se quando os grupos humanos modificam a ação das forças naturais, levando em conta que a natureza ainda obriga a adaptações e impõe resultados<sup>181</sup>. A ideia da interação Homem x Natureza é recorrente nas conversas que se desenvolveram ao longo desta pesquisa. A maioria dos ambientes terrestres e costeiros, assim como a forma e o grau da diversidade biológica resultam da combinação de processos cíclicos, ecológicos e climáticos e da ação humana passada<sup>182</sup>. Como exemplo de ação humana, tem-se a implantação da Barragem de Pedra do Cavalo e os conflitos oriundos deste empreendimento frente à população, onde pode-se destacar a questão da falta de informação à população como elemento decisivo de poder. O impacto da ação humana, a exemplo da instalação da referida Barragem em finais da década de 1970, nos traz indícios de como se faz complexo estabelecer réus e vítimas nessa forma pragmática: “a gente vê é culpa em cima de culpa, uns diz que foi a Votorantin, ôtos diz que foi o asfalto..., é sempre culpa em cima de culpa” – afirma S. Miúdo, refletindo sobre danos causados ao meio como a poluição do manguezal e das águas do Rio Paraguaçu. Os esforços para conservar a biodiversidade devem prestar maior atenção nos processos do ecossistema do

---

<sup>180</sup> Ver LEFF, E. Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

<sup>181</sup> Ver SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1997.

que em seus produtos. Para S. Miúdo, quando a barragem foi construída, já se tinha claro que os maiores beneficiados seriam de fora da região impactada: Salvador e Feira de Santana recebendo água potável, contrastando com o benefício local de controle do nível do rio, para evitar as enchentes que afetavam principalmente as cidades de Cachoeira e São Felix do Paraguaçu. Efetivamente: “você não vê progresso sem dificuldade pra outros..., mas pelo menos parou aquelas enchente que matô foi gente..., isso foi lá pela década de 60”.

Tendo em vista a conservação da biodiversidade, confirma-se que a realidade dentro de uma UC exige transcender para além dos limites do licenciamento ambiental da área protegida, levando-se em conta que a existência da localidade não se faz isoladamente. De acordo com Michel Pimbert e Jules Pretty<sup>183</sup>, haja visto a necessidade de contemplar as populações tradicionais, as intervenções feitas em seu interior ou arredores fatalmente acarretarão influências em seus ecossistemas. Conforme o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), as áreas de amortecimento – zonas de fronteiras no entorno das UC’s – devem amenizar os eventuais problemas dessa questão, mas há diversos exemplos onde essa área de fronteira não é respeitada.

Ainda com relação à co-gestão entre população e o ICMBio e a importância que existe em priorizar a sustentabilidade, importa salientar a longa discussão sobre a participação comunitária nas atividades de desenvolvimento. Roquelina afirma que vê como necessário, de fato, “viver num mundo de menos fantasia, precisamos de que muita coisa vá pra prática”. É verdade que os termos “participação comunitária” e “participação popular” fazem agora parte do discurso de muitas e variadas instituições desde organizações não governamentais (ONGs), a departamentos governamentais e bancos. O problema é que esses termos significam coisas diferentes para agentes diferentes. Como exemplo, podem ser citadas instituições como a Votorantin, cujo posicionamento é bastante questionado pela população pesqueira frente aos impactos provenientes do funcionamento da Barragem de Pedra do Cavalo. Tem-se também a Bahia Pesca, órgão estadual, cujas ações ainda estão muito aquém do suporte merecido por esta população. Até o Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP), nas entrevistas, aparece como um dos problemas mais citados por conta de falta de entendimento e conflitos internos, por exemplo. A comissão foi formada em prol da causa da população pescadora, mas, o que parece, conforme as impressões das pessoas ouvidas, é que o confronto de interesses e o confronto de egos “inflados” se instalam, atravancando mais ainda a possibilidade de

---

<sup>182</sup> *idem.* p. 195.

<sup>183</sup> PIMBERT, M. P. e PRETTY, J. N. Parques, comunidades e profissionais: incluindo “participação” no manejo de áreas protegidas. In: DIEGUES, A. C. (Org.). op. cit. p. 201.

evolução do processo organizacional. Parece mesmo serem necessários maiores esforços no sentido de legar às populações locais a instrumentalização necessária para o desenvolvimento do compromisso em manter ou apoiar novas possibilidades quando esses incentivos deixam de existir<sup>184</sup>.

Apesar das políticas nacionais e internacionais existentes tentarem encorajar a conservação, elas tendem a fazer isso de uma forma que exclui as populações locais, conduzindo a uma maior degradação. S. Miúdo cita que as pessoas têm muito receio de fiscais do IBAMA: “o pessoal do IBAMA não vem na brabeza, não, mas as pessoas muitas vezes têm até medo de dá informação, medo de repressão..., teve até gente que perdeu a canoa porque saiu correndo com medo”. Isto acontece diante da rejeição por parte da população às novas práticas que lhes são prescritas, haja visto que o poder público, por muito tempo, adotou uma atitude coerciva a fim de obter sucesso pela manipulação do ambiente social. Esta coação, inclusive, prejudica a boa relação entre elas e o IBAMA na Baía do Iguape, por exemplo. “A missão é esclarecimento e não repressão”, S. Miúdo conclui o pensamento. Essa parece mesmo ser a base para o manejo sustentável dos recursos naturais.

É positivo que o governo brasileiro comece agora a agir de maneira mais eficaz e engajada na aplicação de instrumentos políticos nos setores agrícolas, florestal e pesqueiro, principalmente no que se refere à aproximação entre poder público e população. Para isso, o Governo tem se utilizado de campanhas que provocam maior identificação entre população e o órgão competente, tudo isto em favor de maior sustentabilidade. A gestão participativa sinaliza um amplo horizonte de perspectivas positivas frente ao manejo de recursos naturais. A exemplo dos assuntos relacionados à Barragem de Pedra do Cavalo, abre portas também à discussão de problemas não só da resex como também da área do entorno.

Em relação aos impactos claramente negativos, S. Miúdo, sempre muito ponderado em suas reflexões e bastante experiente na pesca e na vida, é bastante criterioso em seu julgamento quanto à barragem de Pedra do Cavalo:

*A Votorantim, isso é um desafio, bom pra uns, ruim pra ôtros. Problema na pesca..., vejo que é por causa do agrotóxico que se despeja no mar, camadas de plástico..., não por causa da barrage..., hoje em dia a água desce regradada..., antes vinha tudo, vinha de tudo.*

---

<sup>184</sup> idem. p. 197.

Nesta fala, a barragem e o uso da tecnologia de construção parecem ter conseguido trazer benefícios à população. Contudo, não condiz com os primeiros levantamentos das equipes do programa *Iguape Sustentável*, do SRH, atual INGÁ, onde as principais reclamações das comunidades foram em relação à diminuição das espécies de peixes e mariscos e à alteração da quantidade de pescado e do manguezal, o que vem trazendo prejuízo para a sobrevivência da população<sup>185</sup>. Numa tentativa de atender às questões sócio-ambientais das populações pesqueiras e quilombolas de pequenos povoados em Maragojipe e Cachoeira, que vivem no baixo Paraguaçu, a Superintendência de Recursos Hídricos lançou um programa chamado *Iguape Sustentável* em parceria com diversos órgãos do governo do Estado<sup>186</sup>. O programa tem como objetivo estreitar o diálogo entre os extrativistas, ouvir as queixas e verificar as condições da qualidade da água do rio Paraguaçu, à jusante da Barragem Pedra do Cavalo. Pela primeira vez, essas populações passam a receber a visita de uma equipe do governo estadual, acendendo a esperança de que problemas venham a ser solucionados.

Todavia, a ideia de que a humanidade está separada da natureza parece estar profundamente enraizada na civilização ocidental. Em oposição às religiões animistas de muitos povos indígenas que, para usar nossos termos, veem cultura na natureza e natureza na cultura, as tradições judaico-cristãs falam de uma origem na qual foi dado ao homem o domínio sobre a fauna, a flora, as águas, enfim, a terra como recurso disponível ao seu *bel* prazer. Esta idéia do domínio do homem sobre a natureza foi também convenientemente apropriada pela racionalidade capitalista. Até o conto épico mais antigo do mundo, a Epopéia de Gilgamesh, narra a luta primordial entre as civilizações reais e a floresta, fonte de todo o mal e brutalidade.<sup>187</sup> Impressiona o modo como se deu a construção ideológica, através dos tempos, sobre a representação dos povos possuidores de relações mais estreitas com meio natural, tidos como seres a serem evitados, banidos, mantidos à distância, com o objetivo de que “o vírus da selvageria” não obtivesse acesso e causasse danos à “civilização”. Na Grécia antiga, a “natureza” não domesticada era percebida como o domínio das forças femininas, selvagens e irracionais, que contrastavam com a cultura racional ordenada pelos homens<sup>188</sup>. Nessa visão de mundo, não somente a natureza era ameaça séria à Cidade-Estado, como o mundo selvagem era também habitado por povos bárbaros, a exemplo dos quais eram as

---

<sup>185</sup> IGUAPE SUSTENTÁVEL. Portal SEIA Notícias. Disponível em: <http://www.seia.ba.gov.br/noticias.cfm?idnoticia=3491>. Acesso em: 29 out. 2008.

<sup>186</sup> *idem*.

<sup>187</sup> COLCHESTER, Marcus. 2000. apud DIEGUES, Antonio Carlos (Org.) Etnoconservação: Novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos, Antônio Carlos Diegues (org.). São Paulo: Hucitec/NUPAUB-USP, 2000. p. 225-255. p. 225.

<sup>188</sup> *idem*. p. 225.

amazonas – mulheres selvagens, nuas, com cabelos longos – que representavam a antítese da civilização grega.

A contraposição a este contexto de não-integração com a natureza descrito por Colchester é observado no cotidiano das pescadoras do Iguape. Estas mulheres que vivem da maré são profundamente “íntimas” do manguezal no qual trabalham, ou seja, vivenciam esta perspectiva historicamente depreciada pela nossa sociedade, mas hoje tão defendida pelas correntes que pregam a sustentabilidade.

### 3.3 INTERPRETANDO O MUNDO NA VIDA QUE SE VIVE

Em matéria do jornal A Tarde<sup>189</sup>, o secretário de Meio Ambiente de Maragogipe, Francisco Gomes, declara que o mangue é conhecido como o “*supermercado vivo da natureza*”. O poder da região de manguezal, de gerar alimento e trabalho ao mesmo tempo também foi destacado pelos participantes do encontro, onde estavam presentes representantes do governo local e lideranças comunitárias da população marisqueira e pescadora. “É o metro quadrado mais rico da Terra, pois há milhares de vidas em cada centímetro”, explicou o secretário, que vem desenvolvendo com muitos moradores trabalhos artísticos e culturais, visando resgatar o folclore naquela região do litoral baiano. Um desses projetos é criação da figura da “Vovó do Mangue”.

Parcela significativa dos moradores do Iguape depende do manguezal, e é por motivos como este, que ele é considerado o “berçário” e a “maternidade” da vida marinha. Estes moradores vivem em função dele e passam pelo menos uma parte de seu ciclo de vida na dependência deste ecossistema.

É interessante verificar que nas palavras das pescadoras podemos perceber os processos sócio-históricos de construção de suas identidades, seus corpos e sua conduta social: “Minha filha, minha proteção é olhar prá cima (e olha para o alto, apontando com o dedo indicador). Aquele de lá de cima. É com ele que eu boto o pé direito na lama”, explica a marisqueira D. Edite, exemplo de tantos outros cuja vida está atrelada a significados simbólicos, míticos e culturais. Como nos mostra Edgar Morin,<sup>190</sup> as estratégias de conhecimento e de ação das populações tradicionais são construídas por um pensamento

---

<sup>189</sup> Morte de peixes: 10 mil pescadores receberão salário mínimo. Jornal A Tarde, Bahia. Disponível em: <http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=741014>. Acesso em: 30 nov. 2007.

empírico-lógico-racional relacionado ao universo simbólico-mitológico e mágico. O uso dos recursos é relativo à vida material, mas também ao universo simbólico. Com frequência, as regras culturais locais para o uso e apropriação dos recursos naturais constituem as bases de um modo de vida sustentável pois se estabelecem relações que ultrapassam a consciência de conservação do meio e se expressam como uma forma de vida. Estas populações externalizam o seu jeito de ser apreendido, pelo que vivenciam: eles apenas são.

Nessas populações, em particular, as mulheres põem-se diante de seu mundo, no exercício de sua lucidez, fomentando avanços sociais significativos. Tal comportamento vem sendo tomado como referência, mesmo que timidamente, rumo à desestabilização de alguns paradigmas da sociedade atual Milton Santos<sup>191</sup>. Em seu livro “Por uma outra Globalização”, Santos afirma que este avanços sociais veem alimentando a esperança de construção de um novo universalismo bom para os povos e para pessoas.

Entre os paradigmas vigentes na sociedade estão a tendência ao desmerecimento, a não aceitação do que evoca o natural – “o selvagem” já citado – e a imposição de afastamento, muitas vezes velada e sutil, de tudo o que pode ter conotação com a pobreza. Exemplificando isto, Roquelina recorda que muitas de suas colegas de profissão, por se sentirem discriminadas, se envergonham quando estão sujas de lama: “não chegam perto das visitas quando tão fumegando a peixe”. Ela, porém, faz uma ressalva afirmando, com o entusiasmo e desenvoltura que lhe é peculiar, que jamais teve problemas quanto a isso, pois tem em mente que é uma cidadã que está ali lutando pela sobrevivência.

Realmente, as pescadoras do Iguape adotam estilos de vida que fogem dos padrões impostos pela nossa sociedade. Quando busquei em vão documentos que pudessem servir como fontes para a pesquisa, como um arquivo com os registros das trabalhadoras e dos trabalhadores da pesca na Colônia, atribuí isso ao fato de que ainda predomina nessas populações, de fato, a comunicação oral. Populações como a do Iguape, cujo cotidiano é de intensa cumplicidade com o meio natural por conta de sua cosmovisão, encontram-se ainda em processo de adaptação à necessidade essencial de recursos organizativos para a organização de fichários como o exemplo da colônia de pescadores. Penso, que até mesmo inconscientemente, dessa forma, defendem-se da *pasteurização* dos moldes convencionais de organização e seguem comportamentos que podem ser considerados como parte do processo de resistência das culturas frente à necessidade externa de modernização. Seus entendimentos sobre o que é substancial para suas vidas caminham em direção à lógica de organização

---

<sup>190</sup> MORIN, Edgar apud IASKARA, R. R. op. cit. p. 29.

<sup>191</sup> Ver SANTOS, Milton. op. cit. 2000.

baseada em padrões modernos; em verdade, esta valoração ganha acentuada força atualmente por conta de efetivamente haver vantagens como subsídio para organização da categoria profissional, por exemplo. Esta prática corrobora com o pensamento de Maria Isaura Queiroz, no sentido de que “o relato oral está, pois, na base da obtenção de toda a sorte de informações e antecede a outras técnicas de obtenção e conservação do saber”<sup>192</sup>. Os relatos são feitos pelas mães, pais, vizinhos, mestres da arte da pesca, sobretudo pelas pessoas mais velhas. Neles, figuram explicações cosmológicas, nas quais emerge muito do que os entrevistados são e pensam. Neste sentido, quanto à não existência de arquivos de fichas bem organizados, decretos ou leis, parece-me possível que muito pouco disso faz sentido no cotidiano dessas pessoas, embora comece a existir a preocupação com este tipo de organização face à garantia de recebimento de seguro-defeso, auxílio maternidade e auxílio–doença, por exemplo.

Partindo desse prisma de análise da vida de pescadoras e pescadores e tendo em vista que os habitantes do Iguape são e se constituem do que vivem, bastante apropriado é o que afirma Godelier<sup>193</sup>: “suas características conservacionistas não são, necessariamente, uma ideologia de vida, e sim, a maneira como esses povos veem a natureza, não como objetos que se resumem no local de onde provém seu sustento, e sim, como uma extensão da sua vida”. A relação estabelecida demonstra igualdade sem que haja submissão, pois a natureza se apresenta como um outro sujeito.

Assim, a pescadora, essa mulher de olhar complexo sobre o seu meio ambiente, vale-se de sua visão singular sobre a vida, o que a traz bem próxima da corrente de pensamento abordada por Godelier acima. Esta corrente está assentada em princípios éticos voltados para todas as formas de vida no planeta, rejeitando a dualidade entre a natureza humana e não-humana, por conceber que ambas são dotadas de um valor intrínseco. Este olhar complexo é refletido na singeleza e propriedade de Roquelina quando esta diz que “Você tem que caminhar na lama não como do jeito que muita gente pensa, como uma coisa nojenta, mas sim como uma coisa que é da natureza...”. Neste pensamento, mulheres são doadoras de vida, tanto provendo alimento como dando à luz crianças. Delas, os seres humanos fizeram a primeira imagem de culto, representando a deusa, a fonte de toda vida, segundo a consideração de alguns historiadores<sup>194</sup>. Quando ouvimos Roquelina se referir ao manguezal

---

<sup>192</sup> QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Relatos Oraís: do ‘indizível’ ao ‘dizível’.1988. apud Revista Ciência e Cultura, pp. 272-286.

<sup>193</sup> GODELIER, Maurice. Godelier. *Edgar de Assis Carvalho (Org.) - Col. Grandes Cientistas Sociais. SP: Ática*, 1981.

<sup>194</sup> Ver SPRETNAK. Ecofeminism: Our Roots and our Flowering. Diamond e Orenstein apud RUETHER, Rosemary Radford. op. cit. Disponível em: [http://editora.metodista.br/textos\\_disponiveis/mandra6cap1.pdf](http://editora.metodista.br/textos_disponiveis/mandra6cap1.pdf). Acesso em: 02/01/2006.

como uma fonte de vida que sustenta muitas vidas – inclusive a sua – podemos nos utilizar do conceito de ambiente relacionado a um objeto complexo, integrado por processos de ordem natural, técnica e social. As causas e objetivos que concorrem para a complexidade do conceito de ambiente não podem ser absorvidos num modelo global único, por mais complexo, aberto e holístico que pretenda ser.

Neste raciocínio, Milton Santos, em seu livro *Por uma outra globalização*<sup>195</sup>, afirma que os lugares são o mundo, repletos de modos específicos, de indivíduos diversos. Isto endossa a ideia de que o pensamento da complexidade e dos princípios de racionalidade ambiental se comprometem e informam, mas nunca uniformizam. Populações como a da Baía do Iguape, especialmente as marisqueiras e pescadoras, são detentoras de uma multiplicidade de experiências e práticas que adquirem e configuram a especificidade do local e que, a partir de sua diversidade, estruturam esta nova racionalidade. A partir da complexidade da problemática ambiental, e de acordo com o pensamento de Enrique Leff<sup>196</sup>, é oportuna a crítica à fragmentação e a compartimentalização do conhecimento disciplinar, que se torna aquém das expectativas sobre a criação de possibilidades de poder explicá-la e resolvê-la.

### 3.4 MULHER E SUSTENTABILIDADE

Ao longo da década de 1990, as relações de gênero foram definitivamente incorporadas nas agendas nacionais e internacionais e têm sido fundamentais na construção da visão de sustentabilidade entre sociedade e meio ambiente. Para as mulheres, isso representa um importante espaço de articulação política e de visibilidade, permitindo a construção de profundas mudanças na ordem natural, baseadas na justiça social. É imprescindível para a linha de estudo desta pesquisa analisar a integração da mulher na sociedade e como ela vem conquistando espaço e ajudando a construir um mundo onde homens e mulheres se completam na busca de um bem-estar comum. Esta mulher a que me refiro é, ao mesmo tempo, agente social, econômico e político. É uma mulher participativa, trabalhadora e que quer contribuir para a evolução dos tempos, como um ser humano que pensa e que tem forças junto à sociedade.

---

<sup>195</sup> SANTOS, Milton. Op. Cit. 2000. p. 112.

<sup>196</sup> LEFF, E. Op. Cit. 2001.

Uma mostra desse tipo de mulher é Roquelina. Percebemos isso nas suas atividades com sua filha, no lirismo de sua poesia, nas suas falas e em seu livro “*Pescando Poemas*”<sup>197</sup>, publicado em 2002, reunindo vários de **seus textos**. Constatamos que a poeta Roquelina se faz mais uma grande aliada na sedimentação da figura da mulher que luta pela sobrevivência, pelos seus sonhos de vida melhor e mais justa. Ela se coloca receptiva na atenção aos acontecimentos, principalmente os que remetem à causa da mulher, no que tange a temas como abuso, desrespeito e exploração<sup>198</sup>.

É importante que as mulheres estejam conscientes de sua condição social e política, não só pelo fato de terem nascido mulheres, mas, também, pelo fato de que se tornaram mulheres e estão inseridas socialmente em atividade específica, em razão de pontos de vista histórica e socialmente construídos distintos em relação aos dos homens. As sementes dessa visão política e do desejo de visibilidade despontam nos finais do século XVIII, sendo amplamente difundidas entre o movimento feminista que, com o passar do tempo, passou a incorporar em suas discussões e reivindicações a questão da segurança planetária em suas dimensões geográficas, na perspectiva de que essas questões estão subjacentes aos atuais problemas da sustentabilidade do planeta<sup>199</sup>. A partir da experiência e da luta das mulheres por autonomia e equidade, se consolida a proposta de uma sociedade baseada em políticas de distribuição das riquezas e do trabalho. Faz-se necessária revigorar essa causa a cada dia pois as mulheres podem e devem fazer escolhas, agir e transformar o mundo, como sujeitos, independentemente de suas famílias, como senhoras de seu corpo e suas vidas.

A corrente feminista se desdobrou em uma linha de pensamento que abrange, além da igualdade nas relações de gênero, uma maior harmonia nas relações entre sociedade e natureza. Shiva explicita a relação entre a questão feminista e a questão ambiental.

*A recuperação do princípio feminino se baseia na amplitude. Consiste em recuperar na Natureza, a mulher, o homem e as formas criativas de se perceber. No que se refere à Natureza, supõe vê-la como um organismo vivo. Com relação à mulher, supõe considerá-la produtiva e ativa. E no que diz respeito ao homem, a recuperação do princípio feminino implica situar de*

---

<sup>197</sup> ALMEIDA, Roquelina. *Pescando Poemas*. Ed. Radame. Prefeitura Municipal de Maragogipe, 2002.

<sup>198</sup> CAPRA, Fritjof. *A teia da vida*. Cultrix. São Paulo, 1998. p. 41.

<sup>199</sup> DI GIOVANNI, Júlia. op. cit. p. 40.

*novo a ação e a atividade em função de criar sociedade que promova a vida e não a reduza ou a ameace.*<sup>200</sup>

Encarar a relação entre a mulher e o meio é proposta pelo Ecofeminismo, que tem na física e ativista ambiental da Índia, Vandana Shiva, a sua inauguração. É uma teoria que se firma na ideia de que o pensamento ocidental identifica, do ponto de vista político, a mulher com a natureza e o homem com a cultura, sendo a cultura (no pensamento ocidental) superior à natureza. A cultura seria uma forma de “dominar” a natureza. Ora, a natureza deve ser considerada um bem público, e não algo a ser patenteado, vendido, comprado. A visão ecofeminista prega, então, que as mulheres teriam especial interesse em acabar com a dominação da cultura sobre a natureza. A sociedade sem exploração da natureza significaria, portanto, uma condição para a libertação da mulher<sup>201</sup>. O movimento ecofeminista concentra o seu discurso no sentido de reforçar a importância da mudança de paradigma não só da relação entre sociedade e natureza, como também para a melhoria da relação entre gêneros. Ele associa o resgate dos valores femininos simbolizados pela proteção e pelo ato de cuidar, por exemplo.

O pensamento ecofeminista ganhou visibilidade a partir dos movimentos feministas da década de 1970, a chamada segunda onda do feminismo. Nessa época os mesmos já eram influenciados pelos movimentos pacifistas, antimilitaristas e antinucleares, que eclodiram em toda a Europa e EUA nos anos 60 e que deram origem aos movimentos ambientalistas<sup>202</sup>.

As mulheres da Baía do Iguape, sobretudo as pescadoras, se fazem presente e se mostram bastante receptivas a essa linha de pensamento, o que fortalece a importância de planos de desenvolvimento comunitários que incorporem essas mulheres nos processos de discussão em que esses diagnósticos e planos são elaborados. Com as pescadoras, como já visto, tem-se forte a criação de um elo familiar, um elo de solidariedade com as pessoas próximas e entre elas, instrumento utilizado por elas no enfrentamento das dificuldades da vida, estando em terra ou na maré<sup>203</sup>. Essa ideia é compartilhada pela linha ecofeminista, que considera, também, o parentesco simbólico, onde parentes não seriam só irmãos, tios, pais,

---

<sup>200</sup> SHIVA, V. 1991 apud SILIPRANDI, Emma. op. cit. p. 64.

<sup>201</sup> DÍAZ MUÑOZ, M. A. e MOYA, J. M. op. cit. p. 238.

<sup>202</sup> RUETHER, Rosemary Radford. op. cit. Disponível em:

[http://editora.metodista.br/textos\\_disponiveis/mandra6cap1.pdf](http://editora.metodista.br/textos_disponiveis/mandra6cap1.pdf). Acesso em: 02 jan. 2006.

<sup>203</sup> Ver MALDONADO, Simone Carneiro. op.cit. 1994.

sobrinhos e primos, mas também as comadres, compadres, vizinhos e amigos, característica forte do cotidiano dessas mulheres.

Vale lembrar aqui a empolgação das filhas da pescadora Ataís em irem ao manguezal, local onde nasceram e cresceram. Acredito que esse fato sugere que, apesar de o dualismo natureza-cultura ser um produto cultural de nossa sociedade moderna e urbana, essas crianças são exemplos de que algo pode ser transformado em nossa visão de mundo, no momento em que aceitamos partilhar de valores que trazem as singularidades da conexão entre ser humano e natureza, e mais particularmente, entre mulher e natureza.

Nas imagens lado a lado, a alegria das filhas de Ataís parece evidente. Elas e o mangue, no olhar da fotógrafa e pesquisadora, compõem uma harmonia contagiante possível de ser ampliada, inclusive, com a imagem e suas filhas na cata de marisco (figura 09).

### **Esperanças de transformação de velhas formas de ser e viver**



Figura 11 - Foto de trabalho de campo  
em 01/11/2008.

### **Alegrias e ofício: o prazer do “saber fazer”**



Figura 12 - Foto de trabalho de campo  
em 01/11/2008.

A intenção aqui foi de acentuar a possibilidade da construção de uma narrativa de imagens, destacando as lúdicas vivências educativas das crianças no espaço de trabalho de suas mães. Afinal, as séries fotográficas, mesmo que com apenas duas fotos, adverte Burke, podem evitar dificuldades ao “transformar uma história numa cena”.<sup>204</sup>

As meninas, crianças como as da imagem acima, aprendem desde cedo junto a suas mães, na lida da maré, o reconhecimento de que o manguezal é “o supermercado que abastece e se reabastece por conta própria”, como diz Ataís. As lições que provavelmente levarão para suas vidas aprendidas no ato de mariscar diário é que a desvalorização da vida e de seu meio ambiente traz resquícios profundos para suas vidas e para a das mulheres e dos homens. Nesse sentido, percebe-se que, no decorrer da história da humanidade, as mulheres têm desenvolvido uma relação diferenciada com a natureza em comparação aos homens. As mulheres se mostram mais pré-dispostas a proteger o meio ambiente. Nos filhos das pecadoras, vê-se como as pessoas se produzem e se reproduzem na vida; como se constituem em multiplicadores de modos de vida, de visões de mundo: “o trabalho no mangue é um trabalho pra ela (refere-se às filhas). Ela num vai passá fome. Se ela num achá, tem o mangue pra a gente tê do que vivê...”, diz Ataís num tom de “missão cumprida”, por já ter conseguido passar à Priscila e Natália o seu saber da pesca.

Trabalhar a questão do resgate da visão feminina no cotidiano dessas mulheres é partilhar da ideia do equilíbrio em lugar da sobreposição da ótica feminina sobre a masculina. Percebemos que na sociedade ocidental o patriarcado se enfraqueceu no momento em que o feminismo alcançou maiores espaços e peso cultural. Parte-se do princípio de que não há de fato um culpado, o masculino não é determinado como o inimigo, mas sim como um extremo apenas de uma complexa realidade histórico-sócio-cultural existente entre homens e mulheres. Não se quer igualdade, e sim, equidade. Espera-se, dessa forma, uma atenção voltada às singularidades e, assim, se chegar a vias onde mulheres não necessitem renegar a sua natureza de valorização da vida, criadora e criativa.<sup>205</sup>

Ao que parece, pela ótica masculina, muitas vezes passa despercebido o potencial de que as mulheres são depositárias de um outro modo de ser, outros valores, outra cultura, decorrentes da maternidade e da sua condição de reprodutoras da vida. A pescadora não somente gera seus filhos, como também os ensina a sobreviver de sua arte. Concretiza-se neste ato a possibilidade de uma nova forma de estruturação da sociedade que incorpore a

---

<sup>204</sup> BURKE, P. op. Cit., p. 189.

<sup>205</sup> RUETHER, Rosemary Radford. Ecofeminismo: Mulheres do primeiro e terceiro mundo. Disponível em: [http://editora.metodista.br/textos\\_disponiveis/mandra6cap1.pdf](http://editora.metodista.br/textos_disponiveis/mandra6cap1.pdf). Acesso em: 02/01/2006.

riqueza do universo feminino, já visto que as mulheres estiveram sempre mais próximas das condições vitais, ao invés de desvalorizá-las. Conforme Garcia<sup>206</sup>, o “princípio feminino” seria uma forma “essencialista” de ver essas relações, já que traz uma visão de “*essência humana imutável e irredutível*”, associada às mulheres cuja essência não está tão impregnada da ótica econômica, política e social que comumente adotamos nas nossas relações.

Quando perguntei a D. Edite se seu filho também vivia da pesca, a timidez dessa senhora deu lugar a uma determinada altivez, que até então ainda não tinha percebido na entrevista. Categórica, afirmou: “Eu tenho muito orgulho de meu filho marisqueiro, ele tem ôta profissão, mas é marisqueiro”. Vi no semblante e no tom de D. Edite a urgência em informar que seu filho, apesar de ter uma outra profissão, tem a garantia de poder tocar a vida, caso o atual emprego lhe falte um dia. Não há oposição significativa dessas mulheres a que seus filhos tenham uma profissão diversa da pesca. Muitas delas evidenciam o desejo de ver os filhos com outras perspectivas de trabalho, mas em paralelo, faz-se a leitura de que não passarão fome haja visto o saber do ofício da pesca, o que preenche de tranquilidade o coração materno. Milton Santos considera que uma “dada situação não pode ser plenamente apreendida se, a pretexto de contemplarmos sua objetividade, deixamos de considerar as relações intersubjetivas que a caracterizam”<sup>207</sup>. Com base nesse pensamento, a relação estabelecida entre mulher e sua cria jamais poderá ser competentemente analisada em determinado estudo, caso não lhe seja conferida a necessária singeleza e astúcia analítica. Desta forma, ressalte-se que o posicionamento das mulheres como cuidadoras das crianças, jardineiras, tecelãs, cozinheiras, faxineiras e administradoras dos gastos para os homens dentro das famílias, não pode ser confundido com uma possibilidade de inferiorização e identificação das mulheres como integrantes de um mundo de segunda ordem.

Em se tratando do posicionamento da mulher frente ao seu substancial papel no meio social, Roquelina ilustra a figura de mulher que sente e incorpora a figura mantenedora, a representação do fio condutor da estrutura familiar que ela propõe para seus filhos e seu companheiro. Sentada em sua poltrona, Roquelina, desde nossos primeiros contatos, sempre se mostrou muito docemente taxativa nas suas afirmações sobre o seu papel em casa, no que se diz respeito ao trato com sua família, uns com os outros. Percebo que há uma simbiose entre a vida dentro de casa que acaba se refletindo no zelo com que trata o manguezal e vice-versa. É como se este e a família representassem fontes de vida indissociáveis entre si: “e é

---

<sup>206</sup> GARCIA, Sandra M. Desfazendo os vínculos naturais entre gênero e meio ambiente. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, v.0, 1992. p. 164.

<sup>207</sup> SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo/razão e emoção. p. 253.

isso que eu ensino pra meus filhos e muita gente tá começando a me imitar..., eu solto beijo pros pássaros, pros peixes, falo com um jegue, com os boi, com as vaca..., mas isso me dá uma paz tão grande...”<sup>208</sup>

A partir do modo como trata aos seus em casa e como os inicia ao ofício da pesca, a mulher do Iguape se torna depositária e transmissora do valor que atribue à profissão. Esse tesouro a autoriza a ser uma potencial peça na possibilidade de reestruturação da desorganização geossistêmica atual, no momento em que envia para o futuro seus valores e crenças. Roquelina, mesmo não contando com os muitos anos de experiência de vida de D. Edite, demonstra linha de pensamento muito próxima da mesma. Conta, por exemplo, em tom de alívio, que se sentiu feliz ao se dar conta de que a sua filha mais nova sabia “*cavar mapé*”. Observa-se, mais uma vez, que a bagagem que essas mulheres trazem simboliza o fluir da vida que acontece mesmo diante das dificuldades, representando sua capacidade de resistência.<sup>209</sup> E não se pode falar em resistência, sem falar em entusiasmo, sensação tão presente nestas mulheres do Iguape:

*que chova ou que faça sol, a gente tem que ir pra maré..., porque não tem quem dê..., a gente véve daquilo..., com 11 anos eu fui trabalhá numa casa em Cachoeira, depois me casei, trabalhei na Suerdieck..., eu trabalhava lá e quando era sábado e domingo, eu ia mariscá pra dá comida a meus filho porque minha família era muito grande..., meu marido trabalhava, mas o dinheiro que ele ganhava na Suerdieck era todo prá bebê..., e eu tinha que trabalhá porque eram 8 filhos pra educá, prá tudo..., eu arriei ele, hoje em dia ele mora em Itaberaba..., mas é isso...*

Outro exemplo de resistência é personificado em D. Edna<sup>210</sup>, na postura e no olhar alegre dessa jovem senhora quando fala sobre como vai para o seu trabalho, geralmente acompanhada de suas filhas. Ela conta que, quando estão no mangue, qualquer carro de som que passe é motivo para cantar e sambar. Muniz Sodré diz que os indivíduos produzem cultura enquanto produzem a si próprios a partir das várias maneiras de viver, amar, escrever,

---

<sup>208</sup> Entrevista citada.

<sup>209</sup> SANTOS, Milton. op. cit. 2000. p. 55.

<sup>210</sup> Entrevista citada.

festejar, enfim, registrar, conscientemente ou não, a sua existência no mundo<sup>211</sup>. Dessa forma, como D. Edna, as pescadoras seguem como agentes construtores e modificadores de seu espaço na cultura que se desenha.

Para a autora Vandana Shiva, a origem dos problemas de relacionamento entre homem e meio natural está no paradigma desenvolvimentista que orienta essas ações, que vê o meio ambiente como um “recurso” separado e à disposição da humanidade, algo “inerte, passivo, uniforme, separável, fragmentado e inferior, a ser explorado”.<sup>212</sup> O papel protagonista da mulher na agricultura foi excluído por essa forma de pensar, já que ela deixou de ser vista como agricultora, silvicultora, administradora de recursos hídricos, etc. Seu conhecimento ecológico, plural, foi sendo inferiorizado e perdido, pois o seu pensamento dirvegia da ótica que via natureza apenas como recurso. O resgate do modo produtivo feminino, segundo Vandana Shiva, é de grande importância, posto que o trabalho das mulheres é pautado em outros valores. Ele é baseado na estabilidade e sustentabilidade, na diversidade, na descentralização, no trato de plantas que não têm retorno comercial imediato, na busca do sustento de todos, da alimentação em particular, sem que a necessidade de excedentes, o que é visto em algumas dessas culturas como um “roubo” à natureza, uma vez que são recursos que não necessitam ser usados.

A defesa sócio-ambiental sustentável, incluindo participação e modo de vida de populações tradicionais, é tema de verificação do modo como evolui a participação social da mulher em um meio profissional reconhecidamente masculino: a pesca. As tensões entre a humanidade e meio ambiente, evidenciadas pelos ideais de “desenvolvimento”, “progresso” e pelas práticas cotidianas a ele associadas, avançam de forma dissonante com a natureza. Tal perspectiva está refletida no cotidiano das pescadoras, constituído de trabalho e luta por direitos. Histórias que se fazem perceber nas mulheres ouvidas, expressas nas lembranças e no conhecimento que possuem sobre a pesca no manguezal repassado às gerações seguintes:

*a gente não tinha outra vida, tinha que ser pescadora..., desde a idade de 10 anos, perdi minha mãe, criei um irmão, vivi do mangue e continuei..., trabalhei na Suerdieck e mesmo assim fugia pra ir pro mangue..., minhas filhas, desde*

---

<sup>211</sup> Ver CABRAL, M. S. A. A Verdade Seduzida - Por Um Conceito de Cultura No Brasil. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

<sup>212</sup> SHIVA, V. 1991 apud SILLIPRANDI, Emma. op.cit. p. 65.

*pequena, todas foram criadas no mangue., no mangue sempre a gente traz alguma coisa pra podê sustentar os filhos.*<sup>213</sup>

Nessa reflexão de D. Benedita, percebe-se a satisfação e o encantamento ao falar sobre a sua vida na pesca, desde muito criança. Tem-se nessa mulher, uma ex-trabalhadora da Suerdiek, exemplo de mão-de-obra barata utilizada sob ostensiva fiscalização da feitura de charutos, já que a alta produtividade é o que conta na lógica do lucro. Esse fato traz o procedimento aplicado, sobretudo, à populações carentes de oferta de emprego como as da Baía do Iguape. Contudo, nesse caso, estas dispõem ainda do manguezal que lhes vale a sobrevivência num trabalho desempenhado com muito gosto e repleto de sentido para suas vidas.

O espaço da mulher pescadora da Baía do Iguape (englobando tanto a sua casa como o manguezal) e também modo como se comporta durante a pesca servem como mediação na transmissão de conhecimentos, valores, símbolos. Estes elementos contribuem para transferir de uma geração a outra o saber, as crenças, os sonhos e as atitudes sociais. Conclui-se, nesse caso, que o espaço de trabalho exerce papel fundamental na produção do Homem.

As pescadoras são mulheres que estão na permanente labuta, atentas às necessidades de conservação de seu meio: “Na hora da pesca, se pegá bichinho pequeno, tem que soltá. Veio pequenininho, eu sóрто na hora, se não, tudo se acaba”, fala D. Edite no exercício de seu papel como também responsável pela manutenção da biodiversidade. Elas produzem, reproduzem, consomem e conservam uma certa biodiversidade na agricultura<sup>214</sup>. Portanto, a tendência é que, para as mulheres, o equilíbrio do meio ambiente venha a se apresentar como um fator fundamental para a qualidade de vida da família, concebendo assim, a natureza como fonte de vida que precisa ser preservada. Enquanto isso, na visão capitalista patriarcal, a natureza não passa de um mero objeto de exploração, dominação e poder.

Com as pescadoras, ao que parece, pode-se observar que as noções de progresso, desenvolvimento e evolução são diferentes. De acordo com o pensamento da geografia cultural, uma série de críticas às abordagens até então construídas colocam em dúvida, problematizam e trazem a ideia de que as mulheres se diferenciam dos homens “não é por

---

<sup>213</sup> Entrevista citada.

<sup>214</sup> SHIVA, Vandana apud ANGELIN, Rosângela. Gênero e meio ambiente: a atualidade do ecofeminismo. Revista Espaço Acadêmico, Ano V, nº 58, Mar. 2006. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/058/58angelin.htm>. Acesso em 15 jun. 2008.

terem nascido mulheres, e sim, porque têm pontos de vista historicamente e socialmente construídos, podendo oferecer visões sobre o desenvolvimento social”<sup>215</sup>.

Aqui entende-se que o desenvolvimento social prediz a ideia de sustentabilidade, pois trata da capacidade que a natureza tem de dar sustento à vida. O sentido de desenvolvimento – que se construiu como uma ideologia que dá sentido ao sistema de relações de poder no mundo – é distante do sentimento de interdependência com a natureza estabelecido por essas pessoas. Há indícios de que as populações tradicionais, por viverem em comunhão com seu meio, vivenciam mais a sensação de bem estar do que populações de países tidos como “primeiro mundo”, onde a lógica seria a “submissão do outro” a título de mostra de soberania, como aborda Díaz Muñoz<sup>216</sup>.

Dessas distintas cosmovisões, faz-se necessário aos estudiosos contribuírem mais para a compreensão da sociedade através das numerosas facetas da cultura. Como exemplo, temos a cultura popular em suas múltiplas manifestações e variações espaciais, buscando o que é banalizado ou o que passa despercebido a olhos menos atentos. Deve-se também encontrar pistas de fatos que quebrem paradigmas e promovam os estudos dos variados modos de vida. É justamente o que se tenta fazer neste estudo do cotidiano e meio ambiente sobre as pescadoras da Baía do Iguape. A mulher pescadora, gradativamente, toma ciência de sua importância na sociedade como mulher, cidadã e produtora responsável pelo seu espaço social, pela sua interação com o ambiente efetivada de modo sustentável e responsável.

Ainda com relação às populações tradicionais, Robinson<sup>217</sup> desenvolve o conceito de sociedades sustentáveis para (re)significar de forma mais apropriada a “sustentabilidade dos modos de vida”. Estas sociedades são aquelas que satisfazem as suas necessidades sem diminuir as possibilidades das gerações futuras de satisfazer as delas. Isso representa uma nova visão das sociedades, visão esta já internalizada naturalmente por populações como a da Baía do Iguape por conta de seus modos de vida, que reconhecem as práticas existentes e que respeitam os diferentes estágios de desenvolvimento. É possível, a partir desse conceito, definir o padrão de produção e de consumo, bem como o de bem-estar determinado por cada cultura. Na medida em que a natureza foi perdendo seu caráter sagrado iniciou-se a sua exploração. Neste sentido, essa ideia consiste em recuperar na natureza a mulher, o homem e as formas criativas de ser e perceber. No que se refere à natureza, supõe vê-la como um organismo vivo.

---

<sup>215</sup> SILIPRANDI, Emma. op. cit. p. 70.

<sup>216</sup> idem. p. 38.

<sup>217</sup> ROBINSON. 1990 apud SALDANHA, Iaskara R. R. op. cit. p. 31.

Privilegio a importância do advento da mulher vir construindo sua libertação das redomas domésticas ao sair para a garantia do próprio sustento, felicitando-me pelo fato de que os resultados vêm tomando corpo para a realidade da mulher de hoje. Essa cultura prediz um desenvolvimento íntimo de negociação e produção com o mundo em paralelo com o materialismo a partir da realidade produzida pelas pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que a pesquisa teve sucesso em verificar que o enfrentamento de problemas cotidianos serviu para impulsionar a mulher pescadora à organização e à crescente participação na colônia de pescadores e associações de bairro. Desde que foi obrigada a se posicionar para a conquista de garantias trabalhistas, a sua presença nas tomadas de decisão é expressiva e frutífera, ainda que haja muito mais pela frente a ser reconquistado.

A mulher, aqui representada pela figura das pescadoras, desde o momento em que decidiu que seria ouvida, vem caminhando em prol do que muito se fala há tempos sobre os anseios de uma sociedade mais saudável. Fez-se necessário a sua saída da invisibilidade social para o posicionamento firme e realizador para que as relações entre pescadores e pescadoras enfim se dessem em um formato diferente. O movimento das mulheres, constituinte de um movimento maior, o de gênero – assim como o de tantos outros excluídos – remete-nos a registrar outros tantos grupos que vêm construindo suas histórias, cada um em seu tempo e espaço.

Na construção dessas histórias, a postura de “cuidadora” muitas vezes tende a justificar a opressão e submissão das mulheres, haja visto que surgiu muito antes do capitalismo. A origem desse pensamento pode ser verificado historicamente desde que os povos deixaram de ser nômades e utilizaram a divisão social do trabalho como forma de organização. Assim as mulheres permaneceram mais ligadas ao lar e aos filhos, enquanto os homens se ocupavam, prioritariamente, com as caçadas, por serem dotados de maior força física.

Em decorrência dessa divisão social do trabalho, as mulheres descobrem a agricultura e passam a ter uma relação mais próxima com a natureza. A respeito desta proximidade com o meio natural, Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*<sup>218</sup>, denuncia a exclusão das mulheres do espaço público em função da naturalização do papel feminino na reprodução. A mulher passa a ter uma vida cíclica, quase inconsciente, enquanto aos homens são reservados todos os benefícios da “civilização”.

Com as pescadoras, ouvi histórias de paixão pela sua arte de pesca, pelo seu lugar. Essas mulheres experimentam a confirmação dessa intimidade com a natureza, mas não a faz em modo subserviente, e sim, em comunhão com a natureza zelosa e perpetuamente socorredora. É do meio natural que as pescadoras retiram o sustento, o que lhe traz muita percepção da importância da natureza representada pela terra, a água e os animais, fazendo-as

perceberem-se dentro do complexo relacional humanidade-natureza<sup>219</sup>. Isto parece as impulsionar, também, a enfrentar as dificuldades na vida de maneira otimista, sinalizando grande maturidade e sabedoria, o que é percebido no momento em que relatam que “qualquer lata batendo é mutivo prá cantá e sambá”. Assim, fazem-se cantadoras e encantadoras da maré e de suas vidas.

Esse modo como levam suas vidas e a experiência vivida no espaço de trabalho têm sua análise possibilitada pela utilização do pensamento da fenomenologia que traz para a Geografia a alternativa de pensar sobre o mundo vivido, a importância do vivido e experiência que essas mulheres têm no/do mundo. A percepção que a mulher pescadora possui da natureza ao seu redor, do seu lar, do manguezal, da valorização e modo de realizar o seu trabalho, a deixa desperta para os problemas enfrentados. Cria-se aí a possibilidade de análise da realidade natural, cultural e social que resulta das práticas de seu cotidiano.

Defender a indissociabilidade entre Homem e mundo natural ganhou força nas últimas décadas. A Amazônia, por exemplo, vista como o inferno verde na década de 1960, hoje é tida com aguda nostalgia do mundo industrializado, frente à possibilidade do modo de vida onde o equilíbrio entre o homem e natureza seria harmoniosamente preservado<sup>220</sup>. Apesar das diferenças que manifestam em sua organização interna, todas as cosmologias das populações tradicionais têm como característica comum o fato de não fazerem distinções ontológicas absolutas entre os humanos, de um lado, e grande número de espécies animais e vegetais, de outro. Philippe Descola afirma que as entidades que povoam o mundo, em sua maior parte, são ligadas umas às outras em um vasto *continuum* animado por princípios unitários e governado por um idêntico regime de sociabilidade<sup>221</sup>.

O comportamento transmitido socialmente e os modelos mentais de perceber, relatar, interpretar e agir sobre o espaço são perspectivas de análise do desejo do indivíduo face aos fenômenos do meio. O espaço vivido é o locus da representação, das experiências e das memórias pela incorporação do não-racional, do emocional e de suas contradições. Esse espaço, trazido aqui pelas pessoas ouvidas, apresenta-se carregado de satisfação, reminiscências e felicidade.

Verifica-se isso entre as pescadoras pois o espaço em que vivem e desenvolvem seu trabalho é o mesmo espaço onde se aprende e se concretiza o sentido dos lugares, bem como o

---

<sup>218</sup> Ver BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. São Paulo: Bertrand Brasil, 1986.

<sup>219</sup> CARVALHO, Wilson Sérgio de Carvalho. Raízes da Ecologia Social: o percurso de uma ciência em construção. Rio de Janeiro. EICOS/IP/UFRJ, 2005. p. 31.

<sup>220</sup> DESCOLA, Philippe. Ecologia e Cosmologia apud DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Editora HUCITEC, 2000. p. 149.

peso das representações religiosas. Deste modo, pode-se verificar o como se modela a experiência que as pessoas têm e no que isso influencia sobre a sua ação e percepção. O lugar da mulher pescadora representa tranquilidade e segurança: o espaço-tempo-vivido que nos remete à topofilia e aos ritmos de tempo e espaço, somados aos laços afetivos dos seres humanos com o meio material. Isso lhes possibilita poder perceber o mundo através de seus sentidos: através das formas, das cores, dos sons, dos odores, no modo como se movem corporalmente, nos sabores, como também através do comer e beber.

Verificamos, então, como determinada realidade gera o comportamento espacial dado a partir da percepção que se tem do espaço. Nessas práticas de percepção do espaço, estão o equilíbrio do homem e seu meio, que se reflete no respeito do primeiro ao seu espaço e nos laços afetivos de união ao lugar. O lugar é composto das experiências vividas e aspirações e é onde se enraízam sentimentos que reaparecem nas relações pessoais a exemplo do trato com a família e a comunidade, assim como nas interpretações da vida e das experiências de quem convive com a natureza. O lugar é, portanto, a soma das dimensões simbólicas ao encarnar experiências corriqueiras e aspirações humanas numa abordagem geográfica humanística-cultural.

A ciência do povo, da tradição, a memória e realidade da existência está baseada na interpretação do que se vê e do que se vive. A mulher pescadora abarca a possibilidade de criar história e cultura principalmente na relação estabelecida através de seu trabalho com a natureza. O olhar dessa mulher se faz complexo, pois está mergulhado na totalidade do seu meio ambiente. Ela se mostra forte pela força e dignidade contraídas pelo seu labor no manguezal, favorecendo a sua auto-estima e a construção de indivíduos já que é mantenedora de sua família. A memória é um elemento importante no amor pelo lugar, se refletindo tanto nas relações pessoais como nas simbologias impregnadas no espaço em que vivem: o cotidiano e o transcendental que perfazem um conjunto amplo de motivos e emoções.

O viver peculiar das pescadoras não perde o brilho por conta do pesado trabalho. Ao que parece, a natureza proporciona a elas lições diárias, já que suas vidas se dão na rotina da pesca, em que mulheres e homens necessitam superar o mito da separação pondo em prática o sentido do “compartilhar”. Acredito que essa relação de compartilhamento acontece no momento em que as pessoas se põem acolhedoras à ideia de que cada uma responde por suas responsabilidades perante o grupo social de modo atento ao que acontece a sua volta. As relações sociais se dariam de modo mais justo, sem sobrecargas de um indivíduo para o outro,

---

<sup>221</sup> idem. p. 154.

proporcionando o bem-estar coletivo. Enrique Leff<sup>222</sup> traduz a insustentabilidade do planeta como o resultado de uma “crise da civilização”, o que corrobora a ideia de Shiva de que há mesmo uma desestruturação geossistêmica. A autora a recomenda que essa desestruturação seja solucionada de acordo com as características particulares de cada sociedade.

Vivenciamos uma sociedade onde os modos de produção, respaldados pela competitividade, perversidade sistêmica<sup>223</sup>, alimentam-se das desigualdades de gênero, raça e etnia, ao contrário do ideal social baseado em políticas de distribuição de riquezas e do trabalho. Compartilho com vários autores como Souza que esse ideal só é possível com a formação de cidadãos autônomos capazes de escolher, agir e transformar a realidade. A autonomia, individual e coletiva, de suas populações perfaz um dos ideais balizadores de criação e implementação de Reservas Extrativistas.

Quanto ao papel da mulher, tendências e debates no Brasil e no mundo afirmam as alternativas alavancadas pelo princípio feminino com as suas várias possibilidades de participação e construção social. Indo ao encontro desta ideia, Muñoz propõe uma abordagem específica para a crise ambiental, destacando a conexão especial das mulheres com a natureza<sup>224</sup>, em um exemplo de leitura social contemporânea da mulher da atualidade. Com base nessa e em outras leituras, foi analisado o cotidiano das pescadoras sob a ótica do princípio feminino e agregando elementos constituintes de histórias nas representatividades sociais. Esse aspecto da análise cultural se candidata à perenidade e se consagra como elemento pertencente de uma determinada cultura<sup>225</sup>.

Partindo do pensamento dessa conexão especial entre mulher e natureza, percebemos que o ser humano não deve ser visto apenas como integrante da natureza, mas também, como integrante e resultado de sua dinâmica evolutiva, perfazendo uma unidade complexa. Dessa maneira, percebo que a vida das pescadoras, em especial, vai se desenhando a partir do espaço de vida que se constrói nos seus sentimentos pelo lugar e pelas sociabilidades<sup>226</sup> criadas com as pessoas de seu convívio. A pescadora, no seu trabalho em contato direto com a natureza, arma-se de elementos que a esclarecem sobre a necessidade da interação com o meio ambiente. Assim, procurei investigar a forma como se dá o seu espaço, os dramas diários enfrentados, o modo de morar, de cuidar da casa e de se alimentar, o trato com a família. Ela

---

<sup>222</sup> Ver LEFF, Enrique. Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

<sup>223</sup> SANTOS, Milton. op. cit. 2000. p. 20.

<sup>224</sup> DÍAZ MUÑOZ, M. A. e MOYA, J. M. Mujeres, espacio y sociedad. Hacia una geografía del género. Madrid: Síntesis, 1995. p. 327.

<sup>225</sup> ROSENDAHL, Z e CORRÊA, R.L. (org) Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2005. p. 180.

prova que pode contribuir e desenvolver lógicas próprias mais críticas (mesmo que intuitivamente), apropriadas à promoção de um novo relacionamento entre humanidade e natureza. Este relacionamento se baseia nos princípios comunitários, na alteridade e em ações contrárias à transformação do indivíduo no “ser apenas mais um” e na sua capacidade de conciliar e compreender, tão bem representada pela sua conduta de ponderar e nutrir o que está ao seu redor<sup>227</sup>. Ao que parece, as pescadoras, por sua visão de mundo, tendem a se relacionar inter-pessoalmente de forma similar ao amparo que recebem da natureza.

O ser humano parece mesmo caminhar num processo de “despertar” para a necessidade de novas adaptações bio-sócio-culturais que respondam a uma nova prática de equilíbrio homem-meio-homem, rumo à consciência da universalidade.<sup>228</sup> Se porventura o que se objetiva é a elaboração de uma nova aliança com o meio natural – tal como veiculam os grandes meios de comunicação na atualidade –, acredito que se encontra na mulher e no princípio feminino (leia-se no homem e na mulher) fontes plenas de inspiração.

---

<sup>226</sup> SANTOS, Milton. op. cit. 2000. p.114.

<sup>227</sup> DÍAZ MUÑOZ, M. A. e MOYA, J. M. op. cit. 1995. p. 165.

<sup>228</sup> SANTOS, Milton. op. cit. 2000. p. 55.

## REFERÊNCIAS

### **ORAIS**

**Ataís Cristina de Silva**, 29 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 01/11/2008.

**Benedita Souza de Oliveira**, 59 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 05/07/2007.

**Edna da Conceição dos Santos**, 59 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 05/07/2007.

**Erivaldo Santos**, 72 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 16/08/2008.

**Eulina Souza**. 52 anos. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 05/07/2007.

**Lourival Santos**, 66 anos. Pescador. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 06/07/2007.

**Regina Célia dos Santos**, 57 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 05/07/2007.

**Roquelina Souza de Almeida**, 43 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 06/07/2007.

**Taís Aparecida de Jesus dos Santos**, 23 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 05/07/2007.

### **BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, Roquelina. **Pescando Poemas**. Ed. Radame. Prefeitura Municipal de Maragogipe, 2002.

ANDRADE, Manoel Correia de. & FLORESTAN, Fernandes. **Elisée Reclus - Geografia**. Série Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Editora Ática, 1985.

ATLAN. Henri. **Entre o Cristal e Fumaça**. Rio de Janeiro. Jorge Zhar editor, 1992.

BAHIA. Bahia Pesca. **Boletim da Pesca Marítima e Estuarina - Estado da Bahia**. Relatório Técnico. Tabelas. 2002. 25p.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1986.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, Mundialização, Espiritualidade**. São Paulo: Ática, 1993.

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: História e imagem**. Bauru, EDUSC, 2004.
- CABRAL, M. S. A. **A Verdade Seduzida - Por Um Conceito de Cultura No Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
- CAPRA, Fritjof, **A teia da vida**. Cultrix. São Paulo, 1998.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Paz. e Terra, 1999.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. São Paulo, Paz e Terra, 1991.
- CARVALHO, Marcos Bernardino de. **Geografia e Complexidade**. Scripta Nova. Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales. Barcelona: n. 34, 1999.
- CARVALHO, Vilson Sérgio de Carvalho. **Raízes da Ecologia Social: o percurso de uma ciência em construção**. Rio de Janeiro. EICOS/IP/UFRJ, 2005.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia cultural**. 2ª ed.: UFSC, Florianópolis: 2001.
- CORREA, Roberto Lobato. **Geografia: Temas Sobre Cultura e Espaço**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução à Geografia Cultural. Geografia Cultural: Um século (2)**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2000.
- DI CIOMMO, Regina Célia. **Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade**. Revista de Estudos Feministas, Jul./Dez. 2003, vol.11, no.2, p.423-443.
- DI GIOVANNI, Júlia. **A gricultura na Sociedade de Mercado – As mulheres dizem não ao livre comércio**. Ed. SOF. São Paulo, 2006.
- DÍAZ MUÑOZ, M. A. e MOYA, J. M **Mujeres, espacio y sociedad. Hacia una geografía del género**. Madrid: Síntesis, 1995.
- DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.
- DIEGUES, A. C. S. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. Ed. Ática, 1983.
- DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. Revista Estudos Avançados da USP. n. 49. vol. 17, set./dez. 2003. p. 151-172.
- FERREIRA, M de Moraes e Armando J. (org.). **História Oral Usos e Abusos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora. 1996.
- FURLAN, Sueli. A. **Lugar e Cidadania: implicações socioambientais das políticas de conservação ambiental (situação do Parque estadual na Ilha de São Sebastião – SP)**.

Dissertação (Doutorado em Geografia Física) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

GARCIA, Sandra M. **Desfazendo os vínculos naturais entre gênero e meio ambiente.** Estudos Feministas, Rio de Janeiro, v.0, 1992.

GAY, Peter. **O estilo da História Oral.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna.** Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** São paulo, Ateliê, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental. Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder.** Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família: leitura da fotografia histórica.** São Paulo, EDUSP, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **A Conquista do presente.** Rio de Janeiro. Rocco, 1984.

MALDONADO, Simone Carneiro. **Pescadores do mar.** São Paulo: Ática, 1986.

MALDONADO, Simone Carneiro. **Mestres e mares: espaço e indivisão na pesca marítima.** São Paulo: Annablume, 1994.

MARIANO NETO, Belarmino. **Ecologia e Imaginário.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.

MERLEU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MMA/IBAMA/CPEPNE/BAHIA PESCA S.A. **Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Estado da Bahia – 1998.** Tamandaré, 1999.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias geográficas. Espaço, cultura e política no Brasil.** São Paulo: Hucitec, 2002.

MORAES, A. C. Robert. **Geografia: pequena história crítica.** 18.ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

MORIN, Edgar. **O Desafio da Complexidade.** Extraído do Livro Ciência com Consciência. Editora Bertrand Brasil, 1996.

MORIN, Edgard. **Introdução ao Pensamento Complexo.** Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

MORIN, Edgar & KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria.** Porto Alegre. RS: Editora Sulina, 1995.

- NUNES, Eduardo José Fernandes. **Pescadores de Nagé. Um estudo sobre relações sociais e impacto-ambiental.** UFBA, 1988.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** Ed. Contexto, 2007.
- PLUMWOOD, Val. **Feminism and Ecofeminism: Beyond the Dualistic Assumptions of Women, Men, and Nature. Feminism and Ecology. Society and Nature,** Littleton: Agis, v.2, n.º1, 1993.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, P. 200-212.
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos, CPDOC/FGV, São Paulo, Editora Revista dos Tribunais, Vértice, 1989/3.
- PRIORE, M. L. M. **História das mulheres no Brasil.** 1ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- PROGRAMA beneficia marisqueiras e pescadores de seis municípios. Encontro discute expansão da iniciativa que atende 2,6 mil pessoas.** Correio da Bahia, Salvador, 17 fev. 2002. Interior, p. 4.
- PROST, C. **Desenvolvimento sustentável da pesca artesanal em região costeira – estudos de caso no Norte e Nordeste do Brasil,** 2007.
- PROST, C. **Impactos territoriais e ambientais: Efeitos da barragem da Pedra do Cavalo sobre a pesca artesanal na baía do Iguape,** 2008.
- QUEIROZ, Maria Isaura P. de. **Relatos Oraís: do ‘indizível’ ao ‘dizível’** apud **Revista Ciência e Cultura,** São Paulo, v. 39, n.3, p. 272-286, mar. 1987.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993.
- RIBEIRO, Luis Felipe. **Geometrias do Imaginário.** Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 2000.
- ROSENDAHL, Z e CORRÊA, R.L. (org) **Geografia: Temas sobre Cultura e Espaço.** Rio de Janeiro, EdUERJ, 2005.
- ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato. **Matrizes da geografia cultural. Geografia: temas sobre cultura e espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.
- RUETHER. Rosemary R. **Gaia and God: a Ecofeminist Theology of Earth Healing.** San Francisco, CA. Harper San Francisco, 1992.
- SALDANHA, Iaskara R. R. **Espaços, recursos e conhecimento tradicional dos pescadores de manjuba (Anchoiella lepidentostole) em Iguape - SP.** São Paulo, 2005.

- SANTOS, Mário Alberto dos. **Unidades de Conservação, Planejamento comunitário e educação: uma análise da realidade da reserva extrativista marinha Baía do Iguape-BA.** Dissertação de Mestrado. 2007. Instituto de Geociências, UFBA, Salvador, 2007.
- SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.(org.). **A construção do espaço.** São Paulo: Nobel, 1986.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo/razão e emoção.** São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.
- SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Nobel, 1987.
- SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem.** São Paulo: Hucitec, 1982.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SARTRE, Jean Paul. **O Existencialismo é um Humanismo.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- SCOTT, James C. **Formas cotidianas de resistência camponesa.** Revista Raízes. Vol. 21, nº 01, jan.-jun./2002.
- SHIVA, Vandana. **Abrazar la vida: mujer, ecologia y supervivencia.** Montevideo: Instituto del Tercer Mundo, 1991.
- SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia.** Rio de Janeiro, ARBOR Ltda, 1981.
- SOUZA, Cláudia Cristina. **Mulheres da maré: um estudo sobre as marisqueiras de Maragogipe – Bahia.** 1991. Monografia (especialização). UFBA, Salvador, 1991.
- SOUZA, J. **A construção social da subcidadania: para uma Sociologia Política da modernidade periférica.** Belo Horizonte: UFMG, 2003. SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.77-116.
- TOTE, Carlinhos de. **Trajectoria.** Salvador: Ego BA, 1999.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.
- THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. Ética e História Oral.** Projeto História nº 15, Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História – PUC/SP. São Paulo, Abril de 1997.
- VANSINA, Jan. **A tradição oral e sua metodologia.** KI-ZERBO, J. (org.) História Geral da África. Metodologia e pré-história. Vol. I, São Paulo: Ática/Unesco, 1982. P. 157.

## ELETRÔNICAS

ANGELIN, Rosângela. **Gênero e meio ambiente: a atualidade do ecofeminismo**. Revista Espaço Acadêmico, Ano V, nº 58, Mar. 2006. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/058/58angelin.htm>. Acesso em 15 jun. 2008.

ARAÚJO, Rogéria. **Pescadoras exigem direitos**. Disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=24128>. Acesso em: 29 out. 2008.

BAHIA. **Secretaria de Meio Ambiente**. Disponível em: <http://www.meioambiente.ba.gov.br/conteudo.aspx?s=APATODOS&p=APAAPA>. Acesso em 20 ago. 2008.

BRASIL. **Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil**. Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento – PNUD/ Fundação João Pinheiro – FJP/ Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – IPEA/ Fundação IBGE/ CD-Room. 2000.

BRASIL. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Reserva Extrativista Marinha da Baía de Iguape – BA**. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/resex/iguape/iguape.htm>. Disponível em 10 abr. 2008.

BRASIL. IBGE. **Censo 2000**. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indicadores\\_sociais\\_municipais/default.shtml](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indicadores_sociais_municipais/default.shtml). Acesso em: 14 ago. 2008.

DEVALL, Bill. e SESSIONS, George. apud RUETHER, Rosemary Radford. Ecofeminismo: **Mulheres do primeiro e terceiro mundo**. Disponível em: [http://editora.metodista.br/textos\\_disponiveis/mandra6cap1.pdf](http://editora.metodista.br/textos_disponiveis/mandra6cap1.pdf). Acesso em: 02 jan. 2006.

GÉRMEN-Bahia. Grupo de Recomposição Ambiental. **Baía de Todos os Santos**. Disponível em: <http://www.seia.ba.gov.br/noticias.cfm?idnoticia=3491>. Acesso em: 15 abr. 2008

IGUAPE Sustentável. **Portal SEIA Notícias**. Disponível em: <http://www.seia.ba.gov.br/noticias.cfm?idnoticia=3491>. Acesso em: 29 out. 2008.

ISA, Valéria Macedo. **Governo Cria Reserva Extrativista Marinha na Bahia**. Disponível em: <http://www.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=988>. Acesso em: 17 ago. 2001.

KITS vão beneficiar marisqueiras de Maragogipe e Cachoeira. **Jornal A Tarde**, Salvador, 22 out. 2008. Disponível em: <http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=990336>. Acesso em: 30 out. 2008.

LEMONS, R. M. 2004. **Degradação ambiental causada pela ocupação antrópica em área de manguezal no bairro São Domingos em Ilhéus, Ba**. Disponível em:

<http://www.manguezais.vilabol.uol.com.br/literatura/monografia.html>. Acesso em: 22 ago. 2008.

MARÉ vermelha não tem relação com barragem. **Correio da Bahia**, Salvador. Disponível em: [http://ibahia.globo.com/plantao/noticia/default.asp?id\\_noticia=145866&id\\_secao=31](http://ibahia.globo.com/plantao/noticia/default.asp?id_noticia=145866&id_secao=31). Acesso em: 12 mai. 2007.

MORTE de peixes: 10 mil pescadores receberão salário mínimo. **Jornal A Tarde**, Salvador, 30 mar. 2007. Disponível em: <http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=741014>. Acesso em: 30 nov. 2007.

NOVO mercado e peixe é inaugurado em Maragogipe. **Jornal A Tarde**, Salvador. Disponível em: <http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=970124>. Acesso em: 26 set. 2008.

RUETHER, Rosemary Radford. **Ecofeminismo: Mulheres do primeiro e terceiro mundo**. Disponível em: [http://editora.metodista.br/textos\\_disponiveis/mandra6cap1.pdf](http://editora.metodista.br/textos_disponiveis/mandra6cap1.pdf). Acesso em: 02/01/2006.

SHIVA, Vandana. **Entrevista a Vandana Shiva sobre ecofeminismo**, 2005. Disponível em: <http://agendadelasmujeres.com.ar/index2.php?id=3&nota=1253>. Acesso em: 02/01/2006.

SPRETNAK, C. 1990. Ecofeminism: Our roots and flowering apud RUETHER, Rosemary Radford. **Ecofeminismo: Mulheres do primeiro e terceiro mundo**. Disponível em: [http://editora.metodista.br/textos\\_disponiveis/mandra6cap1.pdf](http://editora.metodista.br/textos_disponiveis/mandra6cap1.pdf). Acesso em: 02/01/2006.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)